



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA  
AMAZÔNIA**

**RODRIGO NEVES GOMES**

**A IMPRENSA ILUSTRADA:  
Uma análise das representações fotográficas em Belém  
(1910-1920)**

**Belém-PA  
2022**

**RODRIGO NEVES GOMES**

**A IMPRENSA ILUSTRADA:**

**Uma análise das representações fotográficas em Belém  
(1910-1920)**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

**Linha de Pesquisa:** Cidades, Floresta, sertão.

**Orientadora:** Franciane Gama Lacerda.

**Belém-PA**

**2022**

**FOLHA DE AVALIAÇÃO**  
**RODRIGO NEVES GOMES**

**A IMPRENSA ILUSTRADA:**  
**Uma análise das representações fotográficas em Belém**  
**(1910-1920)**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

**Linha de Pesquisa:** Cidades, Floresta, sertão.

**Orientadora:** Franciane Gama Lacerda.

**Belém (PA) 25 de abril de 2022**

**Banca examinadora:**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Franciane Gama Lacerda (Orientadora)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Nazaré Sarges (Examinadora Interna – PPHIST/UFPA)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Claudia Cerqueira Pereira (Examinadora Externa – Colégio Tenente  
Rêgo Barros)

**Belém-PA**  
**2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

G633i GOMES, Rodrigo Neves.  
A IMPRENSA ILUSTRADA : Uma análise das  
representações fotográficas em Belém (1910-1920) / Rodrigo  
Neves GOMES. — 2022.  
XII, 105 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Franciane Gama Lacerda  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2022.

1. Cidade. 2. Fotografia. 3. Imprensa. 4. Belém.  
5. Economia da borracha. I. Título.

CDD 981.15

---

## **Resumo**

A pesquisa tem como objetivo fazer uma análise de fotografias publicadas em jornais e outros impressos como álbuns e revistas que circulavam pela cidade de Belém-PA, nas primeiras décadas do século XX. Os principais jornais do período como Estado do Pará, Província do Pará e a Folha do Norte, passam a trazer retratos de pessoas e do espaço urbano que acompanhavam as matérias, ajudando na compreensão e na ideia de credibilidade das notícias veiculadas. Muitas dessas fotos traziam aspectos da cidade que eram diferentes da forma como a capital paraense era representada no período áureo das exportações de látex. Sendo assim, as imagens publicadas nos periódicos destacam outros ângulos da cidade. Diante disso, a dissertação discute como as representações de alguns aspectos urbanos de Belém e seus moradores registrados por meio de fotografias, nos ajudam a entender o contexto econômico, político e social em que essas produções foram publicadas, quando da chamada crise da borracha.

**Palavras chaves:** Cidade; Fotografia; Economia da borracha, Belém-PA, Século XX.

## **Abstract**

The research aims to analyze photographs published in newspapers and other printed matter such as albums and magazines that circulated through the city of Belém-PA, in the first decades of the twentieth century. The main newspapers of the period, such as *Estado do Pará*, *Província do Pará* and *Folha do Norte*, started to bring portraits of people and the urban space that accompanied the articles, helping in the understanding and in the idea of credibility of the news transmitted. Many of these photos showed aspects of the city that were different from the way the capital of Pará was represented in the heyday of latex exports. Thus, the images published in the periodicals highlight other angles of the city. Therefore, the dissertation discusses how the representations of some urban aspects of Belém and its residents recorded through photographs, help us to understand the economic, political and social context in which these productions were published, during the so-called rubber crisis.

Keywords: City; Photography; Rubber Economy; Belém-PA; 20 th century.

## **Agradecimentos**

Os anos de 2020 e 2021 foram talvez um dos mais difíceis para a vida dos pesquisadores brasileiros, não apenas dos pesquisadores, mas creio que da maioria das pessoas. Isso tudo devido a uma pandemia mundial que ocasionou no afastamento e no isolamento das pessoas.

Universidades, bibliotecas e arquivos fechados atrapalharam o andamento das pesquisas. E isso tudo junto com o fato de estamos isolados e amedrontados com as notícias dos jornais, presenciando amigos e familiares sendo atingidos pela doença.

Porém em 2021 com a chegada das vacinas finalmente percebemos uma melhora desse quadro, e assim aos poucos podemos retomar as atividades, tomando ainda os devidos cuidados.

Dentro desse cenário caótico que vivemos, várias vezes me encontrava refletindo sobre a minha pesquisa. Se eu conseguiria terminar ou se deveria desistir logo e procurar outras ocupações. Mas nesses momentos a vida nos presenteia com pessoas que sempre nos trazem apoio e conselhos que nos estimulam a continuar. E nesse espaço quero agradecer a algumas delas.

Primeiramente quero agradecer ao programa de Pós-Graduação em História (PPHIST) e o seu conjunto de professores que sempre trouxeram os melhores direcionamentos para a pesquisa, seja durante as aulas ou em conversas rápidas pelos corredores da instituição.

À professora Franciane Lacerda, minha orientadora, que me acompanha desde os tempos de graduação e sempre me auxiliou ao longo da pesquisa, e que durante esse período pandêmico foi a pessoa que me incentivou e ajudou a continuar e seguir na escrita desse trabalho.

À Professora Maria de Nazaré Sarges e À Professora Rosa Claudia Cerqueira Pereira que fizeram parte da minha banca de qualificação e que com a suas orientações e indicações contribuíram para a realização deste trabalho.

Quero agradecer também minhas amigas Raissa Ferreira e Roberta Tavares, que me acompanham desde os anos de graduação e são pessoas que sempre posso contar. Roberta com as nossas conversas durante as caminhadas em volta do Museu Goeldi. E Raissa pelos auxílios acadêmicos e discussão sobre estratégias de como conseguir pontos em um joguinho de celular.

Quero agradecer também ao grupo de amigos e amigas que por falta de um nome melhor denominamos apenas como “os sem nome”. Esse grupo mesmo durante o período de isolamento realizava reuniões virtuais que matava um pouco a saudade e ajudava a suportar esse momento tão difícil.

Agradeço também ao meu pai Everaldo e meu irmão Renan, que são meus grandes companheiros e que mesmo em dias difíceis estão ao meu lado dando seu apoio, e sei que posso contar com a ajuda deles para qualquer problema. E por fim, agradeço à minha mãe que mesmo não estando mais aqui para me acompanhar, seus ensinamentos, o amor e o carinho que me dava ficaram guardados na minha memória e que sempre serviram como motivação a continuar seguindo em frente.



## Lista de imagens

<b>Imagem 1:</b> Capa do álbum de 1899. ....	20
<b>Imagem 2:</b> Anúncio Fotografia Findanza: G. Huebner e Amaral .....	20
<b>Imagem 3:</b> Canto da praça Afonso Pena. ....	25
<b>Imagem 4:</b> Praça da República .....	25
<b>Imagem 5:</b> foto do Palácio do Governo. ....	26
<b>Imagem 6:</b> Foto do gabinete do governador. ....	26
<b>Imagem 7:</b> Charge publicada no jornal. ....	29
<b>Imagem 8:</b> Gravura de João Coelho e Lauro Sodré publicada no jornal. ....	30
<b>Imagem 9:</b> Capa de A semana: revista ilustrada, Belém ano 1, 43, publicada em 18 de janeiro de 1919. ....	31
<b>Imagem 10:</b> Foto da fachada da Fábrica Amazônia, Soares & Carvalho. ....	36
<b>Imagem 11:</b> Foto do interior da Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada. ....	36
<b>Imagem 12:</b> Foto do interior da Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada. ....	37
<b>Imagem 13:</b> Foto da área externa da Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada. ....	37
<b>Imagem 14 :</b> Saída de Antônio Lemos de Belém. ....	41
<b>Imagem 15:</b> Foto dos Intendentes de Belém. ....	45
<b>Imagem 16:</b> O aniversário de Antonio Lemos. ....	45
<b>Imagem 17:</b> Funeral das vítimas do incêndio da sede da Província do Pará. ....	47
<b>Imagem 18:</b> Sede do jornal A Província do Pará. ....	49
<b>Imagem 19:</b> Sede do jornal A Província do Pará depois do incêndio. ....	49
<b>Imagem 20:</b> Foto da exposição realizada no Rio de Janeiro. ....	54
<b>Imagem 21:</b> Foto da exposição realizada no Rio de Janeiro. ....	54
<b>Imagem 22:</b> Foto da exposição. ....	55
<b>Imagem 23:</b> Foto da exposição. ....	55
<b>Imagem 24:</b> Fotos e diagramas sobre seringueiras. ....	57
<b>Imagem 25:</b> As plantações de caucho da ilha de Sumatra. ....	58
<b>Imagem 26:</b> Travessa Campos Salles. ....	61
<b>Imagem 27:</b> Trecho da Travessa Frutuoso Guimarães. ....	62
<b>Imagem 28:</b> Travessa Campos Salles. ....	64
<b>Imagem 29:</b> Vendedores de peixe e caranguejo na Avenida Independência, canto com a Travessa 9 de janeiro. ....	64
<b>Imagem 30:</b> Trecho da Rua Padre Prudêncio, além do Largo da Trindade. ....	65

<b>Imagem 31:</b> Trecho da Travessa 22 de Junho, entre as Avenidas Independência e São Jerônimo. ....	65
<b>Imagem 32:</b> Rua Dona Thomazia Perdigão. ....	66
<b>Imagem 33:</b> Avenida 15 de Agosto. ....	66
<b>Imagem 34:</b> Cais da cidade. ....	67
<b>Imagem 35:</b> Largo de São José, ao fim da Avenida 16 de novembro. ....	67
<b>Imagem 36:</b> Os Flagelados no cais de Belém. ....	71
<b>Imagem 37:</b> Registros da festa beneficente em prol dos flagelados. ....	73
<b>Imagem 38:</b> O Largo de Santo Antônio. ....	74
<b>Imagem 39:</b> Foto de Francisco André da Silva. ....	76
<b>Imagem 40:</b> Migrantes cearenses que residiam em um galpão próximo ao cais da cidade. ....	77
<b>Imagem 41:</b> Reservatório de água Paes de Carvalho, á travessa primeiro de março. ...	81
<b>Imagem 42:</b> Forno crematório. ....	81
<b>Imagem 43:</b> Fachada da farmácia. ....	85
<b>Imagem 44:</b> Uma das enfermarias de indigentes da Santa Casa. ....	87
<b>Imagem 45:</b> Prédio antes de ser derrubado localizado na esquina entre Avenida 15 de agosto e a rua Paes de Carvalho. ....	89
<b>Imagem 46:</b> Trabalhadores demolindo prédios na Avenida 15 de agosto. ....	89
<b>Imagem 47:</b> Trechos da Avenida 15 de agosto. ....	90
<b>Imagem 48:</b> Trechos da avenida 15 de agosto. ....	90
<b>Imagem 49:</b> Carrocinha do serviço de apreensão de cães. ....	92
<b>Imagem 50:</b> O forno crematório e as pessoas encarregadas pela limpeza da cidade. ...	92
<b>Imagem 51:</b> Frederico Villar e o Cruzador <i>José Bonifácio</i> . ....	96
<b>Imagem 52:</b> Oficiais que faziam parte da tripulação do <i>José Bonifácio</i> . ....	96
<b>Imagem 53:</b> Inauguração do Hospital central do Exército no Rio de Janeiro. ....	97
<b>Imagem 54:</b> Equipe médica do Hospital. ....	97
<b>Imagem 55:</b> O navio encouraçado <i>Dreadnought</i> . ....	100
<b>Imagem 56:</b> A chegada do navio <i>Minas Geraes</i> no Pará. ....	100
<b>Imagem 57:</b> Detalhes do desembarque. ....	101
<b>Imagem 58:</b> Desembarque da tripulação do <i>Guahyba</i> . ....	102
<b>Imagem 59:</b> O navio escola <i>Benjamin Constant</i> no Guajará. ....	102
<b>Imagem 60:</b> A Turma de Guardas marinhas que viaja no <i>Benjamin Constant</i> . ....	103
<b>Imagem 61:</b> Oficiais prestando juramento à bandeira. ....	105

<b>Imagem 62:</b> Oficial retirando a bandeira após a cerimônia.....	105
<b>Imagem 63:</b> Aspectos das comemorações do Dia da Bandeira.....	108
<b>Imagem 64:</b> Demonstração de manobras militares durante a comemoração do dia 7 de setembro.....	108
<b>Imagem 65:</b> Desfile militar Praça da República.....	109
<b>Imagem 66:</b> Aspectos da multidão que acompanharam o desfile.....	109

## Sumário

Considerações iniciais .....	13
Capítulo 1: Economia da borracha Fotografia e Imprensa paraense. ....	18
1.1: A fotografia e as representações de Belém.....	18
1.2: A imprensa Paraense .....	27
1.3: O declínio economia da borracha .....	32
Capítulo 2: Retratos de uma Belém em crise .....	40
2.1 “A desafronta”: notas imagéticas da política na capital paraense. ....	40
2.2: “A desgraça da borracha”: imagens da decadência da economia.....	50
2.3. Os “aspectos sórdidos” de Belém.....	59
Capítulo 3: As representações dos símbolos de “ordem” e “progresso”.....	79
3.1 Os serviços de limpeza pública e as melhorias dos estabelecimentos médicos .....	79
3.2. Fotografias de Militares e a comemoração de datas republicanas nos periódicos. .	93
Considerações finais .....	111
Fontes: .....	112
Mensagens dos governadores do Pará .....	112
Jornais:.....	114
Álbuns: .....	114
Referências bibliográficas: .....	115

## Considerações iniciais

As fotografias da cidade de Belém constituem um acervo documental muito importante para entender as transformações sociais e econômicas que a capital paraense passou entre finais do século XIX e o século XX. As imagens são registros com objetivos específicos de acordo com aquele que as produziu. Por isso, mas do que representarem uma parte do espaço retratado, sugerem as intenções políticas, econômicas, culturais que moldam a intenção do fotógrafo ou do grupo que ele representa. Analisando as fotografias de Belém, veiculadas na imprensa podemos entender o processo de transformações e permanências pelos quais a cidade passou devido ao crescimento e declínio da economia da borracha.

Alguns estudiosos, como Boris Kossoy, ressaltam a importância das imagens para as discussões históricas, mostrando que dependendo das abordagens que o pesquisador faz com estas, pode apresentar novos nuances para o estudo do urbano. Segundo o autor “as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações”<sup>1</sup>.

Muitos registros fotográficos de Belém aparecem no fim do século XIX, durante a administração do Intendente Municipal Antônio Lemos, momento em que a cidade, conforme já destacou Sarges em trabalho pioneiro sobre o tema, passa por uma série de transformações<sup>2</sup>. De fato, nesse contexto, existe uma crescente produção de álbuns e relatórios em que todas as reformas que cidade passou foram documentadas. Desse modo os álbuns eram ilustrados por fotografias, o que permitiu construir um modelo visual do município, no caso uma representação simbólica. Conforme podemos concluir a partir das pesquisas de Pereira, os álbuns e relatórios exaltavam os aspectos políticos e a economia da borracha, que era o principal impulso para as transformações, e também servia como propaganda para os administradores da cidade<sup>3</sup>.

Esses álbuns em grande maioria eram editados e produzidos em outras línguas como francês e alemão, pois eram distribuídos para o exterior, principalmente para os

---

<sup>1</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1990, p. 32.

<sup>2</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

<sup>3</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. *Paisagens urbanas: fotografias e modernidades na cidade de Belém*. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, Belém, 2006, p. 94.

países da Europa em que a cidade mantinha relações comerciais. Um exemplo disso é o *Álbum do Pará* de 1899, cuja edição trilingue trazia textos em português francês e alemão<sup>4</sup>.

Assim conforme, Pereira, existia uma política de divulgação em que o governo de Antônio Lemos estabelecia nessas publicações a imagem que queria para a cidade<sup>5</sup>. Ao analisar as fotografias do contexto em que a economia da borracha estava crescendo podemos perceber uma política de divulgação da cidade de Belém. Durante o período do crescimento da economia da borracha, vários álbuns foram publicados trazendo imagens da cidade como o de 1899 produzido por encomenda do governador José Paes de Carvalho. Outro álbum que também mostra essas mudanças que a capital paraense passou foi o *Álbum do Pará* de 1902, elaborado pelo intendente Antônio Lemos<sup>6</sup>.

Os álbuns traziam um relatório sobre o Estado e seus municípios como também um pouco da sua história, apresentando fotografias que evidenciavam, principalmente, no caso de Belém, o progresso econômico. Essas características são notadas até mesmo no último álbum editado durante a administração de Antonio Lemos, que foi o *Álbum do Estado do Pará* de 1908<sup>7</sup>. Um dos elementos que apareciam nesses álbuns citados seria a representação do espaço urbano de Belém; mostrando as paisagens, avenidas e praças.

Assim como também os prédios imponentes que surgiram no período, os álbuns traziam um número bastante considerável dessas imagens que valorizavam os aspectos arquitetônicos e também aspectos internos, dando destaque a elementos de riqueza e luxo, como os grandes lustres, mesas e pinturas que adornavam as paredes, entre outros objetos de decoração. Segundo Pereira é importante notar, nessas imagens, o isolamento da população. De fato, conforme veremos mais adiante, em grande parte dos prédios fotografados poucas pessoas aparecem, mostrando como são cenários construídos, e selecionados pelo fotógrafo. Mesmo que em algumas situações a autora aponta imagens em que alguns tipos sociais aparecem nas fotos<sup>8</sup>.

Nesse primeiro momento das fotografias publicadas nos álbuns, que no geral foi realizado no período do intendente Antônio Lemos, observa-se que se tinha como característica fundamental divulgar a imagem de uma Belém ligada às ideias de

---

<sup>4</sup> PARÁ, Governador (1897-1901: J. P. de Carvalho) *Album do Pará em 1899* [S. L.: s. n.] [1899].

<sup>5</sup> PEREIRA, op.cit. p. 90.

<sup>6</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. p. 97.

<sup>7</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. p. 97.

<sup>8</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira, p. 135.

modernidade e progresso. Porém, com a diminuição das exportações de látex pelos portos paraenses, por volta da segunda década do século XX, em que vários setores da cidade são atingidos, notamos uma mudança nas representações da cidade, sobre a qual nos deteremos mais adiante.

No período delimitado para a dissertação ora apresentada, entre as décadas de 1910 e 1920, a cidade de Belém experimenta um contexto de crise na política e na economia. E esses impactos, em certa medida podem ser notados por meio das representações fotográficas do período. Na presente dissertação, destaco desse modo, a produção de imagens publicadas em alguns periódicos que circulavam pela capital do Pará.

É importante destacar que nesse momento a imprensa havia passado por mudanças, como melhorias técnicas que contribuíram para aumentar o número de exemplares que circulavam por Belém. Se tornando o que Nelson Sodré chama de empresas jornalísticas<sup>9</sup>. No Pará o crescimento da economia da borracha cria condições para as mudanças na imprensa local<sup>10</sup>.

Voltando-se para os jornais paraenses Elis Regina Viera, em sua dissertação de mestrado, referindo-se á cidade de Belém, indica que os periódicos também eram responsáveis pela circulação de notícias e opiniões sobre temas que eram debatidos na capital paraense, como saneamento rural e urbano<sup>11</sup>. Essa perspectiva ajudou a analisar os jornais durante o levantamento para pesquisa ora apresentada, pois se percebe que alguns temas apareciam com frequência o que irei discutir nos capítulos que seguem.

Levando em conta a cidade como um espaço construído por meio de ações cotidianas dos sujeitos sociais<sup>12</sup>. Os jornais *O Estado do Pará* (1911 a 1921), *Província do Pará* (1920 a 1922) e *Folha do Norte* (1912 a 1920) foram importantes para ajudar a entender as representações do espaço urbano de Belém do período analisado, principalmente quando passam a utilizar fotografias em suas páginas.

---

<sup>9</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4.ed, São Paulo: Mauad, 1998, p. 275.

<sup>10</sup> FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005>>. Acesso em: <24 de novembro.2021>.

<sup>11</sup> VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Manchete do dia: Imprensa paraense e o saneamento rural (1917-1924). Diss. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação e História Social da Amazônia–Belém:[s.n.], 2016.

<sup>12</sup> FENELON, Déa Ribeiro. “São Paulo: Patrimônio Histórico-Cultural e Referências Culturais”. PROJETO HISTÓRIA, São Paulo, v. 18, p. 289-294, 1999, p.289.

Essas fotografias tinham características diferentes, pois até então as imagens utilizadas tinham caráter ilustrativo, porém, vemos que estas a partir das primeiras décadas do século XX passam a ter importância para compor a notícia.

Fazendo o levantamento das imagens publicadas, percebemos que de início elas aparecem poucas vezes nas edições. Porém, com o avançar dos anos notamos que elas passam a aparecer com certa frequência nos periódicos. Outra dificuldade encontrada é descobrir quem eram esses sujeitos que produziam essas imagens, pois as fotos não eram creditadas.

A qualidade da imagem também foi um dos principais problemas encontrados ao longo do levantamento das fontes. Devido à limitação gráfica do período e da maneira como essas fontes foram arquivadas, a maioria das fotos está com uma qualidade baixa. Assim para melhorar a leitura e visualização das fotografias utilizadas na pesquisa, foi necessária a utilização de programas de edição de imagens. Contudo, nem sempre se encontrará a melhor qualidade destas. Mas resolveu-se manter tais imagens fotográficas encontradas nos jornais por serem fundamentais para a construção dos argumentos da dissertação. Igualmente, estas permitem a visualização do espaço da cidade, de seus moradores e daqueles que por vezes aportavam na capital.

Para essa pesquisa além do levantamento dos periódicos e do trabalho com as imagens publicadas, outras fontes foram importantes para entender o período analisado como alguns volumes de revistas como *A semana ilustrada* (1919 a 1926) e revista *Fon-Fon*. Além disso analisamos os Álbuns, Relatórios e Mensagens de governadores e obras de memorialistas que falam sobre a cidade de Belém. A historiografia que aborda sobre esse período também foi fundamental para as análises levantadas.

Entender esse início da utilização das fotografias pelos periódicos e os recorrentes temas abordados é o que se pretende discutir a seguir, e para isso a dissertação foi dividida em 3 capítulos.

O objetivo do capítulo 1 é entender o período analisado utilizando a historiografia e fontes do período que nos ajudam a entender o declínio da economia da borracha e os possíveis impactos que isso teve na capital. Pretendo também falar sobre as primeiras produções fotográficas, principalmente as que eram realizadas em Belém, e como a cidade era representada. Também discuti sobre os periódicos que circulavam dentro e fora da capital, e suas influências políticas, destacando os que foram importantes para a pesquisa. E com isso apresentado busco fazer um panorama geral da cidade e das principais fontes utilizadas.



No capítulo 2 falo sobre o início da utilização das fotos nos periódicos, com uma característica diferente do que até então era apresentado, pois nesse momento as fotos são integradas as notícias. Destaco a imagem da saída de Antônio Lemos da cidade, pois além de ser um exemplo do uso da foto integrada á notícia, considero uma imagem que simboliza o fim de um momento político e econômico de Belém. Diante disso analiso as imagens que registram vários problemas estruturais presentes na cidade e que reforçam a ideia de uma “Belém decadente”. Uma representação até então bem diferente do que era apresentado nos álbuns.

A proposição do capítulo 3 é analisar representações fotográficas de eventos de “ordem” e “progresso” que trazem símbolos característicos do período republicano trabalhado. Dentre esses tópicos tem-se a presença de notícias sobre os serviços de limpeza pública e melhorias nos estabelecimentos médicos que estavam alinhadas com os discursos sanitaristas presentes no período. Outro tema recorrente são as comemorações de datas comemorativas republicanas e a chegada de navios no porto da cidade, que ajudam a entender o simbolismo presentes no Brasil República e a modernização da Marinha.

## **Capítulo 1: Economia da borracha Fotografia e Imprensa paraense.**

### **1.1: A fotografia e as representações de Belém.**

A fotografia desde a sua criação em meados do século XIX, período em que houve um grande desenvolvimento científico, foi um dos principais instrumentos que testemunhou os avanços da modernidade, e devido a sua possibilidade de reprodução contribuiu na divulgação desses avanços. Boris Kossoy chama a atenção para um problema da fotografia, principalmente com relação a seu aspecto documental, que foi considerado como uma representação do real. Pois a fotografia é suscetível a manipulações tornando-se inviável garantir que ela fosse totalmente objetiva<sup>13</sup>. Nesse sentido há várias discussões acerca do uso das fotografias como auxílio para a história, pois até que ponto dava para confiar nas imagens, e de que maneira o historiador poderia utilizá-las para compreender um determinado período.

O próprio Kossoy ressalta a importância das imagens para as discussões históricas, mostrando que dependendo das abordagens que o pesquisador faz com a imagem, ela pode apresentar elementos importantes, assim como fontes escritas e orais, se faz necessária uma interpretação crítica das fotografias que são utilizadas pelo pesquisador<sup>14</sup>. Segundo o autor “as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações<sup>15</sup>”.

Dentro desse debate também destaco o trabalho de Peter Burker, que afirma que independente do estilo artístico cada um tem sua retórica, o que ele chama de “ponto de vista mental” do artista<sup>16</sup>. No caso da fotografia em particular, apesar de tecnicamente ser a ação da luz sobre uma superfície, como se a natureza desenhasse a si mesmo<sup>17</sup>. A visão do fotógrafo, ou seja, da pessoa por trás da captura da imagem, não deixa de realizar intervenções como a escolha do ângulo, a escolha dos elementos que vão compor a imagem, como objetos, vestimentas e até a posição das pessoas retratadas.

Burke ainda aponta que as imagens podem ser consideradas como uma representação simbólica, para isso o autor usa exemplos como o retrato, um gênero

---

<sup>13</sup> KOSSOY, Boris. Origens e expansão da fotografia no Brasil - século XIX. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980. Fotografia e História. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>14</sup> KOSSOY, Boris. p.30

<sup>15</sup> KOSSOY, Boris. p.32

<sup>16</sup> BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e Imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.

<sup>17</sup> KOSSOY. Op. cit. p.35.

artístico que era bastante utilizado principalmente para representações de pessoas mais abastardas.

Para passar a noção de status elevado e de poder, o retrato trazia uma série de elementos como as vestimentas usadas, as poses e os cenários, que ajudavam a compor esse sentido simbólico. O autor ressalta também que é importante notar que esses elementos simbólicos mudam ao longo do tempo, mesmo que seja para representar os mesmos tipos de pessoas ou lugares. Assim, é importante perceber o contexto social em que essas imagens foram realizadas<sup>18</sup>.

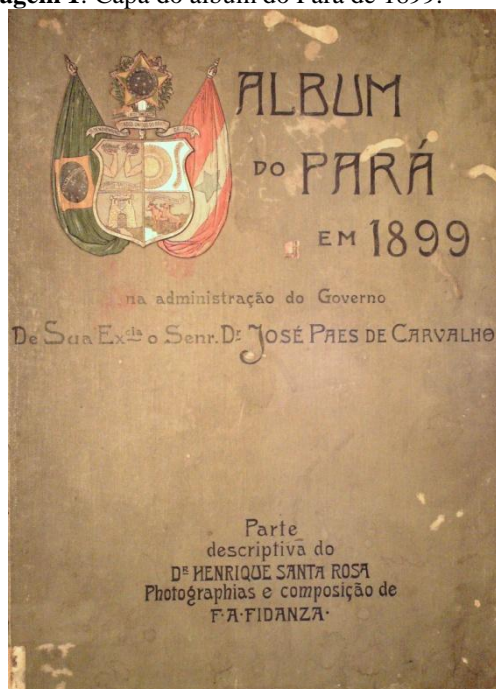
No Pará uma das principais pesquisas realizadas sobre o tema, seguindo o conceito de Burke, foi a da Rosa Claudia Pereira, que analisou a chegada da fotografia no estado e o surgimento dos primeiros estúdios no início do século XX, tendo como principal o Atelier Findanza. Por encomenda do governador do estado e do intendente do município a companhia foi responsável pela compilação dos primeiros álbuns e relatórios da cidade de Belém<sup>19</sup>. Pode-se perceber a importância desse atelier fotográfico nas imagens que seguem. Na primeira vemos a capa do álbum de 1899, uma das primeiras obras realizadas pelo atelier. Na segunda imagem temos um anúncio da “Photografia Findanza” de G. Huebner e Amaral, publicada no *Indicador ilustrado do Estado do Pará* do ano de 1910. Assim podemos notar que o Atelier Findanza ocasionalmente participava nas publicações encomendadas pelo governo.

---

<sup>18</sup> BURKE, Peter. Op. cit., p, 203.

<sup>19</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. Paisagens urbanas: fotografias e modernidades na cidade de Belém. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

**Imagem 1:** Capa do álbum do Pará de 1899.



Fonte: Acervo biblioteca Arthur Viana.

**Imagem 2:** Anúncio Photographia Findanza: G. Huebner e Amaral.



Fonte: Indicador ilustrado do Estado do Pará 1910, página. 37.

E importante destacar que esse momento de surgimento das companhias de fotografias e ateliês como a de Findanza, se deve ao aperfeiçoamento que o processo fotográfico passou.

Segundo Rosa Claudia Pereira o processo de produção passa por alterações nesse período. A autora destaca a criação das cartas de visita com fotos no formato 6x9 e possibilitou uma boa qualidade gráfica e trouxe também preços bastante acessíveis o que ajudou na popularização da fotografia<sup>20</sup>.

Sobre esse assunto Nelson Schapochnik aponta que o auge da popularização desse formato se deu em 1860, é importante ressaltar que sua difusão se deve, não só pela qualidade gráfica e melhoras na reprodução da imagem, mas também nas melhorias do transporte, que foi uma das características, e também um símbolo do progresso, no final do século XIX. Assim os barcos e ferrovias a vapor, contribuíram no deslocamento de pessoas e circulação de produtos<sup>21</sup>.

De acordo com Schapochnik essa popularização da fotografia estimulou a formação de coleções e compilação de álbuns. Pois segundo o autor um dos objetivos da imagem principalmente em cartões postais, era satisfazer a curiosidade e alimentar a imaginação de quem não conhecia à cidade. Assim vemos algumas imagens representarem temas como paisagens, jardins e praças, assim como também aspectos urbanos como portos e avenidas<sup>22</sup>.

Esse estilo de fotografia surge em um período em que algumas cidades sofrem intensas transformações e mudanças nos padrões de vida de alguns grupos, o que era o caso da cidade de Belém. Na virada do século XIX para o XX a cidade passa por um período de crescimento econômico devido ao aumento da exportação da borracha que se expressou no espaço urbano. Isso contribui para a realização de uma série de transformações urbanas lideradas pelo intendente Antônio Lemos<sup>23</sup>.

A borracha passou a constituir um produto de larga perspectiva econômica no comércio internacional, em que a demanda cresceria incessantemente no século XIX, e tem seu auge na primeira década do XX. Várias referências como, relatórios e notícias

---

<sup>20</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira, p.31.

<sup>21</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, vol.3, p. 429.

<sup>22</sup> Ibidem, p.428.

<sup>23</sup> SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

divulgadas em jornais, mostram essa ascensão, como o relato do Governador do Pará, Paes de Carvalho no *Álbum do Pará* de 1899:

Basta correr a vista sobre um quadro de receita do estado para perceber logo, que a borracha é a principal fonte da riqueza pública e o elemento fecundo do incomparável progresso que manifesta o estado pelo desenvolvimento crescente do seu commercio, onde entra Ella como producto de primeira classe 24.

Esse aumento na economia contribuiu para o surgimento de uma nova elite local. O que traz uma série de mudanças nos hábitos e costumes desse grupo, pois a cidade passa a receber com mais assiduidade companhias artísticas da Europa para o entretenimento e o surgimento de casas de diversões. A cidade de Belém passa também por transformações urbanas, como construção de prédios e criações de políticas de saneamento e códigos de postura<sup>25</sup>.

Conforme já mostrou Sarges, para tornar a cidade em um símbolo do progresso, foi necessário alterar o espaço de modo que atendesse ao gosto da elite. Ao mesmo tempo também era importante mostrar aos estrangeiros, que constantemente passavam pela cidade para estabelecer negócios, que a cidade era bonita, organizada e segura<sup>26</sup>. Assim uma parte da cidade ia sendo moldada para oferecer a classe emergente, prédios, lojas de artigos importados que atendessem ao consumo de alguns grupos citadinos, e ajudava também a construir uma nova imagem para o estrangeiro.

Nesse contexto, membros da elite passavam a investir em estudo e apreciação das “bellas artes”. Pequenas exposições eram realizadas principalmente no Theatro da Paz, em Belém. As produções artísticas ganhavam espaço nos jornais que passavam a ter seções para críticas de arte e apoio para que o governo realizasse mais exposições e criação de escolas de artes e outras atividades como ópera, teatro e espetáculos musicais como afirma Rosa Maria Arraes:

---

<sup>24</sup> PARÁ, Governador (1897-1901: J. P. de Carvalho) *Álbum do Pará em 1899*, p.40.

<sup>25</sup> SARGES, Maria de Nazaré. Op. cit. p.113.

<sup>26</sup> SARGES, Maria de Nazaré, p.111.

A presença de autoridades, ricos comerciantes e intelectuais e o modo como estavam trajados serviam de termômetro do prestígio das campanhas e da elite locais. Ir ao teatro, além de uma opção de lazer, era um sinal de elegância e distinção o que levava a uma identificação com o comportamento cultura da elite europeia 27.

Segundo Moema Alves a nova classe emergente não pressionava apenas por transformações na cidade como também era necessário mostrar o progresso para além das fronteiras da cidade. Pois Belém, para eles, não era mais a mesma, e a imagem de uma cidade moderna e povo culto deveria ser divulgada para os outros países<sup>28</sup>. Assim, na virada do século XIX para o XX, conforme indica Alves há em Belém artistas querendo espaço e reconhecimento, inicialmente atraídos pela valorização das belas artes na cidade, e que já realizavam algumas exposições. E isso vai contribuir bastante para a construção das representações da capital.<sup>29</sup>

Assim, conforme Aldrin Figueiredo, na capital paraense, o intercâmbio cultural e as discussões acerca de modernidade, faziam com que a nova elite buscasse adquirir obras de artes, ou seja, entrar no movimento artístico da *Belle Époque* significava fazer parte do progresso e delimitação de status.<sup>30</sup> Segundo o autor a produção artística adquire um novo discurso baseado no debate acerca de uma identidade regional, nacionalismo e história da pátria. Desse modo, as produções contribuíram para a formação dessa nova imagem com a representação da cidade de grandes fatos históricos e das personalidades políticas, para celebrar o momento e legitimá-lo<sup>31</sup>.

A fotografia dentro desse cenário também contribuiu para a construção dessa nova imagem, principalmente quando é registrada em Relatórios de governo e Álbuns oficiais do período. Pois serviam para divulgar os diversos aspectos da cidade, de acordo com os interesses de quem o encomendava.

Na capital paraense, semelhante ao que ocorre em outras capitais brasileiras, as fotos dos álbuns encomendadas pelo governo e os cartões postais, eram realizadas sob o viés da modernidade. Assim as representações foram constituídas tendo como base

<sup>27</sup> ARRAES, Rosa Maria Lourenço. Paisagens de Belém: história, natureza e pintura na obra de Antônio Parreiras, 1895-1909. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em História, p.33.

<sup>28</sup> ALVES, Moema. Representações de poder e propaganda política nas exposições de arte do Pará do início do século XX. Cantareira (UFF), v. 01, p. 00, 2012. p. 1-2.

<sup>29</sup> ALVES, Moema, p. 2.

<sup>30</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. (Tese de Doutorado), São Paulo: Unicamp, 2001, p. 37.

<sup>31</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de, p.38.

concepções políticas e sociais do período. Um dos elementos que aparecia nesses álbuns eram a representação do espaço urbano de Belém, mostrando as paisagens, avenidas e praças e prédios.

Ao folhearmos os álbuns encomendados por autoridades paraenses, observa-se que estes traziam imagens que valorizavam os aspectos arquitetônicos da fachada dos prédios e aspectos internos, que traziam elementos de riquezas e luxo, como os grandes lustres, mesas e pinturas que enfeitavam as paredes. Mas também se pode perceber a construção de uma paisagem urbana em que a arborização das ruas se fazia presente como podemos ver nas fotos a seguir retiradas do álbum O Pará de 1908.

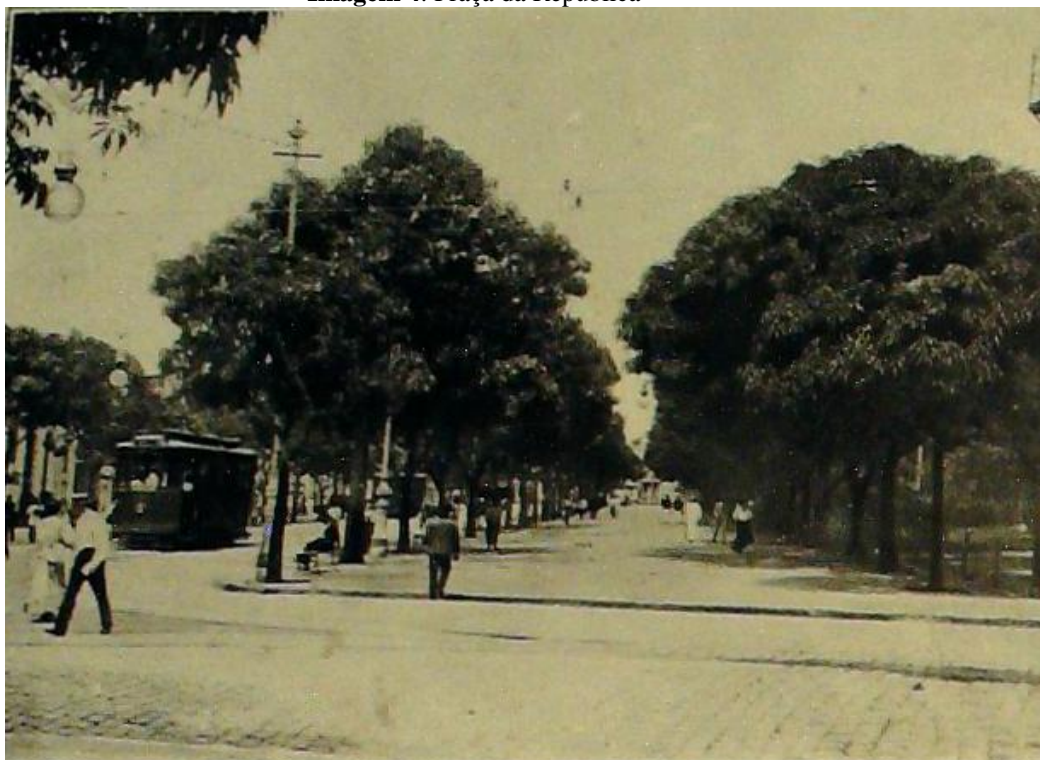


**Imagem 3:** Canto da praça Afonso Pena.



Fonte: Álbum O Pará 1908, página. 63.

**Imagem 4:** Praça da República



Fonte: Álbum O Pará 1908, Página. 66.



**Imagem 5:** foto do Palácio do Governo.



Fonte: Álbum O Pará 1908 página. 40.

**Imagem 6:** Foto do gabinete do governador.



Fonte: Álbum O Pará 1908 página. 42.

Indo para um período posterior ao acima citado, nessa dissertação de mestrado objetiva-se entender, por meio de imagens veiculadas em periódicos, como a cidade de Belém foi representada na imprensa. Assim outro elemento que cabe destacar e que vai ser uma fonte importante para essa pesquisa, são alguns jornais paraenses, que assim como a cidade de Belém, também passa por mudanças no campo tecnológico trazendo para os periódicos um maior número de imagens.

## **1.2: A imprensa Paraense**

Segundo Sodré na virada do XIX para o XX a imprensa no Brasil passa por mudanças, pois ocorre a transição da pequena para a grande imprensa. Assim os jornais pequenos e simples cedem lugar para as empresas jornalísticas que tinham o equipamento gráfico necessário para a publicação de um número grande de exemplares<sup>32</sup>.

A imprensa nesse período conheceu vários processos de inovação tecnológica na parte gráfica que permitiu o aumento de tiragens, melhorou a qualidade da impressão e tudo isso com um custo baixo. Com essas melhorias também foi possível introduzir nos periódicos as charges, caricaturas, ilustrações e gravuras que trouxeram certa inovação nas propagandas e anúncios que eram feitos nos jornais<sup>33</sup>.

No Pará o crescimento da economia da borracha cria condições para o desenvolvimento gráfico da imprensa. Segundo o jornalista Paulo Roberto Ferreira é o momento em que ocorre “um período de transição entre a imprensa episódica e quixotesca para uma postura mais empresarial”<sup>34</sup>.

Porém, mesmo essas mudanças na imprensa, não afetaram o aumento de circulação de vários jornais pelo estado. Segundo Aldrin Figueiredo, os avanços técnicos aumentaram a possibilidade que os editores tiveram de possuir sua própria tipografia com preços mais baixos. Após a década de 1870 houve um aumento no surgimento de jornais de diferentes tendências políticas, órgãos de sociedades assistencialistas, clubes e sociedades secretas<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4.ed, São Paulo: Mauad, 1998, p.275.

<sup>33</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-102.

<sup>34</sup> FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005>>. Acesso em: <24 de novembro.2021>.

<sup>35</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Páginas antigas: Uma introdução a leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. Margens, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 245-266, maio 2016.

Dentro desse contexto três jornais vão ser importantes para presente pesquisa. O primeiro é a *Folha do Norte* fundada em 1896 por Cipriano Santos, Enéas Martins, dentre outros. Em 1917, Cipriano Santos elegeu-se Senador Estadual e Intendente Municipal de Belém, passando para Paulo Maranhão a propriedade do jornal. Paulo Maranhão dirigiu o jornal até sua morte em abril de 1966. Em 27 de junho de 1973, Rômulo Maiorana adquiriu o jornal que circulou até 1974<sup>36</sup>.

O periódico possuía entre 06 a 08 páginas com textos organizados em 06 colunas e sua circulação era diária, em suas páginas trazia diversos temas como assuntos sobre a vida social, política e econômica.

Outro jornal que destaco é *A Província do Pará* Fundada ainda no século XIX, em 25 de março de 1876, por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio Lemos. *A Província do Pará*, segundo publicou Carlos Rocque, em livro sobre a história desse jornal foi um periódico com grande duração no Pará e na Amazônia. Em 1900 ocorreu a primeira paralisação nas publicações do jornal, mas seis meses depois, em maio de 1901, *A Província* voltou a circular. Em 29 de agosto de 1912, teve suas instalações incendiadas e só voltou a circular oito anos depois, em 6 de julho de 1920, sob a direção de Pedro Chermont de Miranda. Já em 27 de julho de 1926, as publicações foram novamente interrompidas devido a problemas financeiros, retornando em 9 de fevereiro de 1947, comandada pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand<sup>37</sup>. Em 1997, o periódico foi vendido ao empresário Gengis Freire e em 2001 passou para as mãos do publicitário Miguel Ângelo Arraes, que no início de março do ano seguinte encerraria as atividades do jornal<sup>38</sup>.

Esses dois periódicos estavam fortemente ligados ao conflito entre o Partido Republicano Federal e o Partido Republicano por volta de 1900. No Pará esses conflitos estavam polarizados em torno da figura de Antônio Lemos e Lauro Sodré. Essa rivalidade também atingia a imprensa, pois *A província do Pará* apoiava Lemos enquanto a *Folha do norte* apoiava Sodré<sup>39</sup>.

Outro Jornal que vai surgir anos depois e que também vai estar no meio desses conflitos políticos é o *Estado do Pará*. Fundado em 9 de abril de 1911 por Justo Chermont, o jornal tinha como objetivo político o combate as políticas do ex intendente

---

<sup>36</sup> Jornais Paraoaras: Catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura Desporto e Turismo, 1985, p.241.

<sup>37</sup> ROCQUE, Carlos. A História de A Província do Pará. Belém: Mitograph, 1976, p. 206-209.

<sup>38</sup> FERREIRA. Op.cit. p. 5.

<sup>39</sup> Sobre esse conflito entre os jornais ver: FARIAS, William Gaia. A construção da República no Pará (1886-1897), Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

Antonio Lemos do partido Republicano e apoiar o partido de Lauro Sodré. Fazia matérias sobre a crise econômica da borracha e as questões políticas do Estado, principalmente durante as eleições para governo<sup>40</sup>. Algumas dessas notícias traziam imagens representando a figura de Antônio Lemos de forma satírica e pejorativa, enquanto Sodré era representado como uma figura de respeito e virtuosa<sup>41</sup>.

Como podemos ver nos exemplos a seguir:

**Imagem 7:** Charge publicada no jornal.



Fonte: Jornal Estado do Pará no dia 01 de maio de 1912, página 1.

<sup>40</sup> Seixas, N. S. dos A., & Siqueira, T. C. C. (2015). Fotojornalismo na imprensa de Belém: 1900-1950. *Brazilian Journalism Research*, 11(2), 30-51.

<sup>41</sup> Na edição do Estado do Para do dia 01 de maio de 1912 na página 1 podemos ver essas sátiras da figura de Antônio Lemos.

**Imagem 8:** Gravura de João Coelho e Lauro Sodré publicada no jornal.



Fonte: Jornal Estado do Pará no dia 07 de maio de 1912, página 1.

Em textos e editoriais também podemos notar essa postura do jornal, como se evidencia em uma de suas edições:

O jornal Estado do Pará surgiu com um programa complexo, abrangendo assuntos de interesse geral da sociedade (...). Fazendo desde o início de sua publicação uma forte campanha contra a desorientação política que vinha ao longo dos anos sufocando a liberdade eleitoral e independência individual. (Estado do Pará, 09 de abril de 1914, p. 1.)

Para a pesquisa também foram importantes à análise de revistas ilustradas. Um gênero que se individualizou em face de outros impressos periódicos. Segundo Tânia Regina de Luca o formato foi inaugurado com a publicação da *Revista da Semana* no Rio de Janeiro em 1900. Criada por Álvaro Teffe, e tinha como principais características a leitura fácil e agradável, uma diagramação que reservava espaço para as imagens e o conteúdo diversificado que incluía acontecimentos sociais, poesias, notas policiais e dicas de moda e etiqueta<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (coord). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153.



Outra dessas revistas que surgiu nesse formato foi a revista *Fon-fon*, uma revista semanal, fundada por Jorge Shmidit na cidade do Rio de Janeiro em 1907. Havia uma forte presença de fotografias, charges e caricaturas coloridas. A revista trazia como tema os costumes do Rio de Janeiro, críticas de cinema e teatro entre outros<sup>43</sup>. Mas é importante destacar que a revista também trazia notícias de outras cidades do Brasil, assim eventualmente apareciam em suas páginas algumas informações sobre Belém, com algumas fotografias da cidade.

No Pará temos a Revista *A Semana* publicada em 1919 por Manuel Lobato e Alcides Santos. O periódico seguia o formato das revistas ilustradas, trazendo em suas páginas uma variedade de temas e imagens. É considerada uma revista de grande circulação em Belém, tendo seu último número publicado em 1942<sup>44</sup>.

**Imagem 9:** Capa de *A semana*: revista ilustrada, Belém ano 1, 43, publicada em 18 de janeiro de 1919.



Fonte: Acervo da biblioteca Arthur Viana.

<sup>43</sup> ZANNON, Maria Cecília. "Fon-Fon—Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque." *Patrimônio e Memória* (2005).

<sup>44</sup> DE CASTRO, Raimundo Nonato. Uma revista ilustrada: *A Semana* e o olhar sobre a Amazônia (1917-1923). *Brocar. Cuadernos de Investigación Histórica*, n. 42, p. 209-236, 2018.

A revista circulava todos os sábados e trazia assuntos relacionados ao cotidiano da cidade. Os proprietários também estavam ligados a grupos políticos que estavam no poder. Porém o periódico garantia a sua publicação com o apoio de patrocinadores que estampavam os seus anúncios nas páginas da revista. Outro elemento importante é a presença de imagens sobre temas do cotidiano da cidade, e registros de eventos organizados pela elite da cidade<sup>45</sup>.

Tais publicações, certamente, foram responsáveis pela circulação de notícias e opiniões pelo Estado do Pará, diminuindo as distâncias na região amazônica e com outros países, pois nos jornais acima citados traziam o serviço telegráfico onde obtinham notícias internacionais.

Também por meio dos jornais podemos ver várias representações do espaço urbano. Tornando uma fonte importante para o estudo da cidade, pois trazem múltiplas vivências urbanas<sup>46</sup>. Outra característica da imprensa é a circulação de debates que são feitos em determinado período, alcançando um público mais amplo e atingindo vários setores da sociedade<sup>47</sup>. Dessa forma, no Pará das primeiras décadas do século XX um tema que acabou influenciando os discursos dos jornais e de certa forma as fotografias produzidas no período foi o declínio da economia da borracha, como podemos ver no tópico a seguir.

### **1.3: O declínio economia da borracha**

A partir da década de 1910 o estado do Pará presencia a forte queda do preço da borracha, de início pareceu algo normal, pois vez ou outra a economia se desestabilizava. Porém o estado não estava preparado para esse mergulho dos preços que a borracha sofreu e que se estendeu pela década de 1920, era o início de uma longa decadência<sup>48</sup>. A economia da borracha de modo geral era oscilante, antes de 1910 o

---

<sup>45</sup> DE CASTRO, Raimundo Nonato. p. 4.

<sup>46</sup> Lacerda, Franciane Gama. Cidade Viva: Belém do Pará na virada do século XIX para o XX. In: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (Orgs.) Belém do Pará: História, Cultura e Cidade, para além dos 400 anos. Belém: Editora Açaí, 2016, p.95.

<sup>47</sup> Podemos perceber isso com os discursos sanitaristas nas primeiras décadas do século XX ver: VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Manchete do dia: Imprensa paraense e o saneamento rural (1917-1924). Diss. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação e História Social da Amazônia–Belém:[sn], 2016.

<sup>48</sup> WEINSTEN, Barbara. A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920). São Paulo: Editora Hucitec, 1993, p.242.



comércio paraense já havia sofrido outras crises como em 1888-89, 1900-01 e 1906-07<sup>49</sup>. A dimensão do problema ainda não era plenamente percebida. Segundo Weinstein:

“A maioria dos amazônicos não percebeu imediatamente que a ruína se anunciava”. De acordo com a autora “(...) a elite paraense viu inicialmente o colapso como uma depressão particularmente grave dos preços, não diversa do que já sofrera”.<sup>50</sup>

Muitos estudiosos e políticos já chamavam a atenção para os perigos que a centralidade da produção da borracha poderia causar, havia uma falta de perspectiva sobre o futuro da produção, e os prejuízos em outras atividades comerciais importantes, como a agricultura<sup>51</sup>.

Como podemos ver nesse editorial publicado no jornal Estado do Pará:

Enquanto o nosso ilustre governador cercado de seus secretários e auxiliares e de sumidades evidência no nosso comercio, no louvável intuito de discriminar a verdade, esmerilha e esquadrinha a trama intrincada do nosso problema econômico: a praça de Belém se debate em uma crise temerosa (Jornal Estado do Pará, 16 de abril de 1911, p. 1).

Após o declínio dessas exportações as discussões das autoridades giram em torno de algumas medidas, como o incentivo do cultivo das seringueiras, e métodos diferentes para melhorar a produção do látex<sup>52</sup>. Até em relatórios e mensagens de governo percebemos que o assunto entrava em pauta, como se percebe na Mensagem dirigida em 07 de setembro de 1911 ao congresso legislativo do Pará pelo Dr. João Antônio Luiz Coelho governador do Estado:

Se em 1910 nos sorria a prosperidade estimulando, ativando os negócios, a despeito das acentuadas reservas com que o governo via altear-se sucessivamente a cotação do nosso primeiro gênero, no presente momento o que nos absorve e preocupa e exatamente o inverso. (...) Acharo-nos, há longo dos meses, face a face com a crise, a crise do preço da borracha que de tão repetida insistente e pernicioso, tende talvez a torna-se endêmica em nosso aparelho econômico financeiro<sup>53</sup>.

<sup>49</sup> SANTOS, Roberto. História econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo: T.A. Queiroz 1980. Op. cit. 209.

<sup>50</sup> WEINSTEIN, Bárbara. Op. cit. 243.

<sup>51</sup> CASTRO, A.R.M.; SANJAD, N.R.; ROMEIRO, D.S. Da pátria da seringueira à borracha de plantação: Jacques Huber e seus estudos sobre cultura das Heveas no Oriente. Boletim do museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas, V.4, p. 503-545, 2009.

<sup>52</sup> WEINSTEIN, Bárbara. Op. cit. 244.

<sup>53</sup> Mensagem dirigida em 07 de setembro de 1911 ao congresso legislativo do Pará pelo Dr. João Antônio Luiz Coelho governador do Estado, página 77.

Uns dos principais fatores que contribuíram para a “crise” foram as produções realizadas no oriente gerando uma concorrência, pois o novo produto chamava a atenção do capital estrangeiro, e conseqüentemente a queda do preço da borracha amazônica<sup>54</sup>. As diferenças da borracha do oriente era a profunda transformação técnica de produção da matéria prima, que abaixava os custos e aumentava a qualidade do produto, o que vai ajudar a tomar conta do mercado<sup>55</sup>. O botânico Jacque Huber que pertencia ao Museu Paraense Emilio Goeldi, realizou pesquisas sobre a produção da borracha no Oriente comparando com a que era produzido na Amazônia<sup>56</sup>. Essa pesquisa e viagens realizadas pelo botânico trazem alguns registros fotográficos no qual irei abordar no segundo capítulo.

Mesmo com a tentativa de mudança e a realização do incentivo, o período de 1910 ainda foi marcado com a queda do capital, prejudicando assim as casas aviadoras e as firmas comerciais: “Inúmeras falências e concordatas devem ter escapado à justiça, porque o sistema inteiro do aviamento fora abalado repercutindo a crise por todo o interior da Amazônia”.<sup>57</sup>

Até por volta de 1920 Belém deixaria de ser a “capital da borracha”, mesmo assim as exportações desse produto continuavam, ainda que em menor escala, a economia da cidade sobrevivia devido ao seu porto, alguns produtos vão se destacar como a castanha do Pará, conforme destaca Antonio Rocha Penteado<sup>58</sup>.

Porém, as casas aviadoras, exportadoras de borracha, vão sofrer os efeitos da crise. Ainda que alguns até conseguissem permanecer no mercado, principalmente em firmas de importação, isso tudo devido a um mercado consumidor e um centro urbano que já não dependia completamente do negócio com a borracha. Como afirma Weinstein “Em 1912, a população municipal paraense elevava-se para 275.167 habitantes, fazendo dela umas das cinco maiores áreas urbanas do Brasil e um mercado considerável para gêneros alimentícios e produtos manufaturados”.<sup>59</sup>

Na capital paraense, desde o início do século XX, houve o surgimento de pequenas fábricas que segundo Roberto Santos, foi consequência da concentração de

---

<sup>54</sup> Ibidem, p. 248.

<sup>55</sup> SANTOS, Roberto. Op.cit. 232-233.

<sup>56</sup> CASTRO, Anna Raquel de Matos. Do ponto de vista do cientista: Jacques Huber e a borracha na Amazônia (1907-1914). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

<sup>57</sup> CASTRO, Anna Raquel de Matos, p. 238.

<sup>58</sup> PENTEADO, A. R. Belém do Pará: Estudo de Geografia Urbana. Volume 1. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. Universidade Federal do Pará - UFPA, 1968. p. 156.

<sup>59</sup> WEINSTEIN, Bárbara. Op.cit. 268-269.

lucros de alguns proprietários que investiam em manufaturas<sup>60</sup>. Assim, Barbara Weinstein acredita que enquanto o estado do Pará sofria devido à crise da borracha, atacadistas e industriais de Belém continuavam relativamente bem devido atenderem ao mercado rural e urbano<sup>61</sup>.

Essas fábricas e comerciantes por atacados haviam se especializado em maquinarias, e eram envolvidos em atividades como funilaria, cervejaria, entre outros gêneros produzidos no próprio estado do Pará. No *Guia Ilustrado de Belém* do ano de 1916 de Theodoro Braga, chama-se a atenção para as fábricas que surgiam na capital e suas produções. Desse modo, afirmava Theodoro Braga que não era “pequeno o incremento que dia a dia se opera nas diferentes indústrias e fabricas da capital<sup>62</sup>”.

Essas fábricas vão ser de grande importância para capital paraense, pois mesmo que o lucro não chegasse a se assemelhar com o período de expansão da borracha, vão compor os álbuns e exposições de fotografias da cidade de Belém, demonstrando assim a percepção de um estado com outras atividades econômicas para além do látex.

Um material editado nesse período foi o *Indicador ilustrado do Estado do Pará* publicado em 1910. Logo no início da obra há um pequeno texto tratando de uma breve história do Pará, e uma contextualização de como estava o estado naquele período. Assim o leitor encontra anúncios e propagandas de negócios que funcionavam na cidade Belém, como fábrica de cervejas, lojas de roupas e calçados entre outros.

A obra apresentava ainda fotografias, mostrando prédios, praças e ruas bem cuidadas, buscando sinalizar uma capital desenvolvida, como foi recorrente em publicações do governo do Pará de finais do século XIX e primeira década do século XX. Porém, em uma segunda parte a edição traz fotografias com outros elementos que são importantes analisar.

Desse modo no *Indicador ilustrado* nota-se um número bastante considerável de anúncios e propagandas, que eram seguidas por fotografias de lojas e fábricas. Percebe-se que nessa publicação os elementos que foram usados para representar a cidade de Belém eram diferentes dos anteriores. Pode-se exemplificar essa constatação pelo fato de que se têm fotografias de fábricas localizadas em pontos distantes do centro da cidade, outro ponto é que os trabalhadores são também alvo do fotógrafo como podemos ver nos exemplos a seguir.

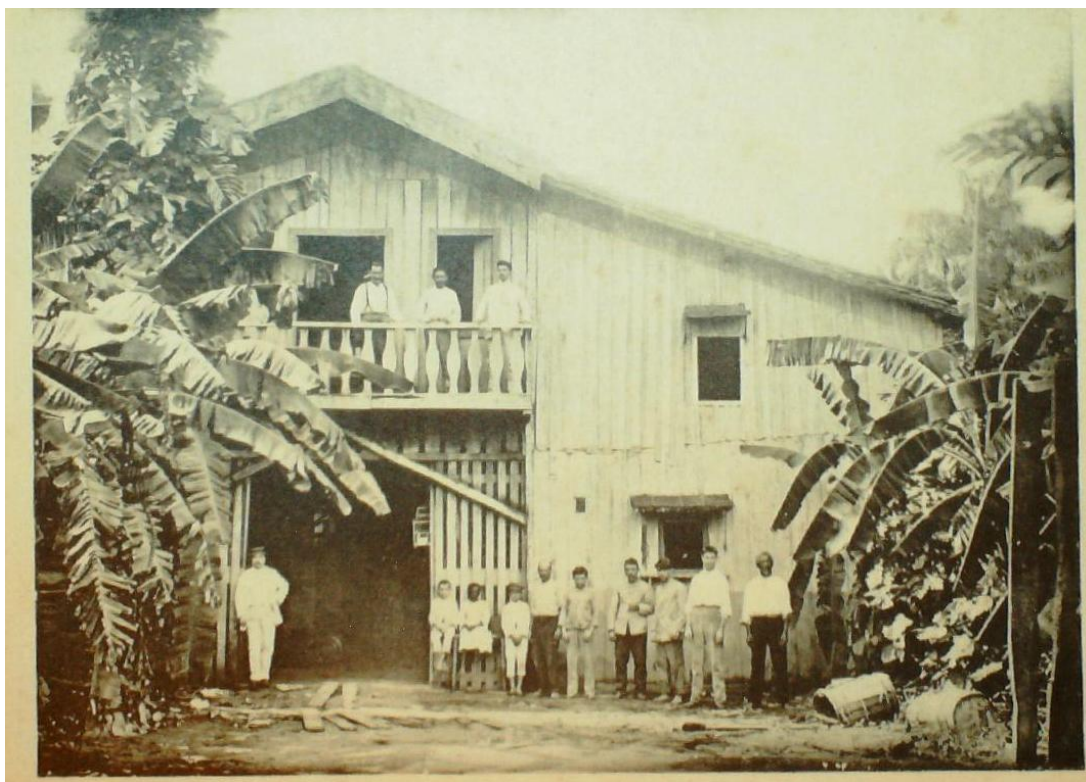
---

<sup>60</sup> SANTOS, Roberto. Op.cit. p.188-190.

<sup>61</sup> WEINSTEIN, Bárbara. Op.cit, p. 269.

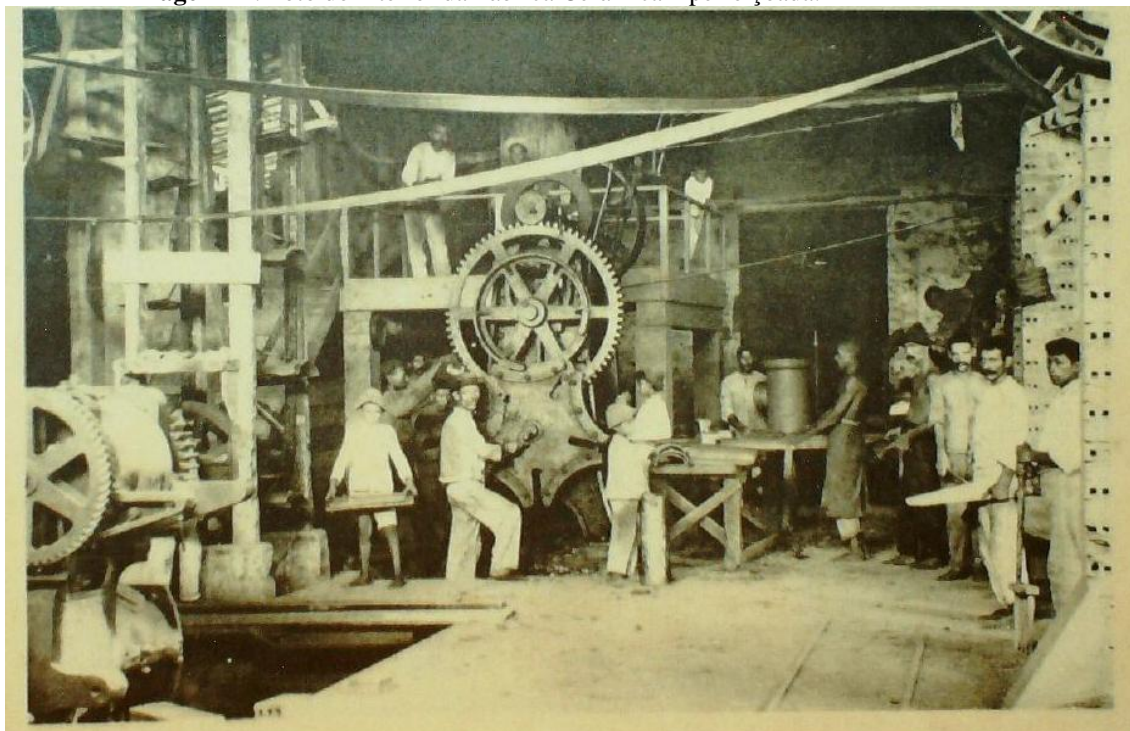
<sup>62</sup> BRAGA, Theodoro. Guia do Estado do Pará. Belém: Typ. Do Instituto Lauro Sodré, 1916, p.175.

Imagem 10: Foto da fachada da Fábrica Amazônia, Soares & Carvalho.



Fonte: Indicador Ilustrado do Estado do Pará, 1910, página. 128.

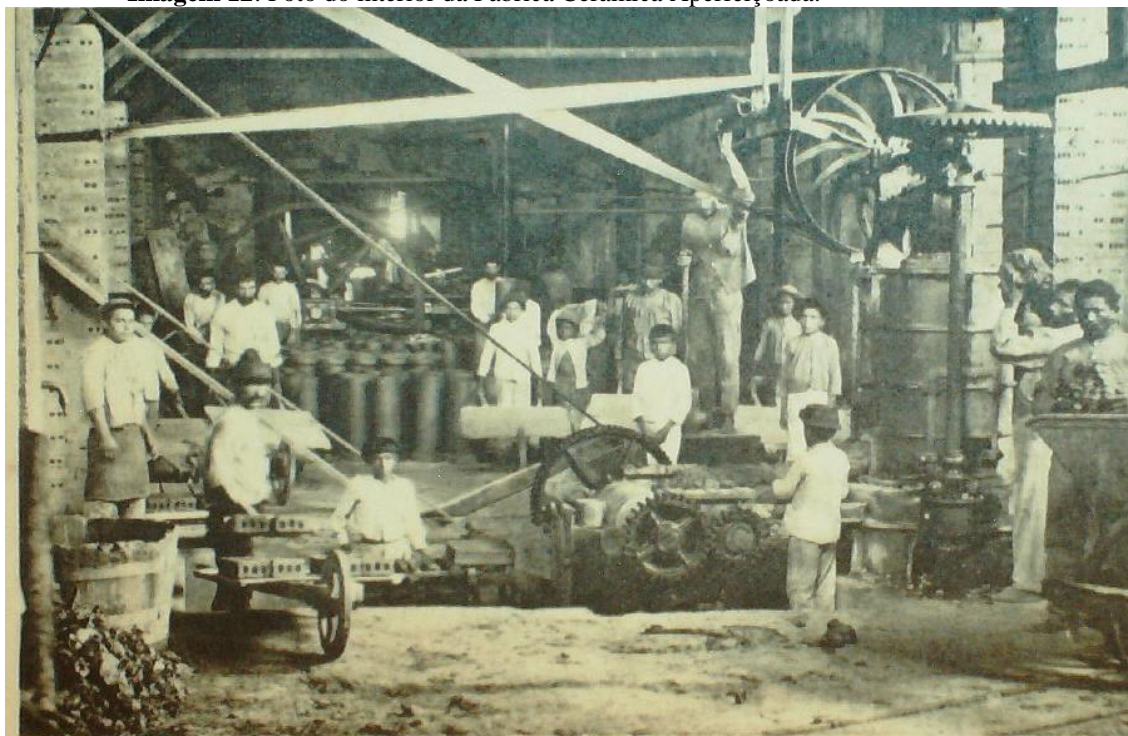
Imagem 11: Foto do interior da Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada.



Fonte: Indicador Ilustrado do Estado do Pará, 1910, página. 165.



**Imagem 12:** Foto do interior da Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada.



Fonte: Indicador Ilustrado do Estado do Pará, 1910, página. 166.

**Imagem 13:** Foto da área externa da Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada.



Fonte: Indicador Ilustrado do Estado do Pará, 1910, página. 163.

As imagens anteriores são de duas fábricas da cidade de Belém, a Fábrica Amazônia localizada no bairro do Reduto e a Fábrica de Cerâmica Aperfeiçoada localizada na Rua da Municipalidade entre a travessa D. Pedro e a Dom Romualdo Seixas, no bairro do Umarizal.

Nas imagens 11 e 12 podemos ver os empregados junto às máquinas e instrumentos de trabalho. No meio dos trabalhadores podemos notar a presença de crianças, dando uma noção de como funcionava o trabalho dentro dessas fábricas. Nas imagens 10 e 13, temos uma noção da localização dessas fábricas, pois mesmo se tratando da capital do Estado muitos lugares ainda traziam aspectos rurais que permaneciam na cidade.

Essas e outras imagens semelhantes que compõem o *Indicador Ilustrado do Pará* buscam reforçar a ideia de que o Estado do Pará também era um espaço de produção manufatureira e fabril. Sendo um lugar com diversas fábricas e geração de produtos, em contradição à ideia arraigada de um Estado que vivia somente do extrativismo da goma elástica. Assim, a figura do trabalhador urbano inserido em um universo fabril, passa a ganhar destaque no foco das imagens que são apresentadas, ou seja, eles acabam se tornando um elemento essencial para a construção da ideia da cidade que possui um setor fabril desenvolvido.

Trouxe as imagens do *Indicador Ilustrado* para exemplificar como as fotografias acabam por refletir a situação de um determinado período, influenciando na hora dos registros. No caso das imagens analisadas acima, podemos notar a preocupação em divulgar as fábricas e outras produções do Estado do Pará algo que vai ser recorrente nos anos posteriores com a participação do Pará nas exposições internacionais.

Diante dessas constatações pode-se inferir que tanto a imprensa paraense quanto as fotografias presentes em variados tipos de periódicos acompanharam esse contexto das primeiras décadas do século XX. Momento em que a capital paraense, Belém, diante de mudanças em sua economia era mostrada a partir de permanências da cidade urbanizada em finais do século XIX pelas riquezas do látex, mas também de mudanças, a exemplo das imagens fabris.

Desse modo, tais fontes são essenciais para a compreensão desse período. Para essa pesquisa destaca-se o momento em que percebemos a junção das duas fontes, onde a fotografia passa a estampar as páginas dos periódicos, e que junto com os textos jornalístico contribuiu para a circulação de informações e debates que refletiam questões do cotidiano e representações da cidade de Belém.

Assim, a cidade é pensada, não como algo abstrato, mas construída por sujeitos sociais que interagem nesse espaço construindo-o e modificando-o, por meio de suas ações cotidianas. De fato, como apontou Déa Ribeiro Fenelon, são essas ações que acabam por definir a paisagem urbana. Constituindo referências e imagens de uma cidade “impregnadas de memórias e de significados que se constroem e se modificam pelas experiências e vivências sociais posteriores (...)”<sup>63</sup>.

Desse modo, na cidade de Belém, alvo do nosso interesse, as ações das autoridades, a circulação de pessoas variadas como, políticos, mendigos, migrantes, se tornaram notícias de jornais, bem como o comércio, a higiene e o saneamento.

Nos capítulos seguintes, a análise se volta para fotografias publicadas nos periódicos e como elas se relacionam com uma narrativa que havia no contexto em que elas foram publicadas, que mostravam uma Belém em crise. Imagens essas que podemos dizer que entram em contraste com que era divulgado no período anterior como vimos nas imagens que eram publicadas nos álbuns de governo.

Considerando-se as muitas possibilidades de olhar a cidade de Belém por meio das imagens publicadas desse espaço. No próximo capítulo trataremos de temas que davam a tônica dos tempos de “crise econômica” e ao mesmo tempo do que poderíamos chamar de derrocada final do período lealista em 1912 que coincidia com o período em que cresciam as preocupações em torno da concorrência da borracha asiática.

---

<sup>63</sup> FENELON, Déa Ribeiro. “São Paulo: Patrimônio Histórico-Cultural e Referências Culturais”. Projeto História, São Paulo, v. 18, p. 289-294, 1999.p.289.

## Capítulo 2: Retratos de uma Belém em crise

### 2.1 “A desafronta”: notas imagéticas da política na capital paraense.

Cabe aqui destacar a importância dos jornais para a conjuntura política do momento analisado. De fato, podemos pensar que uma das grandes armas políticas de Antônio Lemos era o seu jornal a “Província do Pará”. Pois mesmo que o intendente não fosse membro de uma oligarquia paraense esse periódico divulgava a imagem dele como se fosse um grande administrador<sup>64</sup>. E essa imagem não era apenas divulgada pela *Província do Pará*, também era possível ser vista em revistas, relatórios e álbuns de fotografia. Os textos dessas publicações que falavam sobre Lemos traziam elogios considerando-o “venerado chefe”, “grande estadista”<sup>65</sup>.

A criação da imagem de Lemos como um grande administrador contribuiu certamente para sua influência no cenário político paraense. Assim, as imagens que eram divulgadas pelos jornais criavam narrativas que faziam parte de uma cultura política que permeava a sociedade paraense do período.

Segundo Edilza Fontes, as culturas políticas nos ajudam a entender o comportamento político de atores sociais, individuais e coletivos, privilegiando os seus pontos de vista, percepções, vivências e sensibilidades<sup>66</sup>. A autora ressalta também que em uma mesma conjuntura podemos perceber a existência de outras culturas políticas que se contrapõem e se colidem<sup>67</sup>. Em 1912, no Pará, vemos que havia outro grupo político liderado por Lauro Sodré, que fazia oposição aos lemistas. Esse grupo tinha o apoio de jornais que circulavam pela cidade, construindo assim narrativas que divulgavam outra imagem do então de Antônio Lemos.

Na primeira década do século XX poucas fotos apareciam nos jornais que circulavam pela cidade de Belém, pois faltavam maiores domínios dessa técnica e tal produção precisava de muito investimento que não dava retorno<sup>68</sup>. Com isso, observamos que, ainda que a fotografia começasse a aparecer com mais frequência nas

---

64 SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos. Belém: Paka-Tatu, 2002; p.72.

65 SARGES, Maria de Nazaré; p.74.

66 FONTES, Edilza J. O. “Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 - 1935)”. Revista Estudos Políticos, v. 7, p., 2013, pp. 131-151; p.144.

67 FONTES, Edilza J. O; p.145.

68 COSTA, Helouise. Da fotografia de imprensa ao fotojornalismo. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.6, n.I-2, p. 75-86, jan-dez 1993. P. 76.



páginas dos jornais, a maioria das imagens publicadas eram gravura ou charges, por exemplo, de alguma personalidade política do Pará. Isso se dava certamente pelo interesse que tais imagens tinham entre os leitores e também devido à dificuldade de reprodução das imagens fotográficas nos periódicos. Dentre os Jornais que circulavam pela cidade e traziam gravuras em suas páginas havia o jornal O Estado Pará. Como vimos nas imagens 7 e 8 do capítulo anterior.

Ainda em 1912 na edição do dia primeiro de setembro do jornal Estado do Pará podemos ver a imagem de Antônio Lemos sendo conduzido por seus opositores depois dos atentados contra a sua casa e a sede do jornal a Província do Pará no qual era um dos editores. A imagem é acompanhada com a manchete “a desafronta” e trazia notas sobre os atentados e manifestações ocorridos no dia 28 de setembro.

**Imagem 14** : Saída de Antônio Lemos de Belém.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* no dia 01 de setembro de 1912, página. 1.

Analisando a imagem podemos perceber que diferente de uma gravura de caráter ilustrativo, a fotografia se relaciona com o texto, no caso com a notícia que está sendo passada. Segundo Sousa, uma foto que possui um valor jornalístico determinado pela empresa de comunicação e a que ao lado do texto contribui para a divulgação e credibilidade da informação, é considerado como fotojornalismo<sup>69</sup>. O poder de manipulação das fotos jornalísticas é um ponto importante para se observar, pois o trabalho do fotógrafo junto com o do editor de um meio de comunicação mostra o potencial narrativo e a força persuasiva da articulação entre texto e imagem. Segundo Costa, “somente um determinado tipo de imagem, produzida tendo em mente a estrutura particular da fotorreportagem, prestava-se a sua apropriação de acordo com princípios estabelecidos”<sup>70</sup>.

No caso da foto de Antônio Lemos, ela faz parte de uma série de reportagens realizadas pelo *Estado do Pará* em que se mostraram os acontecimentos do dia 28 de setembro de 1912, com a chegada de Lauro Sodré à capital paraense, seguido por um atentado contra a sua vida, o que causou revolta por parte da população que estava ali. Tal conflito teve como consequência o incêndio na sede do jornal *A Província do Pará*, e da casa do ex-intendente Antônio Lemos. Em 1912 a disputa entre os dois grupos políticos que tinham força no estado, no caso os Lemistas e Lauristas, estava acirrada principalmente com as eleições para intendência naquele mesmo ano. Devido os escândalos que ocorriam com essa disputa política, existia a ameaça de uma possível intervenção federal. A vinda de Lauro Sodré ao Pará tinha como propósito uma conciliação entre os grupos políticos<sup>71</sup>.

A edição de 29 de setembro de 1912 do jornal *O Estado do Pará*, trazia notícias sobre os festejos realizados comemorando a volta de Lauro Sodré:

As festas a Lauro Sodré – O jubilo impera ainda na cidade, por toda parte ouve-se rumores festivos em honra a Lauro Sodré, que continua a receber o povo do Pará, a quem veio trazer o conforto imenso de sua presença, manifestações estrondosas, provas inconcussas de quanto é querido e idolatrado na terra paraense.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> SOUSA, Jorge Pedro. Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. 1. ed. Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: < 10 de dezembro.2021>. p.7.

<sup>70</sup> COSTA, Helouise. Op.cit. p.85

<sup>71</sup> ROCQUE, Carlos. A história de A Província do Pará. Belém: Mitograph, 1976.p.119

<sup>72</sup> Jornal *O Estado do Pará* 29 de agosto de 1912, página.1.

A página do jornal relatava todas as homenagens que foram realizadas a Sodré como mensagens de empresários, políticos e visitas como a do governador João Coelho. Havia até uma sessão mostrando manifestações que foram realizadas e comandadas por apoiadores do ex-governador <sup>73</sup>. Porém, no final da página, no canto inferior, nota-se um quadro que trazia o seguinte:

INOMINAVEL ATENTADO CONTRA LAURO SODRÉ- O lemismo desmascarou-se. Em desespero de causa tenta suprimir o grande brasileiro.

Ontem as 8 ½ da noite dirigia-se no Landau governamental para o Theatro da Paz o iminente Sr. Dr. Lauro Sodré, acompanhado de seu filho Dr. Emmanuel Sodré, capitão Casulo de Mello, ajudante de ordens do governador, e do Dr. Virgílio de Mendonça, intendente municipal, quando ao passar pela avenida Nazareth, esquina da travessa Benjamin Constant, um grupo de cerca de seis indivíduos inesperadamente, disparou vários tiros e pistolas sobre a carruagem, que era seguida de outra (...)74.

A partir desse dia as capas do jornal traziam informações acerca da tentativa de atentado e a revolta da população que causou a perseguição de Antônio Lemos. As matérias que vieram posteriormente vinham com o título “A desafronta”, e falavam sobre a reação popular contra o ex-intendente e sua expulsão da cidade.

Na fotografia publicada na edição do dia primeiro de setembro, podemos notar a saída de Lemos da cidade sendo conduzida por seus opositores como Virgílio de Mendonça, e ainda sob a manchete “a desafronta” e logo abaixo “a cidade volta a sua normalidade”. Acabar com o Lemismo era algo bastante comentado pelos jornais de oposição, como o *Estado do Pará* e o *Folha do Norte*, por isso a série de matérias publicadas sobre o atentado em conjunto com fotografia da expulsão, buscava representar a vitória dos opositores das políticas do ex-intendente. De fato, quando nos voltamos para a imagem de Lemos mostrada anteriormente, vemos um homem que parece ter um semblante triste, assustado, com seu chapéu na mão.

Até então não foram encontradas informações mais detalhadas sobre a realização dessa imagem. Porém no início do século XX o processo fotográfico já havia sido aperfeiçoado com a invenção da gelatina de bromuro. Um processo que dentro das suas características havia a criação de rolos de filmes mais sensíveis à luz o que diminuía o tempo de exposição. Com isso o retratado não precisava ficar estático durante muito

<sup>73</sup> Jornal *O Estado do Pará* 29 de agosto de 1912, página. 1.

<sup>74</sup> Jornal *O Estado do Pará* 29 de agosto de 1912, página. 1.

tempo em frente à câmera para aparecer na imagem<sup>75</sup>. Isso contribui para o flagrante jornalístico.

Com a existência desse aperfeiçoamento no processo fotográfico e pelas características da foto de Lemos, o leitor do *Estado do Pará* deparava-se com uma imagem que pretendia mostrar a desolação de Lemos sendo expulso da cidade. Buscando captar dentro das possibilidades tecnológicas da fotografia daquele contexto, o instante em que o acontecimento se dava; se diferenciando, portanto, das fotos posadas. Podemos pensar sobre o processo de produção dessa foto.

Essa imagem certamente destoa muito de algumas outras do Intendente em que ele aparecia de forma altiva inspirando respeito como no álbum de 1902. De fato, nessa publicação, que segue, conforme se pode observar, o retrato de Lemos está no centro entre os outros intendentes do estado do Pará. O mesmo pode ser percebido, ainda que de forma indireta na icônica imagem do seu aniversário, provavelmente de dezembro de 1908 publicada posteriormente pela revista nacional *Fon-Fon* do dia 13 de março de 1909. Nesse número da *Fon-Fon* o intendente aparece realizando uma festa beneficente e a matéria fazia elogios o chamando de “Benemérito”.

---

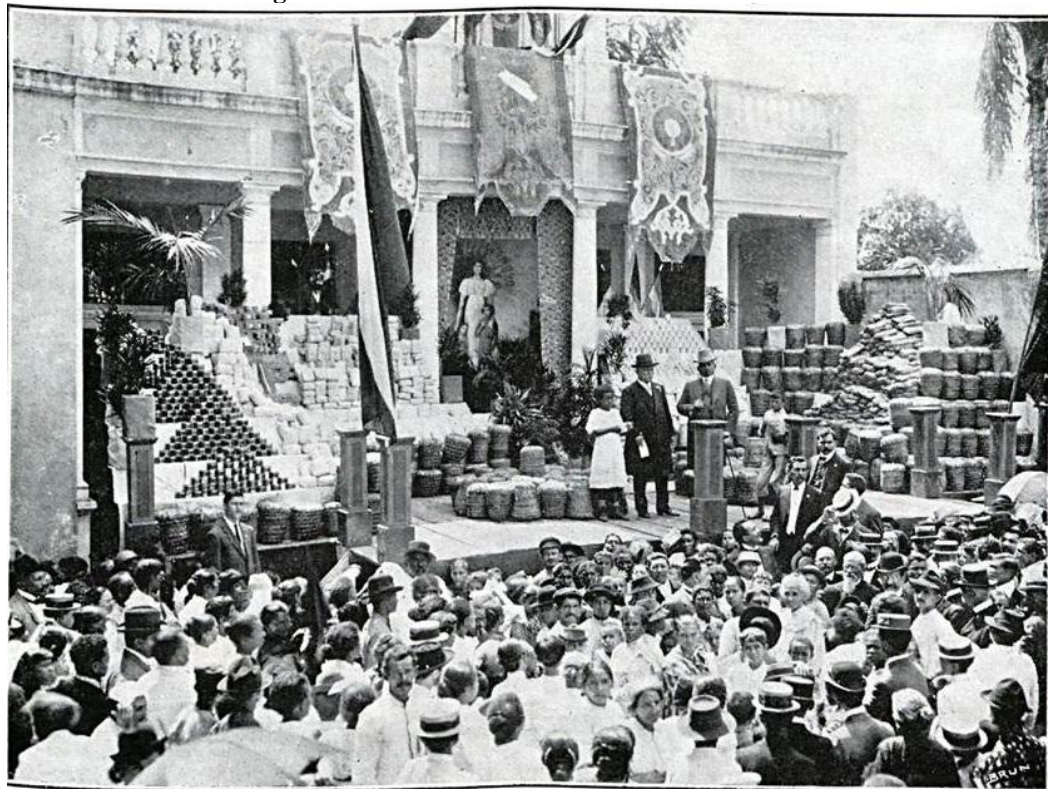
<sup>75</sup> *Manual de Photographia*, Rio de Janeiro: Editora Laemmert & Cia, 1896, p.VII. Disponível no site: <http://www.studium.iar.unicamp.br/15/07.html> ; p.18.

**Imagem 15:** Foto dos Intendentes de Belém.



Fonte: Álbum de Belém 1902, página. 10.

**Imagem 16:** O aniversário de Antonio Lemos.



Fonte: Foto retirada da revista *Fon-Fon* do dia 13 de Março de 1909, página. 22.

Depois da foto de Lemos, com certo ar desolado, com seu chapéu na mão em 1912, - pelo menos de acordo com o que a presente pesquisa conseguiu identificar - apenas uma foto apareceu ao longo das matérias publicadas sobre o episódio, dessa vez, não mais do Ex- Intendente, mas de pessoas falecidas envolvidas nos conflitos. Foi na edição do dia 05 de setembro de 1912 em que se trazia uma fotografia que mostrava o velório das vítimas do incêndio que ocorreu na sede do jornal *Província do Pará* e na casa de Antonio Lemos. Na mesma edição o jornal trazia detalhes da solenidade, que havia ocorrido na igreja de Santana a pedido do reverendo Mâncio Caetano Ribeiro. No evento também estavam presentes políticos como Lauro Sodré. Em cima da imagem havia o título “*As victimas do dever*”, e a edição não trazia informações sobre quem eram as pessoas que haviam falecido, apenas que elas haviam participado das manifestações da noite do atentado. O jornal prestava homenagens para essas vítimas, e culpava Antônio Lemos por ter supostamente organizado o atentado contra a vida de Sodré e todas as manifestações que vieram depois desse evento<sup>76</sup>.

Em uma cidade como Belém, que apesar de seu crescimento urbano alavancado pelos negócios da borracha, ainda era uma capital pequena se comparada a outras como a capital federal. Os conflitos políticos que levaram às mortes a imagem dos caixões das vítimas estampadas na primeira página do jornal *Estado do Pará*, possivelmente chocaram e ao mesmo tempo comoveram os leitores e leitoras do periódico.

---

<sup>76</sup> *Estado do Pará* do dia 05 de setembro de 1912; página.1.

**Imagem 17:** Funeral das vítimas do incêndio da sede da Província do Pará.



Fonte: Foto publicada no jornal *o Estado do Pará* do dia 05 de setembro de 1912, página. 1.

Ainda em setembro desse mesmo ano, Antônio Lemos renúncia o cargo que ocupava como senador, e seguiu para o Rio de Janeiro onde morou na casa de seu sobrinho Arthur Lemos, e ficou até a sua morte em 1913. O jornal *A Província do Pará* deixa de circular depois do incêndio e retorna apenas em julho de 1920 sob a direção de Pedro Chermont de Miranda<sup>77</sup>.

No dia 06 de julho de 1920 voltava às ruas o jornal *A Província do Pará* com a edição de nº 11.627 dando continuidade nas publicações anteriores, o expediente trazia os nomes dos fundadores: Pedro Chermont de Miranda como diretor, João Batista Ferreira de Sousa o redator chefe, C.J. Ramos da Cruz como gerente. A primeira página trazia retratos de Dr. Assis e de Antônio Lemos junto com dados biográficos<sup>78</sup>.

A edição trazia notícias esportivas, sobre o comércio, telegramas nacionais, sonetos e anúncios. Apareciam também os nomes dos jornalistas que trabalhavam nessa nova tiragem do periódico, como Benjamim de Sousa, Arthur Silva e Oswaldo Orico. E cabe destacar o nome do fotógrafo Antonio Sousa Brasil responsável pelas imagens do periódico. Geralmente os nomes dos fotógrafos dos jornais não eram divulgados, sendo difícil traçar um perfil desses profissionais. Assim, mesmo com o nome de Antônio

<sup>77</sup> ROCQUE, Carlos. Op.cit.p128.

<sup>78</sup> Jornal *A Província do Pará*, 06 de julho de 1920; página. 1.

Sousa aparecendo na primeira edição, às imagens publicadas nos periódicos não eram creditadas<sup>79</sup>.

É importante destacar que nesse início da reinauguração da *Província do Pará*, Lauro Sodré era o governador do Estado, e no ano seguinte, em 1921 seriam as eleições para seu sucessor. Assim, o jornal se fixou como oposição ao governo e em diversas matérias ainda se falava sobre os incidentes de 1912, principalmente na edição do dia 29 de agosto de 1920 onde aqueles acontecimentos completariam oito anos<sup>80</sup>.

Em agosto de 1920, oito anos depois dos incidentes de 1912, a memória daqueles dias de conflito, que culminaram com a saída de Antonio Lemos para o Rio de Janeiro, permanecia viva nas páginas da *Província do Pará*. Na matéria em que relembavam o incêndio da antiga sede, o jornal afirmava que o atentado contra a vida de Lauro Sodré havia sido forjado e que o jornal *A Província do Pará* já tinha feito matérias revelando esse plano que tinha como função jogar as suspeitas contra Antonio Lemos<sup>81</sup>. De fato, anos antes, na edição do dia 22 de agosto de 1912 o jornal *Província do Pará* denunciava um plano para simular um atentado contra Lauro Sodré. Uma “infâmia” como dizia a matéria, que iria servir para ferir a imagem de Lemos. Ao fim do editorial era ressaltada a importância da volta da circulação do jornal na cidade e para o meio político<sup>82</sup>.

---

<sup>79</sup> Jornal *A Província do Pará*, 06 de julho de 1920; página. 1.

<sup>80</sup> Jornal *A Província do Pará*, 29 de agosto de 1920; página. 1.

<sup>81</sup> Jornal *A Província do Pará*, 22 de agosto de 1912; página. 1.

<sup>82</sup> Jornal *A Província do Pará*, 29 de agosto de 1920; página. 1.



**Imagem 18:** Sede do jornal A Província do Pará.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 29 de agosto de 1920, página .1.

**Imagem 19:** Sede do jornal A Província do Pará depois do incêndio.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 29 de agosto de 1920. Página. 1.

As imagens do prédio apresentadas acima foram publicadas na edição que marcava a volta do jornal a *Província do Pará*, as duas fotos mostram a antiga sede do jornal antes e depois do incêndio. Conforme já foi falado, nesse período inicial as matérias comemoravam o retorno do periódico e as imagens ajudavam a passar a ideia de “uma fênix voltando das cinzas”, e também visavam trazer à tona outro ponto de vista sobre os incidentes de 1912<sup>83</sup>.

As imagens apresentadas nesse tópico além de serem importantes para o entendimento dos acontecimentos aqui trabalhados ajudam a compreender o contexto em que elas foram produzidas. Por volta da década de 1910 o Pará começa a presenciar mudanças drásticas no preço da borracha, que se estendeu por muitos anos, até que esse comércio perdesse força nas pautas de exportações paraense. Era o início do período que ficou conhecido como “a longa decadência” abordada no capítulo anterior<sup>84</sup>.

## **2.2: “A desgraça da borracha”: imagens da decadência da economia**

Muitos dos efeitos da queda da diminuição das exportações de látex e da consequente desaceleração dessa economia atingiram o comércio e os negócios de cidades amazônicas como Belém e Manaus. Na capital paraense a imprensa criticava a administração local. Como consequência disso houve um crescimento do movimento anti Lemista na cidade, e que contribuiu para os acontecimentos de 1912 anteriormente descritos.

Isso acaba tornando a foto de Antônio Lemos, apresentada anteriormente, no seu principal momento de crise, bastante significativa. De fato, Lemos representava um momento de crescimento urbano da cidade, marcado pelo desenvolvimento do comércio da goma elástica. Assim, a economia da borracha em declínio e a expulsão de Lemos acabam sendo símbolos do fim de um período.

No romance *Belém do Grão Pará*, Delcídio Jurandir trabalha com essa ideia de que com o episódio da expulsão de Lemos e a decadência da economia da borracha a cidade passa por mudanças. Percebemos isso na forma como ele representa Belém desse

---

<sup>83</sup> Jornal *A Província do Pará*, 29 de agosto de 1920; p.1.

<sup>84</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850 -1920)*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1993.p.209.

período e como os personagens se comportam ao andar pelas ruas da cidade. Como vemos no trecho a seguir:

Na praça, sombreada e deserta, se levantavam do silêncio e do abandono os fundos do Teatro da Paz. Mal se via a estátua da República. Luz e movimento só eram ali no terraço e no quiosque branco onde se aglomeravam os choferes de ponto. Na esquina da Serzedelo, com as suas grades enferrujadas, o esqueleto ainda sabrecado d'A Província. Alfredo observava a madrinha mãe que não olhou uma só vez para as ruínas.<sup>85</sup>

Nesse contexto, o espaço urbano de Belém sentia as consequências da diminuição das exportações da borracha. Desse modo não era raro aparecer nos jornais denúncias sobre os problemas estruturais da cidade, da falta de saneamento e dos problemas de saúde que isso causava. Algumas dessas queixas traziam fotografias mostrando esses problemas, conforme veremos mais adiante.

Nos jornais que circulavam pela cidade eram comuns notícias ou editoriais falando sobre a economia da borracha, alguns analisavam a queda dos preços com otimismo considerando apenas como uma fase do mercado, e que a economia iria se restabelecer novamente, como podemos ver nesse trecho retirado do jornal *A Província do Pará*.

Se bem que duas firmas de importadores de borracha já se tenham declarado em falência, todavia, não há pânico algum no mercado deste artigo. No que diz respeito à indústria da borracha é opinião geral que tenha lugar a verificação dos ajustes industriais e que a procura voltará de novo como em época normais.<sup>86</sup>

Podemos perceber essa esperança de uma melhora no comércio da borracha, nas tentativas do governo de reanimar a economia do estado, como a criação de planos para a valorização da borracha apoiando estudos para análise da produção do Oriente,

---

<sup>85</sup> JURANDIR, Dalcídio. Belém do Grão Pará. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte), p. 72.

<sup>86</sup> *A Província do Pará*, 13 de dezembro de 1920.p.1.

um dos principais concorrentes econômicos<sup>87</sup>. Um exemplo disso foram os estudos do botânico Jacques Huber, que pertencia ao *Museu Paraense Emilio Goeldi*, e que realizou pesquisas sobre a produção de borracha em países em que essa produção era promissora, e também traçou um comparativo com o que era produzido na Amazônia<sup>88</sup>.

O trabalho de Jacque Huber, que não era apenas voltado para a borracha, mas também para a flora paraense, como mostra Anna Raquel de Matos, fez com que ele ganhasse reconhecimento por parte do governo. Prova disso foi a sua responsabilidade em representar o estado em exposições e congressos nacionais como o do Rio de Janeiro em 1908, o de Manaus em 1910. Huber também participou de exposições internacionais como a de Londres de 1911, de Turim em 1911, e a de Nova Iorque em 1912<sup>89</sup>. E seu nome era sempre citado nos relatórios e mensagens de governo como podemos ver a seguir:

Para Turim seguiram o Sr. Jayme Abreu auxiliar do delegado (...) e o Dr. Jacques Huber, diretor do museu Goeldi, cujos conhecimentos científicos, notadamente ao que concerne a propaganda da borracha, tão necessários se faziam na sessão paraense. Ao para dos seus méritos de cientista, tem o Sr. Dr. Huber em seu favor, para escolha que dele fez o governo, notáveis e profícuos esforços, dedicação e toda prova na organização do certame preparatório a que assistiu com diligência e assiduidade.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> Desde 1911 algumas medidas eram realizadas para a valorização da borracha, como o acordo entre Pará e Manaus, que estabelecia medidas a serem transformadas em lei e que “Não visava à agressão e o revanchismo aos mercados consumidores, mas unicamente a defesa e o amparo da borracha”. LOUREIRO, Antonio. *A grande crise*. 2ª Ed. Manaus: Valer, 2008, p. 119.

Em 1912 foi sancionada a lei 2.543-A, depois de uma série de reuniões entre o presidente Hermes da Fonseca junto com os ministros da fazenda e agricultura e os representantes do Pará, estabelecendo medidas em defesa da produção da borracha, como a isenção total de impostos e importação e prêmios em dinheiro para as plantações de seringueira entre outras medidas de incentivo. SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980, p.248.

A preocupação com as plantações de seringueiras foi alvo de discussões entre os representantes dos estados que buscavam a criação urgente de um plano de defesa da borracha. Eram claros os impactos do declínio da economia, pois a “queda simultânea nas receitas oriundas da exportação reduziu seriamente a capacidade dos estados amazônicos de financiar programas ambiciosos de desenvolvimento WEINSTEIN, Bárbara. *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC:EDUSP, 1993, p.256.

<sup>88</sup> CASTRO, Anna Raquel de Matos. Do ponto de vista do cientista: Jacques Huber e a borracha na Amazônia (1907-1914). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

<sup>89</sup> CASTRO, Anna Raquel de Matos, p.42.

<sup>90</sup> Mensagem dirigida em 07 de setembro de 1911 ao congresso legislativo do Pará pelo Dr. João Antônio Luiz Coelho governador do Estado, página 17.

Uma das principais funções de Huber nesses eventos, principalmente os internacionais, foi a de realizar uma propaganda do estado do Pará, que devido à crise da borracha, precisava restabelecer a economia, e nessas exposições o governo viu essa oportunidade, “subsidiando a busca por novos mercados para o produto, estimulando os negócios e produção local, e mostrando a importância da mesma para a receita do país<sup>91</sup>”. Os periódicos traziam informações sobre essas exposições, apresentada em imagens sobre os produtos que eram levados como podemos ver nas imagens a seguir.

---

91 CASTRO, Anna Raquel de Matos.op.cit. p.43.



Fonte: *O Estado do Pará* do dia 16 de janeiro de 1913, página. 2.

**Imagem 21:** Foto da exposição realizada no Rio de Janeiro.



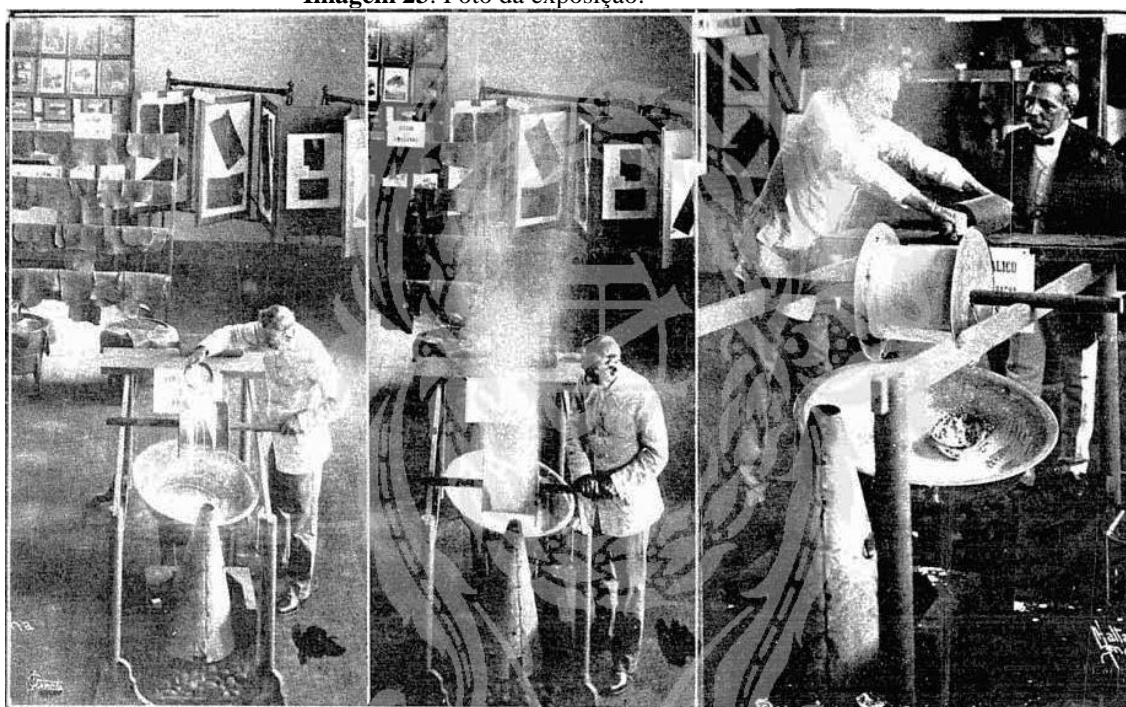
Fonte: *O Estado do Pará* do dia 16 de janeiro de 1913, página. 2.

**Imagem 22:** Foto da exposição.



Fonte: Foto retirada da revista *Fon-Fon* do dia 18 de outubro de 1913, página 26.

**Imagem 23:** Foto da exposição.



Fonte: Foto retirada da revista *Fon-Fon* do dia 25 de outubro de 1913, página 28.



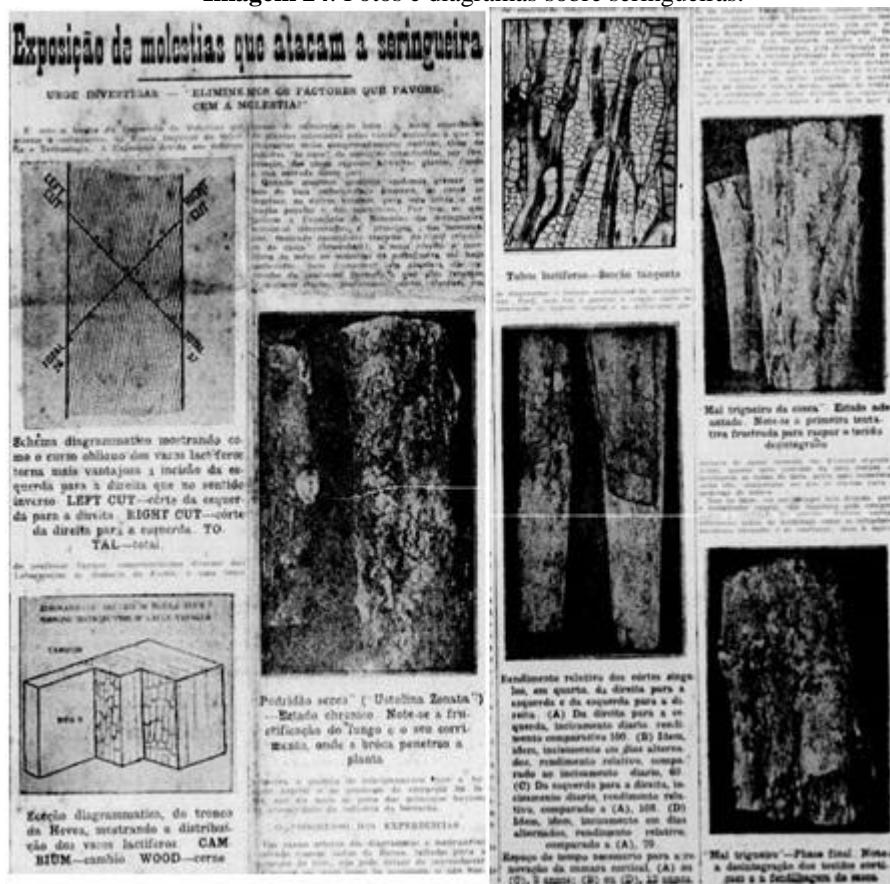
Nas fotos 20 e 21 retiradas do *Estado do Pará* vemos pessoas ao lado de bolas de borrachas que eram levadas para a exposição. Fica a impressão que diante da magnitude da borracha e de seu comércio, e até mesmo da própria natureza amazônica, da qual se retirava esse produto, os homens pareciam pequenos. Contudo, ao mesmo tempo, estavam eles a dominar os usos desse produto. Um exemplo disso é a foto do homem sobre as bolas de borracha, com as placas a indicarem que esse látex vinha de toda a Amazônia: Acre, Amazonas, entre outros. Talvez, em tempos de crise tais imagens quisessem expressar a força dessa atividade econômica e o domínio do homem sobre tais negócios. Conforme falado essas exposições faziam parte de um movimento para tentar recuperar a economia da borracha, e nas imagens podemos ver que eles levavam muitas amostras para dar a ideia de que se produzia bastante.

Nas imagens 22 e 23 retiradas da revista *Fon Fon*, podemos ver como eram as exposições, a partir da imagem da área destinada aos produtos paraenses e também vemos uma apresentação de como era o processo de produção da borracha. A revista *Fon Fon* também trazia imagens dos representantes de outros estados na exposição, sugerindo como esses eventos eram importantes para a economia dos estados brasileiros.

Alguns resultados das pesquisas sobre a borracha eram divulgados pela imprensa como na edição do jornal *O Estado do Pará* de 1920, que vinha com a manchete “As moléstias que atacam a seringueiras”. O artigo tratava do combate aos problemas que as plantações estavam sujeitas, e propõe um novo sistema de corte nas seringueiras que era demonstrado por meio de diagramas e fotografias que estampavam a primeira página da edição.



Imagem 24: Fotos e diagramas sobre seringueiras.



Fonte: Publicados no jornal *O Estado do Pará* do dia 25 de junho de 1920, página. 1.

O jornal faz um agradecimento pelas imagens fornecidas e que foram reproduzidas na edição, pois ajudavam na compreensão da pesquisa publicada. Segundo a matéria as fotos “na sua linguagem simples e clara falam por tudo”<sup>92</sup>. É importante destacar a utilização das imagens nesse projeto de valorização da borracha, e que as representações das seringueiras eram fundamentais para expor o que estava acontecendo na economia e as soluções que eram propostas. A publicação dessas imagens nos jornais ajudava na divulgação desse projeto de valorização, e possivelmente buscavam contribuir para uma visão mais otimista da situação financeira do estado, conforme falado anteriormente.

Nesse contexto, os jornais também traziam as notícias dos problemas da venda da borracha e os efeitos que isso causava, pois o declínio econômico era evidente. Segundo Roberto Santos a renda interna do estado do Pará em 1915 havia reduzido um terço do que tinha sido em 1910, ano este considerado o auge da economia gomífera.

<sup>92</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 25, de junho de 1920, página.1.

Assim como também a forte produção da borracha no extremo oriente que era maior do que na Amazônia, principalmente a partir de 1919<sup>93</sup>, como mostra uma notícia do jornal *O Estado do Pará* de 1920 que fala sobre uma plantação na ilha de Sumatra.

**Imagem 25:** As plantações de caucho da ilha de Sumatra.



Fonte: Foto publicada no jornal *O Estado do Pará* do dia 22 de agosto de 1920, página. 1.

<sup>93</sup> SANTOS, Roberto. História econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo: T.A. Queiroz 1980, p.233.

A edição trazia uma matéria sobre uma plantação de caucho localizada na ilha de Sumatra na Indonésia, e trazia a imagem da plantação mostrando toda a sua extensão. O próprio texto falava do território.

Ao tempo presente a companhia possui propriedade em Sumatra que agrega cerca de 90.000 acres, dos quaes 45.000 acres, ou aproximadamente 70 milhoes quadrados, estão completamente cultivados. Isto constitui o maior grupo de fazendas de caucho no mundo.<sup>94</sup>

Essa e outras notícias que eram publicadas mostram o crescimento da economia da borracha em outros países, o que se tornou um dos principais motivos para o declínio da produção da borracha amazônica. Assim, analisando as matérias junto com as fotos que eram publicadas, podemos perceber o contraste entre as duas produções, no caso a ascensão de uma e o declínio da outra.

### 2.3. Os “aspectos sórdidos” de Belém

Em 1920 a cidade amargava as consequências da drástica diminuição das exportações do látex amazônico. Desse modo, não era raro aparecer nos jornais denúncias sobre os problemas estruturais de Belém, da falta de saneamento e dos problemas de saúde que isso causava.<sup>95</sup> Os jornais *O Estado do Pará* e *A Província do Pará*, traziam manchetes de primeira página como os “Pardieiros da cidade”<sup>96</sup> ou “Uma sentina pública”<sup>97</sup> denunciando espaços da cidade em que havia acúmulo de lixo e “fedentina”<sup>98</sup>.

Os problemas vistos pela imprensa como resultados da falta de higiene aumentavam nos períodos mais chuvosos. Consequentemente, os alagamentos inundavam grande parte da cidade como mostrava o jornal *Estado do Pará* do dia 21 de maio de 1920. Na matéria intitulada “As enchentes do Guajará” os leitores do periódico se deparavam com a água que atingia todos os terrenos que se encontravam perto do

<sup>94</sup> *O Estado do Pará*, 22 de agosto de 1920, página. 1.

<sup>95</sup> Alguns trabalhos referem-se à saúde e ao saneamento em Belém nesse período. Ver: ABREU JR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: Rastros da Gripe Espanhola no cotidiano da cidade de Belém*. Belém: Paka-Tatu, 2018. MARTINS, Maria José Moraes. *Gripe espanhola em Belém, 1918: Cidade, cotidiano e medicina*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará. Belém, 2016. VIEIRA, Elis Regina Corrêa. *Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

<sup>96</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 9 de maio de 1920, página.1.

<sup>97</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 10 de maio de 1920, página.1

<sup>98</sup> *A Província do Pará*. Belém, 15 de outubro de 1920, página.1.

litoral, como o Ver-o-Peso, a praça ilha Moreira e a Avenida Almirante Tamandaré, chegando a alcançar até o Boulevard da República<sup>99</sup>.

Os jornais também chamavam a atenção para as doenças, como o “impaludismo”, que esses problemas estruturais na cidade poderiam causar. Em uma dessas matérias um articulista até chega a afirmar que existiam duas cidades de Belém, uma que era a capital das avenidas bem alinhadas e arborizadas, e a outra que era mais vasta e povoada cheia de barracos e pântanos. Era nessa segunda Belém que muitas doenças se espalhavam. Observamos desse modo, conforme destacou Vieira que as fronteiras entre as duas cidades eram tênues<sup>100</sup>.

E por mais que a falta de saneamento fosse um tema recorrente, a crise econômica dificultava as tentativas de solução por parte do estado. Mesmo com a situação financeira em declínio a partir de 1917, de acordo com Vieira, foram criados postos sanitários em Belém como o “Penitenciária”, no bairro de mesmo nome, “Miguel Pereira”, no bairro de São Braz, “Gaspar Viana”, no bairro da Cremação, “Santa Luzia”, no lugar de mesmo nome, “Belisário Pena” na Pedreira, “Jurunas” no Bairro de mesmo nome, “Oswaldo Cruz”, no bairro do Sousa, “Antônio Vieira” no bairro de Monte Alegre e o de Murubira na ilha de Mosqueiro<sup>101</sup>.

Em 1920 o jornal *A Província do Pará* fazia uma forte oposição ao governo de Lauro Sodré, principalmente com a chegada do período das eleições para governo. Em vários editoriais criticava-o afirmando que esse tinha sido um período de “desacertos, imprevidências, de atrasos de pagamentos e acumulações de compromisso, em suma um negativismo governamental”. Em outubro do mesmo ano o periódico ajudava a lançar a candidatura de José Gama Malcher.<sup>102</sup>

De fato, por meio da pesquisa realizada, percebe-se que esse jornal fez uma intensa campanha pró Malcher, publicando extensos editoriais e notícias sobre o assunto. Porém, ao fim da apuração dos votos, o governo do estado ficaria com Souza Castro candidato Laurista. Mesmo amargando uma derrota nas eleições, *A Província do Pará* continuava a fazer denúncias sobre os problemas do Estado e principalmente da capital paraense, como mostra a edição do dia 15 de outubro de 1920:

<sup>99</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 21 de maio de 1920.página.1.

<sup>100</sup> VIEIRA, Elis Regina Corrêa. *Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará. Belém, 2016, p.34.

<sup>101</sup> VIEIRA, Elis Regina Corrêa, p.63

<sup>102</sup> *A Província do Pará*. Belém, 24 de setembro de 1920, página. 1.

Belém Transformada em esterquilínio - Uma cidade aberta as epidemias- Não há mais limpeza na cidade, o lixo se amontoa e se espalha pelas ruas- fedentina insuportável- A saúde da população em perigo. Excede as raías do simples comentário e registro, para incidir na mais acre censura, o descaso, a indiferença votadas pelos poderes públicos aos interesses da população desta terra outrora tão asseada, tão limpa e tão cuidada e de um quadriênio para cá abandonada, entregue a maior desleixo que a tornou uma cidade imunda, insalubre, verdadeiro esterquilínio como ela agora se apresenta aos olhos atônitos do público (...)<sup>103</sup>

**Imagem 26:** Travessa Campos Salles.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 15 de outubro de 1920, página. 1.

---

<sup>103</sup> *A Província do Pará, Belém 15 de outubro de 1920, p.1.*

**Imagem 27:** Trecho da Travessa Frutuoso Guimarães.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 15 de outubro de 1920, página. 1.

Nas imagens acima, ainda que de qualidade inferior, pela própria natureza técnica da foto jornalística que começava a ganhar mais destaque nos jornais paraenses (mas talvez pela forma como essas fontes foram preservadas ao longo do tempo) podemos ver fotografias publicadas de ruas movimentadas da cidade cujo foco do fotógrafo anônimo foi registrar o lixo e a sujeira, visando denunciar o descaso do poder público. Ao mesmo tempo, não é descabido supor que *A Província do Pará*, desejasse evocar um passado da administração lemistá.

Segundo Sarges, os serviços de limpeza urbana foram uma das metas durante a administração de Lemos. Exemplo disso foi a instalação de um forno crematório de lixo e animais mortos encontrados na cidade, e a contratação de uma firma para os serviços de limpeza que eram equipados com carros mecânicos que auxiliavam na varrição da cidade<sup>104</sup>.

A matéria da *Província do Pará* que acompanhava as imagens indagava se os administradores da capital queriam que as doenças se espalhassem pela cidade, tendo em vista o crescimento de casos de malária em Belém<sup>105</sup>. Mesmo com a falta de

<sup>104</sup> SARGES, Maria de Nazaré. Belém: *Riquezas produzindo a Belle Époque. (1870-1910)*. Belém: Paka-Tatu, 2000, p.168.

<sup>105</sup> *A Província do Pará* do dia 15 de outubro de 1920, página.1.



qualidade das imagens, podemos perceber que estas buscam retratar a sujeira que infestava as ruas, como na imagem 26 em que o fotógrafo quis mostrar a sujeira da Travessa Campos Salles, a se estender até a linha do horizonte da imagem.

Entre as notícias sobre os problemas encontrados na cidade de Belém, cabe aqui destacar uma série de matérias publicadas também pela *Província do Pará* no final do ano de 1920. A série tinha o nome de “Aspectos sórdidos de Belém” e durante oito dias, trouxe nas primeiras páginas do periódico, fotos de diferentes espaços da cidade que estavam sujos ou com algum outro problema.

Começando no dia 13 de dezembro a edição trazia uma pequena nota de abertura da série. Assim o jornal *A Província do Pará* lembrava aos leitores que quase diariamente apontavam-se problemas da capital que precisavam ser resolvidos e que interessavam a higiene e à saúde dos moradores da cidade de Belém. O texto segue indicando que mesmo que nada fosse feito, continuariam com as denúncias, porém iriam apenas publicar imagens, pois segundo eles “Olhar não dá tanto trabalho como ler”, sugerindo a força que a imagem fotográfica parecia ter naquele contexto, quando se objetivava chamar a atenção do público leitor<sup>106</sup>.

E assim a série segue até quase às vésperas do Natal, dia 22 de dezembro de 1920, período em que não raro o Pará experimenta muitas chuvas, o que certamente contribuía para o estado lastimoso que os fotógrafos buscavam imprimir à capital. Ora, a afirmação dos redatores d'*A Província do Pará* nos indica a importância que a imagem começava a ter na imprensa paraense.

Por essa perspectiva, as imagens, falariam mais que o texto escrito, cuja decodificação requeria dos leitores a capacidade de leitura. A imagem abriria assim a possibilidade para que mesmo as pessoas que não soubessem ler pudessem ver registradas pela fotografia, nas páginas do periódico, aspectos, que talvez muitos, já vivenciavam no seu cotidiano.

---

<sup>106</sup> *A Província do Pará*. Belém, 13 de dezembro de 1920, página.1.

**Imagem 28:** Travessa Campos Salles.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 13 de dezembro de 1920, página. 1.

**Imagem 29:** Vendedores de peixe e caranguejo na Avenida Independência, canto com a Travessa 9 de janeiro.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 14 de dezembro de 1920, página. 1.

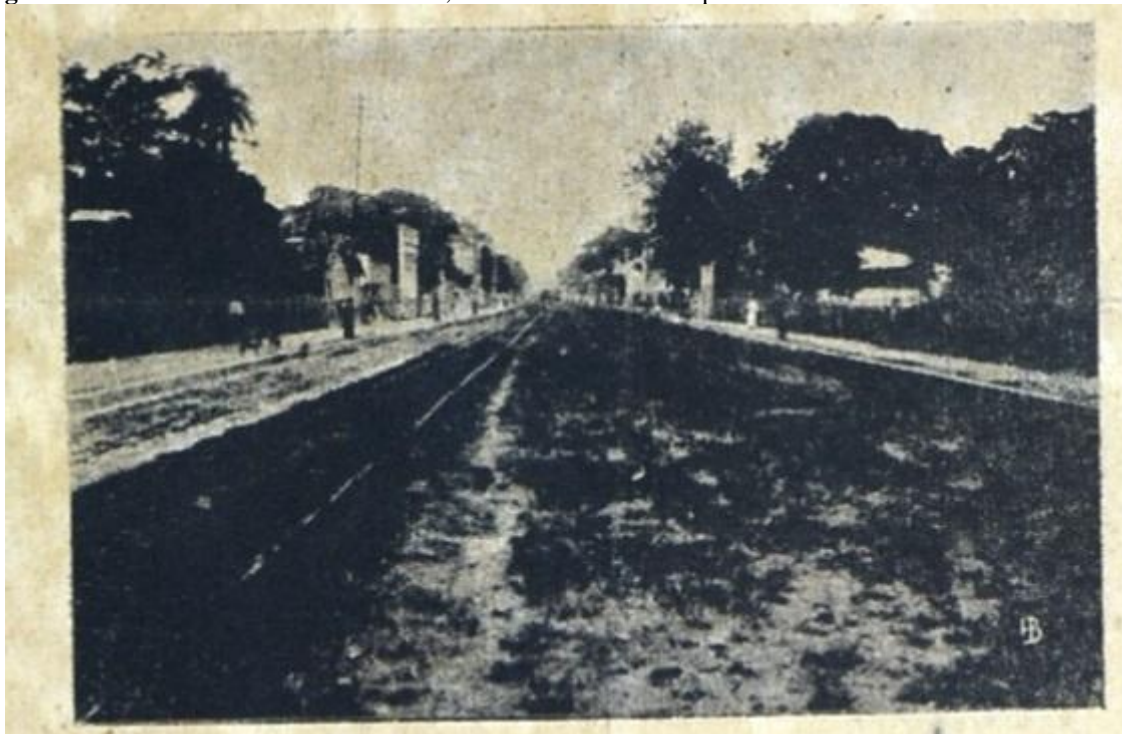


**Imagem 30:** Trecho da Rua Padre Prudêncio, além do Largo da Trindade.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 15 de dezembro de 1920, página. 1.

**Imagem 31:** Trecho da Travessa 22 de Junho, entre as Avenidas Independência e São Jerônimo.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 16 de dezembro de 1920, página. 1.

**Imagem 32:** Rua Dona Thomazia Perdigão.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 17 de dezembro de 1920, página. 1.

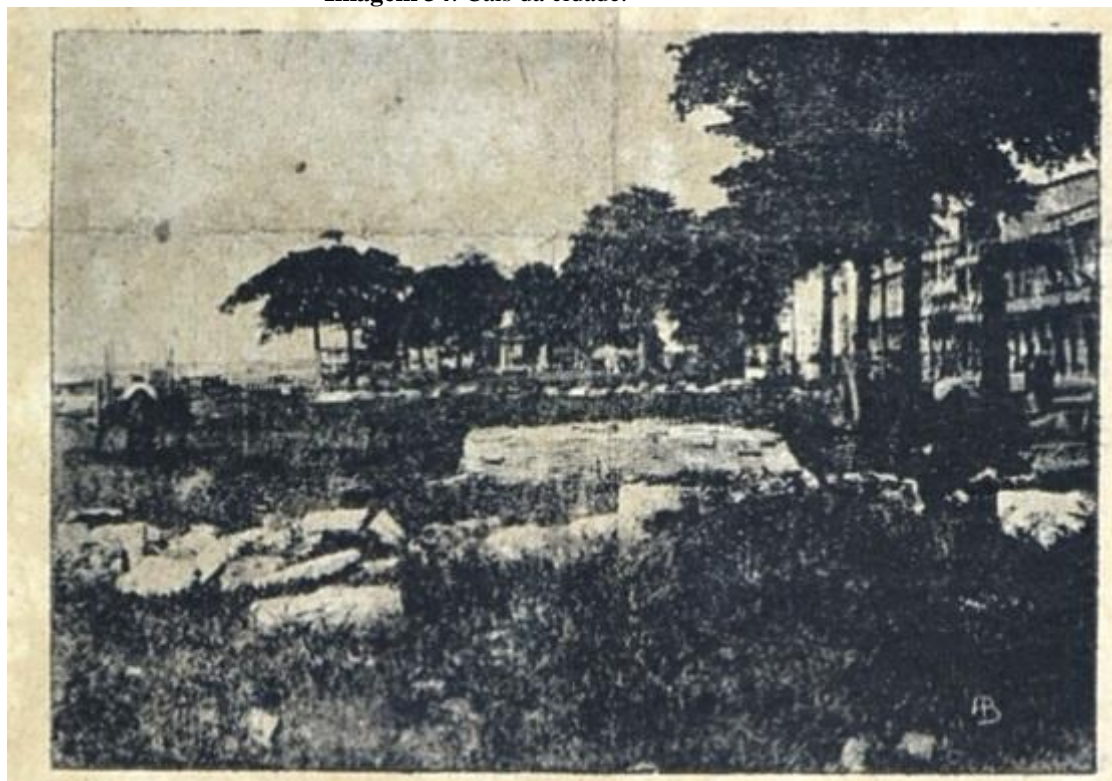
**Imagem 33:** Avenida 15 de Agosto.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 18 de dezembro de 1920, página. 1.

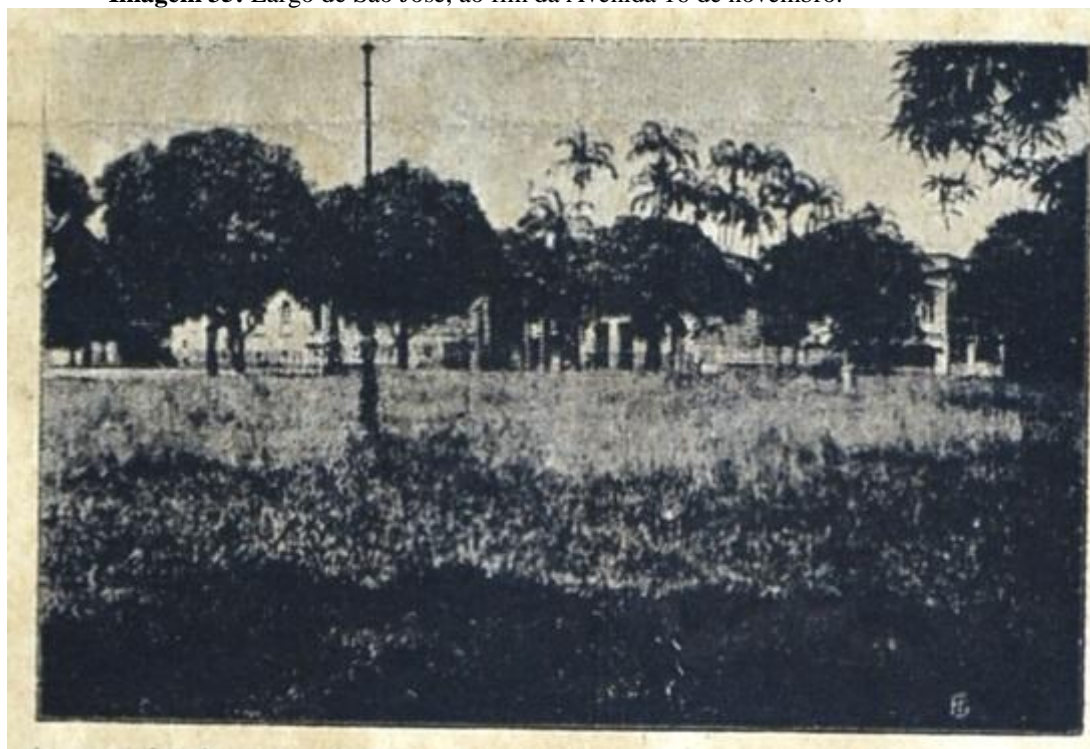


**Imagem 34:** Cais da cidade.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 21 de dezembro de 1920, página. 1.

**Imagem 35:** Largo de São José, ao fim da Avenida 16 de novembro.



Fonte: Foto publicada no jornal *A Província do Pará* do dia 22 de dezembro de 1920, página. 1.

A fotografia 29 traz uma imagem de vendedores de peixe que ficavam na Travessa Nove de Janeiro, está incluída na série uma vez que havia várias reclamações sobre essas vendas. De acordo com as denúncias do jornal *A Província do Pará* as ruas e avenidas da cidade eram transformadas em “imundas feiras de peixe”, e que as famílias mal podiam ficar na janela das suas casas, pois eram expostos a fedentina e ao palavreado “pornográfico” dos vendedores<sup>107</sup>. De acordo com Sidiana Macêdo nesse momento é possível perceber o surgimento de diversos trabalhadores que circulavam pela cidade vivendo do comércio ambulante de comida e de produtos. Havia muitas críticas por parte das autoridades municipais, pois alegavam que os “vendedores deixavam muita sujeira nas ruas por onde passavam”<sup>108</sup>.

Essa denúncia não deixa de ser uma forma de lembrar o período da administração de Lemos. Segundo Sarges o intendente condenava os costumes “incivilizados” da população de Belém, então foram promulgadas novas Leis e Códigos de Posturas Municipais que regulava diversos aspectos da cidade como a higienização dos estabelecimentos públicos, hotéis, pensões entre outros espaços, e também o controle de alimentos que eram vendidos à população. Outro ponto importante desse código era a proibição de “proferir palavras obscenas, nas ruas e lugares públicos, praticar atos ou gestos reputados ofensivos à moral e a decência.”<sup>109</sup>

Nesse contexto um problema recorrente era o grande número de trabalhadores informais que circulavam pela cidade. Cristina Cancela aponta que 67% dos habitantes da capital eram classificados como não tendo atividade ou, atividade mal definida ou não declarada<sup>110</sup>, o que possivelmente seria mais um reflexo do declínio da economia da borracha.

No geral a série “Aspectos sórdidos de Belém” trazia mais um contraste com as imagens que eram realizadas no auge da economia da borracha. Quando as avenidas e as ruas arborizadas da cidade eram registradas e divulgadas para mostrar as transformações realizadas na capital. Em 1920 vemos representações de avenidas mostrando a sujeira e o desleixo por parte dos administradores do estado. A saudade de

<sup>107</sup> *A Província do Pará*. Belém, 13 de dezembro de 1920, página.1.

<sup>108</sup> MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. *A cozinha mestiça: uma história da alimentação em Belém (fins do século XIX a meados do século XX)*. 2016. 323 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, p.80.

<sup>109</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Op.cit*, p. 163.

<sup>110</sup> CANCELA, Cristina Donza. *Casamentos e relações familiares na economia da borracha. (Belém, 1870 a 1920)*. 343 f. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

uma Belém do passado do final do XIX e início do século XX, imagem essa que teve auxílio da fotografia, é visível nos editoriais d'A *Província do Pará*. A vontade de um retorno a esse período permeou as matérias do jornal e fez com que ele entrasse na briga política, se opondo aos "Lauristas".

Cabe destacar também a importância que foi dada para as fotografias publicadas, pois a série dos "Aspectos sórdidos de Belém" trazia apenas as imagens dos espaços para os leitores verem, sem nenhum texto para completar a imagem. Como vimos isso se justificava pelo fato que segundo o jornal, "ver dava menos trabalho do que ler". Assim, as imagens que traziam apenas informações sobre a localidade em que foi realizado o registro, teriam que sustentar a denúncia por si só.

Conforme Susan Sontag, o relato escrito possui uma complexidade de pensamento, referência e vocabulário e isso influencia no número de pessoas que são atingidas por uma notícia. Diferente de uma fotografia que tem apenas uma língua e é acessível à maioria das pessoas<sup>111</sup>.

As imagens da série "Aspectos sórdidos de Belém" tinham como função passar um sentimento de indignação com a administração da capital paraense, e também a possibilidade de gerar um sentimento de saudade da Belém do tempo de Lemos. Pode-se pensar isso devido ao enquadramento em que as imagens foram realizadas, pois lembram as antigas fotos das avenidas que estampavam os cartões postais.

A falta de saneamento na cidade era inegável, e independentemente da posição política do jornal, era comum o aparecimento de algumas notas sobre essa questão, não apenas por parte da *Província do Pará*, mas também em jornais como o *Estado do Pará* e *Folha do Norte*. As denúncias de uma Belém marcada por miséria e doenças eram comuns nos periódicos da época. Os casos registrados de doenças ocorriam em grande parte nos bairros afastados do centro da cidade. Segundo Elis Regina Vieira em 1918 alguns jornais informavam que nos últimos anos as secas que ocorriam no Ceará trouxeram para a capital paraense um grande número de migrantes, o que contribuiu para o surgimento de "novos bairros" formados por pessoas pobres<sup>112</sup>.

Assim, cabe destacar outro aspecto que apareciam com frequência nos registros fotográficos publicados nos periódicos, que era sobre os migrantes cearenses que moravam em Belém. Entre o final do século XIX e início do XX, muitos cearenses vieram para o estado do Pará. Essa migração ocorria principalmente devido as fortes

---

<sup>111</sup> SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras. p.21.

<sup>112</sup> Vieira, Elis Regina Corrêa. Op.cit. p.34.

secas que atingiam o estado do Ceará, e a valorização da produção da borracha na Amazônia.

Muitos dos migrantes seguiam para os seringais, porém alguns ficavam na capital<sup>113</sup>. E em 1920 mesmo com o declínio da economia da borracha, ainda podemos notar a presença de cearenses na cidade, e também a chegada de famílias que fugiam das secas. Como vemos no trecho a seguir:

O flagello da seca- A bordo do paquete Ruy Barbosa de Lloyd brasileiro, chegou ontem do Ceará mais uma leva de flagelados, que açoitados pela terrível seca que domina e devasta os sertões daquele Estado, vem aqui procurar trabalho e lenitivo aos seus sofrimentos (...)<sup>114</sup>.

A edição relatava que em janeiro de 1920 havia uma incomum movimentação no cais da capital. Tratava-se da presença de homens e mulheres “maltrapilhos” também com grande número de crianças. Ao serem entrevistados os migrantes reclamavam do tratamento que recebiam a bordo do navio, pois passavam fome ao longo da viagem e eram alojados em lugares insalubres. Eram tratados, segundo um entrevistado, como “pior que cães”<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Açaí, 2010. p.242.

<sup>114</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 20 de janeiro de 1920, página.1.

<sup>115</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 20 de janeiro de 1920, página.1.

Imagem 36: Os Flagelados no cais de Belém.



Fonte: Foto publicada no jornal *O Estado do Pará* do dia 20 de janeiro de 1920, página. 1.

Na imagem apresentada junto à chamada “O Flagello da Seca”, podemos perceber as condições em que se encontravam as famílias que estavam a bordo do navio. As vestimentas e a maneira com que posam para a foto, colocando as crianças em primeiro plano contribui para passar a sensação de pobreza, fome, desamparo e fragilidade já anunciada no título da matéria.

Em outra fotografia da mesma primeira página em que vemos as pessoas que estavam a bordo do navio, observa-se que esta foi realizada em um plano mais aberto para registrar várias pessoas. Essa foto consegue passar a noção da quantidade de cearenses que tinham chegado à cidade de Belém fugindo da seca. Analisando a imagem publicada, podemos entender um pouco sobre o processo de migração que ocorria no Pará. Percebemos que a viagem para a capital era marcada por dificuldades e que mesmo com o enfraquecimento do comércio da borracha, ainda vemos uma continuidade do processo migratório, demonstrando que as motivações para o processo migratório eram múltiplas.

A representação dos migrantes ligada à ideia de fome e pobreza buscava sensibilizar os leitores do jornal. A edição continuava lamentando o episódio e criticava o tratamento que o navio tinha dado a “brasileiros honestos e trabalhadores”. E que esses mesmos brasileiros “nos procuram cheios de esperança” em busca de refúgio da seca. A matéria termina falando que os migrantes iriam receber os devidos auxílios de autoridades e associações<sup>116</sup>. Segundo Franciane Lacerda a presença constante de migrantes na capital paraense em momentos, por exemplo, de seca no Ceará, levou ao surgimento de ações filantrópicas, por parte do Estado e da própria população. Algumas pessoas se reuniam em associações que tinham como objetivo auxiliar os migrantes, como por exemplo, a “Sociedade beneficente e literária José de Alencar”, a “Associação Humanitária Liga Cearense”, e a “Associação de Assistência aos Flagelados pela Seca”<sup>117</sup>.

Era comum aparecer nos jornais, matérias sobre o trabalho beneficente realizado por essas associações. Eventos eram realizados em prol dos flagelados, como podemos ver em uma notícia do jornal *O Estado do Pará*:

Uma festa de caridade- Belíssimo foi o festival de caridade levado a efeito ontem no campo esportivo do clube do Remo à Avenida Tito Franco, onde se encontraram numa invejável e tocante fraternidade, diversas associações desportivas desta capital, a cujo esforço se devem os resultados colhidos em benefício dos flagelados da seca do nordeste brasileiro (...).<sup>118</sup>

O festival era composto por apresentações de orquestras e bandas de música. Além de barracas enfeitadas com as bandeiras das associações onde se vendiam comidas e bebidas. Num desses festivais *O Estado do Pará* fazia questão de informar aos seus leitores a participação de políticos e do próprio governador Lauro Sodré acompanhado da família<sup>119</sup>. O jornal trazia uma série de fotografias registrando momentos do festival.

---

<sup>116</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 20 de janeiro de 1920, página.1.

<sup>117</sup> LACERDA, Franciane Gama. *Op. cit.* p.215.

<sup>118</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 5 de abril de 1920, página.1.

<sup>119</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 5 de abril de 1920, página.1.



**Imagem 37:** Registros da festa beneficente em prol dos flagelados.



Fonte: Foto publicada no jornal *O Estado do Pará* do dia 5 de abril de 1920, página. 1.

Mesmo com a baixa qualidade das imagens podemos ter uma noção do público que participava desses festivais. As vestimentas dos indivíduos que posam para as fotos mostram que esse evento era destinado a pessoas com maior poder aquisitivo. Como podemos notar na própria descrição que a matéria faz sobre as moças que estavam ali presentes. Estas são descritas como “senhoritas da melhor sociedade belenense” cuja presença dava um “realce” ao evento<sup>120</sup>.

Ao mesmo tempo em que temos a imagem dos festivais filantrópicos, em oposição a isso, conforme se observou anteriormente, temos as imagens da chegada de cearenses apresentados como pessoas empobrecidas e assoladas pela fome, o que levava a ações beneficentes, que eram publicadas nos jornais. Ainda que em oposição, essas imagens se complementam uma vez que abriam espaço para a caridade dos grupos mais abastados.

Assim, na mesma imprensa vemos também a imagem do migrante ligada à vadiagem e a mendicância. Tais práticas eram alvo de constantes reclamações nos jornais. Em 1915 era possível encontrar nos jornais que circulavam pela capital, notas

<sup>120</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 5 de abril de 1920, página. 1

que pediam para que as autoridades retirassem das ruas o “vezo prejudicial”. Algumas dessas notícias descreviam os mendigos como “vegetação macabra”. A solução que era proposta nas reclamações era o policiamento e o confinamento dessas pessoas<sup>121</sup>.

Em 1920 podemos encontrar ainda essas reclamações. Como por exemplo, uma série de matérias publicadas pelo jornal *O Estado do Pará*, com o título “Os miseráveis”. A série trazia notas sobre mendigos e desvalidos que perambulavam pela cidade, e algumas traziam registros fotográficos. Como podemos ver a seguir:

**Imagem 38:** O Largo de Santo Antônio.



Fonte: Foto publicada no jornal *O Estado do Pará* do dia 30 de abril de 1920, página. 1.

<sup>121</sup> LACERDA, Franciane Gama. Op.cit. p.298.

Na imagem acima vemos um registro de pessoas que ficavam no Largo de Santo Antonio. A nota que acompanhava a imagem chamava atenção para o crescente número de indivíduos “sem lar espalhados pela cidade”. Estes, segundo *O Estado do Pará*, estavam presentes “no cais, nos jardins, no alpendre do Theatro da Paz, no alpendre da Intendência, em toda parte”<sup>122</sup>.

No largo de Santo Antonio, o jornal relatava, que residiam cerca de trinta indivíduos homens, mulheres e crianças. De acordo com o periódico a “fotogravura representava o Largo de Santo Antonio transformado em Albergue”. Muitas dessas pessoas estavam doentes. Segundo a notícia “havia de tudo ali: feridentos, aleijados, tuberculosos e morpheticos”<sup>123</sup>. Ao final da notícia o jornal fazia um apelo à administração pública para que evitasse “a propagação de um mal maior entre as crianças que frequentam o Colégio Santo Antonio situado na aludida praça”<sup>124</sup>.

Em uma das matérias da série, o jornal trazia uma entrevista com o um morador do Largo de Santo Antonio chamado Francisco André da Silva, cearense de 28 anos. Como podemos ver no registro a seguir:

---

<sup>122</sup> *O Estado do Pará*, Belém, 30 de abril de 1920, página.1.

<sup>123</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 30 de abril de 1920, página.1.

<sup>124</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 30 de abril de 1920, página.1.

**Imagem 39:** Foto de Francisco André da Silva.

Fonte: Publicada no jornal O Estado do Pará do dia 26 de abril de 1920, página. 1.

Segundo o jornal, Francisco havia trabalhado durante muito tempo em Macapá como lavrador. Um dia ele adoeceu e por falta de medicamentos na cidade, teve que dirigir-se para Belém. Porém, quando ele chegou à capital o hospital se recusou a recebê-lo, devido à falta de camas no estabelecimento, assim ele foi para a sede da polícia “onde passou a dormir no pátio sobre o cimento descoberto e frio”. Posteriormente, não tendo outros meios, Francisco passou a pedir esmolas para conseguir alimentos, e sua doença foi se agravando. Foi desse modo que ele passou a “residir” no cais onde foi encontrado pelos jornalistas sentado em uma das pranchas de madeira e com as costas cobertas por um pano velho de sarrapilheiro. A imagem mostra as condições em que se encontrava Francisco, o jornal o descrevia como “um esqueleto vivente, coberto de pele”<sup>125</sup>. Casos como o dele eram fáceis de encontrar principalmente nas proximidades do cais da cidade. Como podemos ver nessa outra imagem:

<sup>125</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 26 de abril de 1920, página.1.

**Imagem 40:** Migrantes cearenses que residiam em um galpão próximo ao cais da cidade.



Fonte: Foto publicada no jornal *O Estado do Pará* do dia 20 de maio de 1920, página. 2.

Vemos na imagem outro grupo de cearenses que se abrigavam em um alpendre de um dos galpões que ficava próximo do cais. Muitos pediam esmolas, pois, segundo a matéria, queriam juntar dinheiro para comprar passagens, e assim retornarem para o Ceará. O jornal novamente trazia reclamações sobre a falta de higiene em que se encontravam essas pessoas e fazia um apelo para que uma “alma caridosa” os ajudasse a comprar as passagens<sup>126</sup>.

Podemos perceber a contradição nas representações de migrantes cearenses nas fotos publicadas nos jornais do período. Pois em um momento temos imagens que procuram sensibilizar o leitor, o que acabou levando a criação de festivais beneficentes. E em outro momento temos uma imagem pejorativa dos migrantes ligados à ideia de falta de higiene, mendicância e vadiagem, o que acabava fazendo ligações com os casos de doenças na cidade.

É interessante notar a representação desse aspecto, pois é algo importante para entender a dinâmica na cidade de Belém desse período. Os migrantes nacionais, a exemplo dos cearenses, trabalharam para o crescimento da produção da borracha. No

<sup>126</sup> *O Estado do Pará*. Belém, 20 de maio de 1920, página.1.

entanto, mesmo no auge da economia gomífera, conforme asseverou Lacerda, estes viviam as agruras de se estabelecerem de forma precária em Belém do Pará.<sup>127</sup> No contexto do declínio das exportações do látex, marcado por problemas econômicos na Amazônia, não é descabido pensar que as dificuldades desse grupo podem ter sido maiores na capital paraense. Como tal momento coincide com uma maior presença de imagens fotográficas nos jornais, os leitores, além do texto escrito, passam a ter as imagens que corroboram com as impressões negativas que se constituem desse grupo de despossuídos.

No geral, as imagens apresentadas nesse capítulo, mostram uma característica das fotografias que foram publicadas nos jornais a partir de 1911. Analisando as imagens notamos que boa parte delas procura realizar registros dos aspectos sórdidos de uma cidade que passava por um momento de crise econômica. E podemos enxergar os contrastes com as representações que eram realizadas na primeira década do século XX. Os grandes símbolos do período da borracha, como a figura de Antônio Lemos e as avenidas arborizadas, nessa nova fase ganham novos registros em que os elementos de crise e decadência permeiam as imagens produzidas.

Assim, as fotografias publicadas nos jornais trazem representações de uma Belém em crise. Ajuda a entender como se encontrava uma parte dessa cidade no contexto do declínio da economia, e os problemas administrativos que ela passa devido à crise. E ao mesmo tempo, não deixa de ser também uma memória às avessas do tempo do Intendente Antônio Lemos na administração municipal, especialmente por meio das imagens trazidas ao público pela *Província do Pará*.

---

<sup>127</sup> LACERDA, op.cit.

### **Capítulo 3: As representações dos símbolos de “ordem” e “progresso”.**

As fotografias que retratam Belém como uma cidade suja e que possuía vários problemas estruturais era um tema muito forte nos periódicos conforme foi destacado no segundo capítulo, principalmente no jornal a *Província do Pará*. Porém, nem sempre os jornais retrataram a cidade dessa forma.

O jornal o *Estado do Pará*, o mesmo que trouxe a simbólica imagem de Lemos saindo da cidade e que conforme já foi falado, marca o fim de um momento da história de Belém, apoiava o governo Laurista que foi instaurado após a saída de Antônio Lemos. Assim, o jornal em suas edições trazia matérias sobre as ações da nova administração do município.

A partir de 1912 as fotografias passam a aparecer de maneira recorrente nas edições do *Estado do Pará*, sendo assim elas passam a registrar essas ações da prefeitura, assim como também as representações dos símbolos de progresso e civilização que eram muito difundidos no período.

Conforme a realização do levantamento das imagens publicadas, pode-se perceber que os temas ligados à ideia de progresso aparecem com frequência nas edições do *Estado do Pará* e em outros periódicos também. Para esse terceiro capítulo dividiu-se esses temas nos tópicos que veremos a seguir.

#### **3.1 Os serviços de limpeza pública e as melhorias dos estabelecimentos médicos**

Nas primeiras décadas da República no Brasil, algumas cidades do país passaram por intensas transformações com o caráter modernizador e civilizatório. Belém foi uma dessas cidades que passou por uma série de melhoramentos em uma parte do seu espaço urbano, como a pavimentação de ruas, construção de praças, usinas de incineração de lixo e limpeza urbana. Muitas dessas transformações estavam ligadas a limpeza e saúde da população<sup>128</sup>.

Segundo Nazaré Sarges, que analisou esse início das transformações na cidade de Belém, era reconhecida a necessidade de implantar políticas sanitaristas, o que ocasionou na criação de um Departamento Sanitário municipal e a divisão do município em quatro distritos sanitários, que eram responsáveis pela vacinação da

---

<sup>128</sup> SARGES, Maria de Nazaré. Belém: *Riquezas produzindo a Belle Époque. (1870-1910)*. Belém: Paka-Tatu, 2000, p.159.

população<sup>129</sup>. Assim, desde o início havia a preocupação em reorganizar a cidade visando a sua limpeza e salubridade. Nos relatórios municipais feitos durante a administração de Antônio Lemos essas preocupações eram constantemente mencionadas, como podemos ver no trecho a seguir:

Sanear e embellezar uma cidade é, por assim dizer, o eixo do programa de uma boa administração municipal, pois tudo quanto essa administração possa realizar de útil, exceção feita do que se prende a instrução e a segurança pública, tem de fatalmente visar esses dois objetivos que chegam a identificar-se com aquelles num só elevado ideal de progresso<sup>130</sup>.

Nos relatórios municipais e em álbuns de governo essas transformações realizadas na cidade foram registradas, trazendo assim imagens em que podemos ver detalhes de algumas mudanças no saneamento da cidade. Segue um exemplo fotográfico desse aspecto do saneamento.

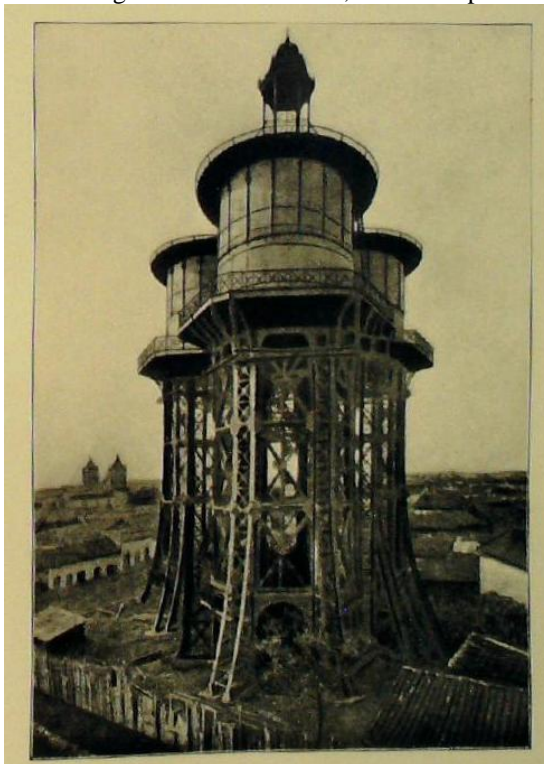
---

<sup>129</sup> SARGES, Maria de Nazaré, p.160

<sup>130</sup> BELEM. Intendência Municipal. *O Município de Belém – 1908. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1908 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos*. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1909, p. 192.

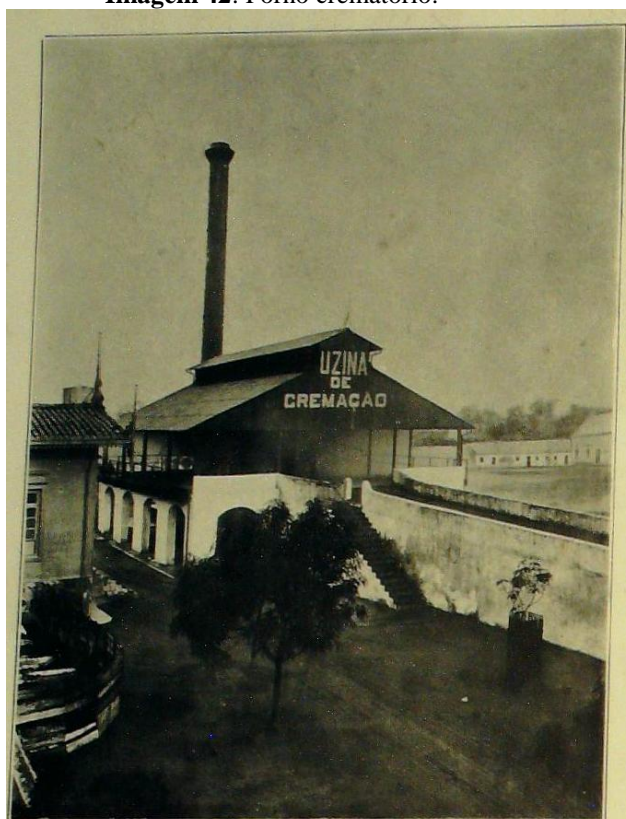


**Imagem 41:** Reservatório de água Paes de Carvalho, á travessa primeiro de março.



Fonte: Foto publicada em O município de Belém, Relatório de Antonio Lemos. 1908, página. 193.

**Imagem 42:** Forno crematório.



Fonte: Foto publicada no *Álbum o Pará*, 1908, p. 62.

Conforme já foi discutido no capítulo anterior, nessa primeira década do século XX os relatórios e álbuns de governo eram feitos para fazer uma propaganda das transformações que a cidade de Belém estava passando nesse período, e enalteciam as políticas criadas durante a administração de Antônio Lemos. Conseqüentemente, as fotografias para esses documentos eram feitas para registrar tais mudanças, criando assim uma imagem de uma Belém moderna.

Essas imagens como o reservatório de água, o prédio em que funcionava a incineração de lixo da cidade, são elementos ligados à ideia de saneamento público e que estavam presentes nos relatórios e álbuns de governo e que faziam propagando da capital<sup>131</sup>. Contudo muitos bairros que ficavam nos arrabaldes da cidade não presenciaram essas transformações e continuaram a passar por problemas como a infestação de doenças devido à falta de saneamento.

Isso era bastante comentado principalmente entre os jornais que faziam oposição a administração de Lemos, como a *Folha do Norte* e o *Estado do Pará*, em que traziam notícias sobre o abandono dos outros bairros da cidade, assim como os casos de doença que atingiam a população mais humilde, mesmo anos depois da saída do Intendente do poder.

Exemplo disso é uma notícia publicada no jornal o *Estado do Pará* de março de 1917, que tinha como título “Os primeiros serviços da inspetoria do impaludismo” em que vemos ações do governo Lauro Sodré no bairro do Una, que segundo o jornal atendia o apelo da população que sofria por conta do impaludismo. O impresso apontava o quanto a população dos bairros distantes do centro sofria com o descuido de administrações passadas, por conta disso os registros de mortes devido à doença estavam aumentando sendo necessário à tomada de medidas urgentes de saneamento<sup>132</sup>.

Cabe notar nessa notícia que mesmo passado alguns anos do fim da administração de Antônio Lemos, os assuntos relacionados à saúde ainda apareciam com frequência nos periódicos, mesmo com a mudança de governo as questões sanitárias ainda eram presentes. Isso devido às ideias higienistas que ainda eram bastante vigentes nesse período.

---

<sup>131</sup> SARGES, Maria de Nazaré. Belém: *Riquezas produzindo a Belle Époque. (1870-1910)*. Belém: Paka-Tatu, 2000, p.158.

<sup>132</sup> Jornal *Estado do Pará*, Belém, 29 de março de 1917.p.1.

Segundo Vieira essas ideias ganham força no Pará quando uma comissão liderada por Oswaldo Cruz passa a combater a febre amarela que assolava principalmente as regiões Norte e Nordeste do País<sup>133</sup>.

Nos relatórios municipais quando abordava sobre a febre amarela, Lemos trazia trechos de textos escritos por Oswaldo Cruz, como partes de seus relatórios, e também falas transcritas realizadas em conferências. Segundo o Intendente, estava fora de sua alçada prescrever o tratamento e cura para as pessoas atingidas pela doença, deixando isso para a pessoa “de maior valor de que nessa especialidade, se pode orgulhar o Brasil”. Mostrando assim o quanto o trabalho do Médico era reconhecido<sup>134</sup>.

Essa luta contra a febre amarela faz com que Oswaldo Cruz fosse representado como uma espécie de herói nacional. Essa representação ganha força principalmente após a sua morte em 1917, tendo origem na literatura do círculo médico, e que atribuía a Oswaldo Cruz qualidades “divinas”, sendo reconhecido em algumas imagens como “apóstolo da ciência”<sup>135</sup>.

Podemos notar essa representação em um editorial publicado em 1917 no jornal *Estado do Pará*. Segundo essa gazeta a morte de Oswaldo Cruz veio “encher de luto a grande ciência brasileira” causando tristeza em todo território nacional. O editorial ressalta a fecunda existência, não muito longa, do médico, mas cheia de trabalhos relevantes para a pátria<sup>136</sup>.

Consoante Nara Brito a heroização da figura de Oswaldo Cruz associa-se ao movimento sanitarista que era difundido pelo país de forma difusa, mas não menos significativa. Para a autora a figura mítica de Oswaldo Cruz entre médicos e higienistas, passava a constituir a base do discurso que tinha como característica principal o de “conferir legitimidade as suas ações científico políticos”<sup>137</sup>.

A autora também destaca que nos trabalhos realizados por integrantes do movimento havia a tendência de caracterizar a medicina como uma força disciplinar e que a figura do médico era responsável por preparar e organizar a população para novas

---

<sup>133</sup> VIEIRA, Elis Regina Corrêa. *Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará. Belém, 2016, p.12.

<sup>134</sup> BELEM. Intendência Municipal. *O Município de Belém – 1908. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1908 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos*. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1909, p. 86.

<sup>135</sup> BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro Editora Fiocruz, 1995, p. 7.

<sup>136</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 15 de fevereiro de 1917.p.1.

<sup>137</sup> BRITTO, Nara p.8.

relações do sistema capitalista. Uma visão que aliava a saúde com a ideia de progresso<sup>138</sup>. Além dessa ideia o movimento também tinha como característica uma teoria higienista do desenvolvimento em que procurava explicar as desigualdades, assim como também à ideia de atribuir o “atraso” do País a ausência de saúde e educação.<sup>139</sup>

Com isso havia inicialmente um forte desejo do movimento sanitarista de criar um ministério de saúde pública, mas isso não foi aprovado pelo congresso devido ao princípio federativo. Porém depois de intensos debates foi criado em 1920 o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP)<sup>140</sup>. Segundo Elis Regina Vieira em 1920 o Pará forma um acordo com o governo federal para ajudar no combate as endemias que afetavam a população rural do Estado. Intelectuais do período defenderam o acordo e enalteciam o saneamento como elemento chave para o desenvolvimento do Estado.<sup>141</sup>

A autora fala que alguns desses intelectuais, como o Dr. J.A. Magalhães, escreviam para os jornais que circulavam pela capital. Ressalta como a imprensa também teve um papel muito importante na divulgação das ideias do movimento, assim como denúncias sobre as condições sanitárias do Pará. Contribuindo para legitimar o discurso sanitarista, mostrando o quanto a imprensa é uma “força social e cultural ativa”<sup>142</sup>.

Podemos notar o quanto o tema relacionado à saúde era algo bastante debatido no período, principalmente nos periódicos que circulavam pela cidade. Notícias sobre obras em hospitais, farmácias ou postos de saúde apareciam com certa frequência nos jornais, algumas trazendo fotografias que registravam essas mudanças. Exemplo disso é um anúncio publicado no jornal *Estado do Pará* que trazia informações sobre melhorias em uma Farmácia da capital. Trazendo logo em sua manchete as seguintes palavras:

O progresso comercial em Belém- A Pharmacia Dermol. A transformação de um estabelecimento comercial: conforto e elegância de acordo com os mais modernos preceitos de higiene, resultado da iniciativa inteligente e do esforço honesto<sup>143</sup>.

---

<sup>138</sup> BRITTO, Nara, p.9.

<sup>139</sup>BRITTO, Nara, p, 23

<sup>140</sup> VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Op.cit. p.61.

<sup>141</sup>VIEIRA, Elis Regina Corrêa, p.62.

<sup>142</sup>VIEIRA, Elis Regina Corrêa, p.62.

<sup>143</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém 07 de fevereiro de 1915, p.3.

Trazendo algumas imagens que mostravam alguns aspectos do estabelecimento, como podemos ver no exemplo a seguir:

**Imagem 43:** Fachada da farmácia.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 7 de fevereiro de 1915, página. 3.

Na imagem 43, mesmo considerando os limites imagéticos de qualidade da fonte ora apresentados, podemos ver que a fachada do prédio ganha destaque, mostrando-o após as reformas e também a sua localização. Na própria propaganda ressaltam-se esses aspectos informando que este se situava no Largo da Pólvora “o ponto mais central da cidade” e chamando a atenção para a “elegante fachada com aparado asseio e profusa iluminação”<sup>144</sup>.

Mostrar a localização do estabelecimento era muito importante, pois o lugar que era um ponto “estratégico” ficava em uma zona divisória entre o “bairro comercial e o

---

<sup>144</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 07 de fevereiro de 1915, p.3.

melhor bairro de moradia”, o que segundo o anunciante ajudava a atender boa parte da população<sup>145</sup>.

Outro ponto que abordado era o interior da farmácia “escrupulosamente montado, com todos os requisitos aconselhados pelo mais moderno preceito de higiene”, falava também do seu “stock” de remédios<sup>146</sup>. Dando ênfase para as estantes com diversos medicamentos a venda. O anunciante termina sua estratégia de venda elogiando a iniciativa, da reforma da Pharmacia Dermol, considerada muito importante para as transformações dos hábitos da população que, segundo o jornal, seriam “resquícios da época colonial”. E assim entrava-se na “nova era das conquistas científicas e do progresso”.<sup>147</sup>

Mesmo sendo uma propaganda de um novo ponto comercial da cidade, podemos notar que para realizar a divulgação, a matéria e as imagens reforçam como a saúde e higiene estava ligada à ideia de progresso. Assim como as teorias higienista debatidas acima.

Outras matérias que também traziam essa ideia são as relacionadas aos hospitais gerais e os hospitais de isolamento presentes na capital, como a Santa Casa de Misericórdia e o Hospital Dom Luiz I. Notícias que mostravam as estruturas destes estabelecimentos, reformas e matérias especiais de aniversário, trazendo uma série de fotografias dos prédios.

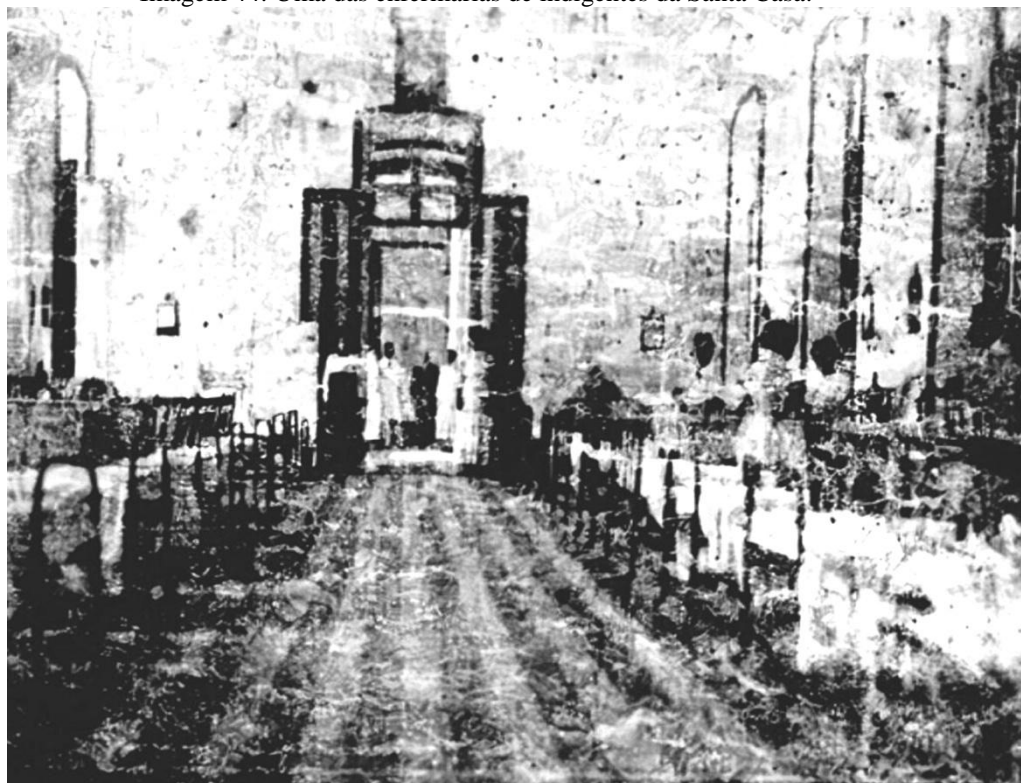
---

<sup>145</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 07 de fevereiro de 1915, p.3.

<sup>146</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 07 de fevereiro de 1915, página.3.

<sup>147</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 07 de fevereiro de 1915, página.3.

Imagem 44: Uma das enfermarias de indigentes da Santa Casa.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 27 de março de 1919, página. 1.

A foto acima, (apesar da má qualidade a que o leitor tem acesso hoje) foi publicada no jornal o *Estado do Pará*, em uma matéria que trazia o título “A medicina em Belém- um estabelecimento modelo”. Tratava a inauguração do retrato do Dr. Miguel José de Almeida Pernambuco. Porém trazia também detalhes sobre o estabelecimento, como a foto que mostra um dos leitos do hospital, que destaca o tamanho das enfermarias e as camas reservadas para os pacientes<sup>148</sup>.

Segundo o jornal o prédio tinha “todos os requisitos exigidos pela ciência”, trinta quartos para os pensionistas, três salas para os indigentes, alojamentos para as enfermeiras, sala de consultas e farmácia. E concluía afirmando que o lugar era preferência do público devido a sua estrutura e a dedicação e competência das enfermeiras que trabalhavam no hospital<sup>149</sup>.

Interessante notar que mesmo sendo uma notícia sobre a inauguração de um retrato, o jornal aproveita e faz uma apresentação do estabelecimento. Mostrando o quanto era importante ressaltar o trabalho dos hospitais da capital. Os jornais davam destaque também às reformas que ocorriam na capital. Segundo José Maria de Castro as

<sup>148</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 27 de março de 1919.página.1.

<sup>149</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 27 de março de 1919.página.1.

questões urbanas passaram a ser discutidas a partir de uma “perspectiva científica”. Médicos, engenheiros e outros profissionais passam a atuar na elaboração de políticas públicas e sanitárias<sup>150</sup>.

Exemplo disso é uma série de matérias publicadas pelo jornal *Estado do Pará* sobre uma reforma que ocorreu na Avenida 15 de agosto. Prédios e casas antigas foram derrubados para alargar a Avenida que segundo o jornal era uma importante via pública, e que agora seria modernizada<sup>151</sup>. As matérias traziam também várias fotografias, pois o jornal considerava conveniente mostrar para os leitores o andamento das reformas. Criando uma documentação de flagrantes dos “grandes trabalhos” que ali estavam sendo executados<sup>152</sup>.

---

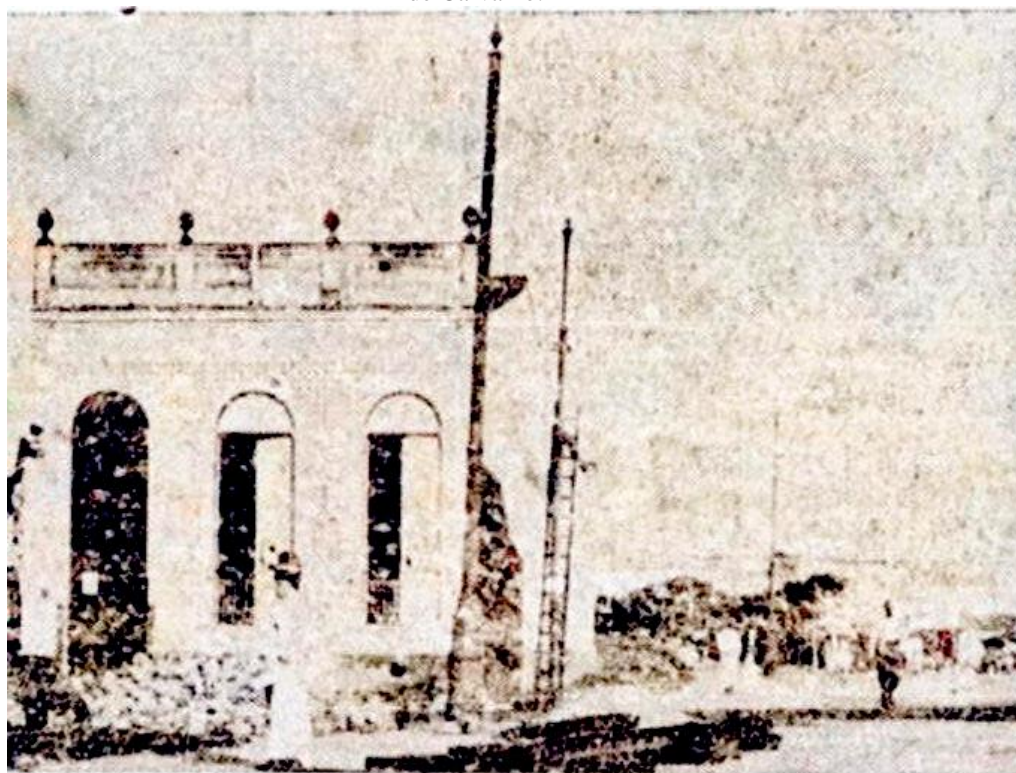
<sup>150</sup> ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918). 2018. 215 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2018. Programa de Pós-Graduação em História, p. 70.

<sup>151</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 22 de junho de 1916.página.1.

<sup>152</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 22 de junho de 1916.página.1.

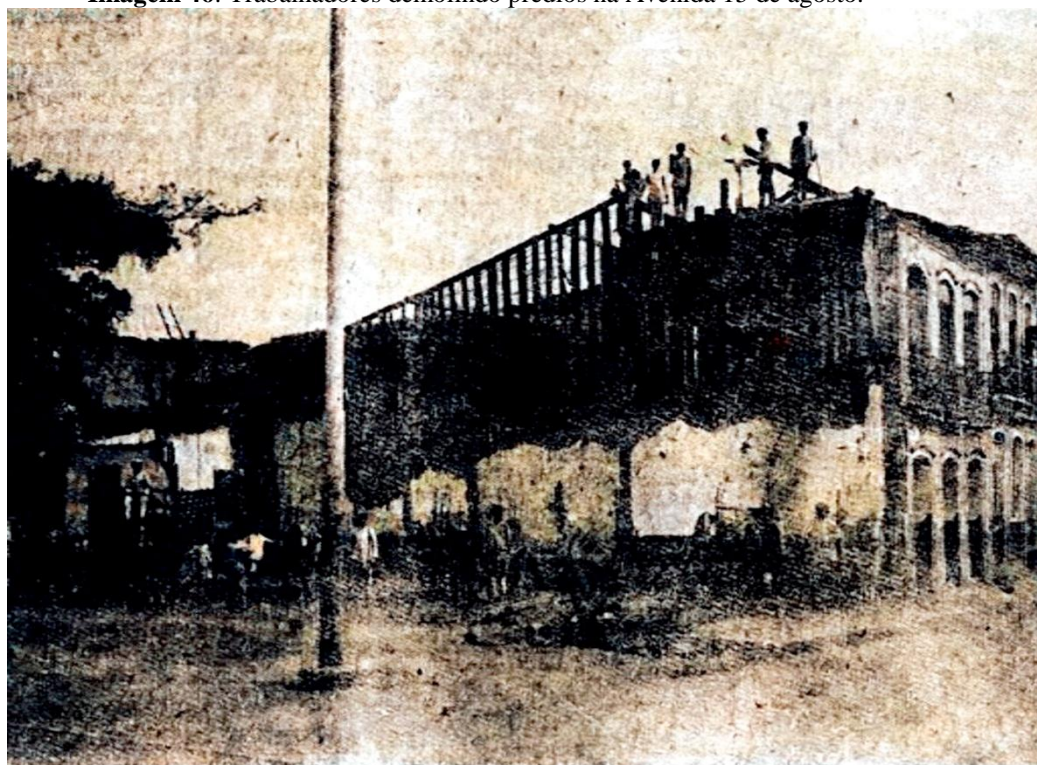


**Imagem 45:** Prédio antes de ser derrubado localizado na esquina entre Avenida 15 de agosto e a rua Paes de Carvalho.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 22 de junho de 1916, página. 1.

**Imagem 46:** Trabalhadores demolindo prédios na Avenida 15 de agosto.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 29 de novembro de 1916, página. 3.



**Imagem 47:** Trechos da Avenida 15 de agosto.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 6 de agosto de 1916, página. 1.

**Imagem 48:** Trechos da avenida 15 de agosto.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 6 de agosto de 1916, p. 1.

Como podemos ver nas imagens acima, ainda que a qualidade não seja das melhores, temos os registros de prédios antigos que, segundo o jornal, estavam abandonados. A notícia informa que a derrubada dos prédios era feita por trabalhadores da repartição de Prophylaxia da Febre Amarela, que no caso estavam a serviço da intendência do município<sup>153</sup>. Assim o jornal trazia imagens do processo de abertura da avenida sendo que em edições posteriores, com o avanço das reformas, as imagens mostravam como a avenida estava mais larga. Agora “desembaraçada de pardieiros”<sup>154</sup>, como afirmava os jornais, deixando claro o objetivo sanitário da reforma.

Os jornais traziam também notícias sobre os serviços de limpeza pública realizados na cidade como os trabalhos da inspetoria do impaludismo, que atuavam principalmente nos arrabaldes da cidade<sup>155</sup>, do serviço de apreensão de cachorros de rua que ajudava no combate a raiva, e os serviços de coleta de lixo.<sup>156</sup>

---

<sup>153</sup> *Jornal Estado do Pará*. Belém, 29 de novembro de 1916.página.1.

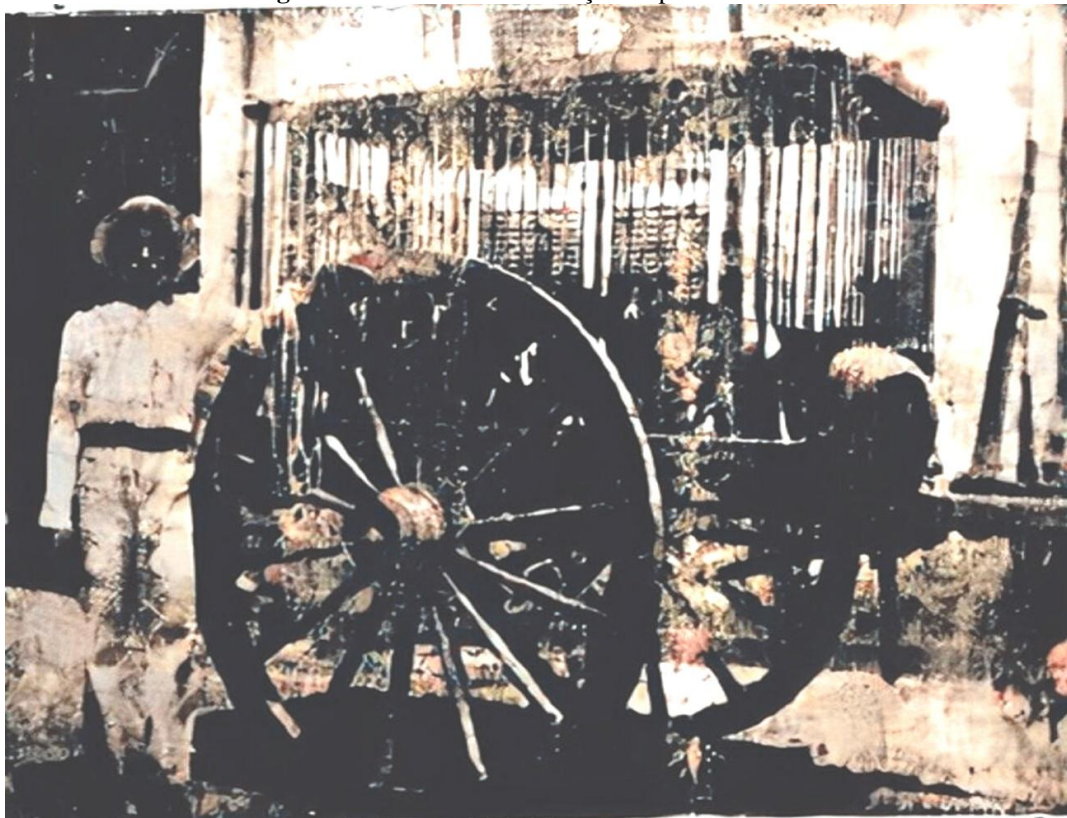
<sup>154</sup> *Jornal Estado do Pará*. Belém, 06 de agosto de 1916.página.1.

<sup>155</sup> *Estado do Pará*. Belém, 29 de março de 1917.página.1.

<sup>156</sup> *Estado do Pará*. Belém, 28 de abril de 1917.página.1.



**Imagem 49:** Carrocinha do serviço de apreensão de cães.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 28 de abril de 1917, página. 1.

**Imagem 50:** O forno crematório e as pessoas encarregadas pela limpeza da cidade.



Fonte: Foto publicada no jornal *Estado do Pará* do dia 6 de agosto de 1916, página. 1.

Uma edição do *Estado do Pará* trouxe em sua primeira página informações sobre a raiva canina. Segundo a matéria publicada, diariamente eram registrados casos da doença na capital e o governador Lauro Sodré estava criando um anexo no serviço sanitário para o tratamento preventivo. O jornal trazia detalhes sobre a moléstia como sintomas e formas de contágio.<sup>157</sup>

Ao fim o jornal indicava que uma das soluções propostas pelo governo seria o extermínio dos chamados “cães vadios”<sup>158</sup>. Na imagem 49 podemos ver um trabalhador que realizava a captura dos animais junto à carroça em que estes ficavam presos. Mostrando assim os agentes que eram responsáveis pela limpeza pública.

Na imagem 50 podemos ver como a ideia de mostrar os trabalhadores relacionados à limpeza pública era recorrente nas imagens publicadas. Na foto podemos ver a fachada do estabelecimento em que era incinerado o lixo coletado, semelhante a fotos antigas publicadas nos álbuns de governo. Porém a do jornal dá destaque para as pessoas que trabalham no lugar.

Assim podemos ver como os jornais foram importantes para divulgar a imagem de uma cidade que estava alinhada com o discurso higienista, trazendo matérias que informavam a população sobre doenças e as ações do governo para resolver esse problema. Também cabe destacar como as fotografias foram importantes em registrar e divulgar essas ações.

### **3.2. Fotografias de Militares e a comemoração de datas republicanas nos periódicos.**

Dentre as ações realizadas com o objetivo de reunir informações e combater doenças temos a realizada pela Marinha de Guerra entre os anos de 1919 e 1923. Uma campanha que ficou conhecida como *a Missão do cruzador José Bonifácio* e percorreu a costa brasileira de norte a sul do país. Essa campanha era liderada pelo capitão Frederico Villar, um oficial da Marinha que desde 1909 estava envolvido em ações que procuravam organizar a pesca no País.

A missão iniciou no dia 13 de outubro de 1919, onde zarpou do porto do Rio de Janeiro. A bordo do navio havia uma tripulação composta de 128 homens, incluindo

---

<sup>157</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 28 de abril de 1917, página.1.

<sup>158</sup> Jornal *O Estado do Pará*, Belém, 28 de abril de 1917, página.1.

oficiais da Marinha, suboficiais, marinheiros e civis, e conforme já mencionado, liderados pelo capitão Frederico Villar. Também faziam parte da oficialidade do navio o capitão-tenente, imediato, Armando de Azevedo Pinna; capitão-tenente graduado, medico, dr. Otton Severino de Moura; primeiro tenente, Gumercindo Portugal Loreti; primeiro tenente, Nuno Barbosa de Oliveira e Silva; primeiros tenentes engenheiro machinista, Abeilard Santa Rosa Araujo e Manoel Pinto Bittencourt; primeiro tenente, comissário, Nestor Ferreira Cabral; segundos tenentes, Henrique Alberto Carlos Junior, Pedro Paulo Villas-Bôas Beltrão e Paulo Bosisio. Entre os civis havia a presença de cientistas e funcionários do Museu Nacional<sup>159</sup>.

Depois de uma parada em Recife, no dia 02 de novembro de 1919 o navio chegava ao porto de Belém. O evento foi noticiado nos periódicos que circulavam pela cidade, como a que foi publicada em uma edição do jornal o *Estado do Pará*. Na matéria era apresentada a embarcação, trazendo detalhes como medidas, peso e a capacidade que suportava. Assim como também uma entrevista com o Capitão Frederico Villar.

A matéria elogia a recepção feita pelo capitão aos jornalistas, apresentando várias partes do navio. Logo em seguida Villar comenta sobre o seu objetivo em realizar estudos marinhos como “medir as várias profundidades dos rios, a natureza do solo submarinho a temperatura e a salinidade das águas”<sup>160</sup>. Villar também comenta que um dos objetivos da missão seria o tratamento “prophylatico entre os pescadores” a quem eles iriam distribuir remédios e trabalhar na criação de hospitais marítimos. Compara a embarcação a uma escola e uma enfermaria, pois ali os pescadores iriam encontrar instruções e medicamentos<sup>161</sup>.

O discurso higienista norteou as ações da “Missão do José Bonifácio”. Conforme o tópico anterior os debates acerca da saúde marcaram a primeira metade do século XX. Nos escritos e entrevistas de Frederico Villar era presente a ideia de que o combate às doenças era algo muito importante para a reconstrução da identidade nacional, ideia que circulava entre os médicos, intelectuais e autoridades políticas do período<sup>162</sup>.

---

<sup>159</sup> BENTES FILHO, Giovanni Roberto P. Do Norte ao Sul: missão do Cruzador “José Bonifácio” e a incorporação do pescador a um projeto de nação (1900-1930). (Dissertação) CCHLA/PPGH/UFRN. Natal-RN, 2018, p.100.

<sup>160</sup> Estado do Pará, Belém, 03 de novembro de 1919, página. 2.

<sup>161</sup> Estado do Pará, Belém, 03 de novembro de 1919, página. 2.

<sup>162</sup> BENTES FILHO, Giovanni Roberto P. op.cit.p . 102.

O Cruzador partiu no dia 10 de maio de 1920 e seguiu rumo ao Ceará. Durante o período em que ficou no estado foram feitas algumas visitas, como as realizadas pelo Dr. Othon Moura em postos médicos de Belém. Nessas visitas eram realizadas palestras e coleta de dados sobre a profilaxia realizada no Estado. O Capitão Frederico Villar visitou algumas localidades do interior do Estado, como o município de Bragança, a Ilha do Marajó e o Baixo Amazonas. Realizando ações relacionadas ao combate de doenças<sup>163</sup>.

A missão do José Bonifácio foi divulgada por várias matérias que saíram nos jornais que circulavam pela cidade no período. Ações relacionadas ao combate às doenças e saneamento apareciam constantemente nos periódicos como vimos no tópico anterior. Porém, ao longo do levantamento das matérias, percebe-se também a presença de militares em algumas dessas ações, como foi o caso da missão liderada por Frederico Villar.

Vale ressaltar que as forças militares, como a Marinha e a força terrestre, tinham muitas diferenças entre si, como por exemplo, a composição hierárquica e a atuação<sup>164</sup>. Mas ambas as forças estavam presentes nas ações ligadas a saúde. Podemos notar isso pelas matérias que eram produzidas e as fotografias que eram feitas. Como podemos ver nos exemplos a seguir.

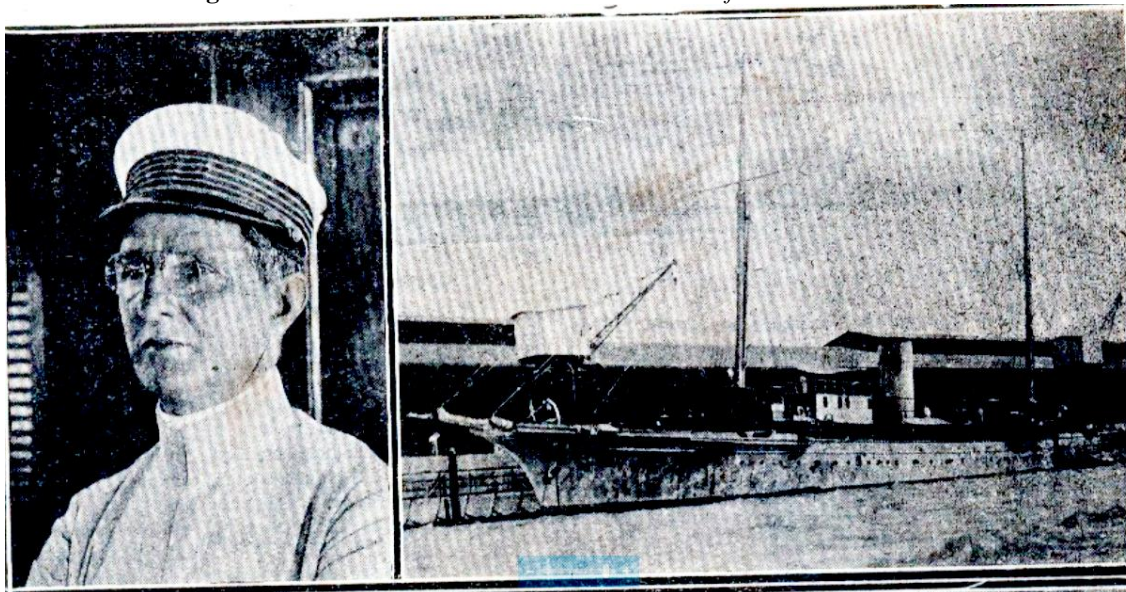
---

163 VIEIRA, Elis Regina Corrêa. *op.cit.*, p.75.

164 PEREIRA, Pablo Nunes. *A Marinha de Guerra na Amazônia: segurança e modernização (1890-1918)*. 2017. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2017. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, p. 09.

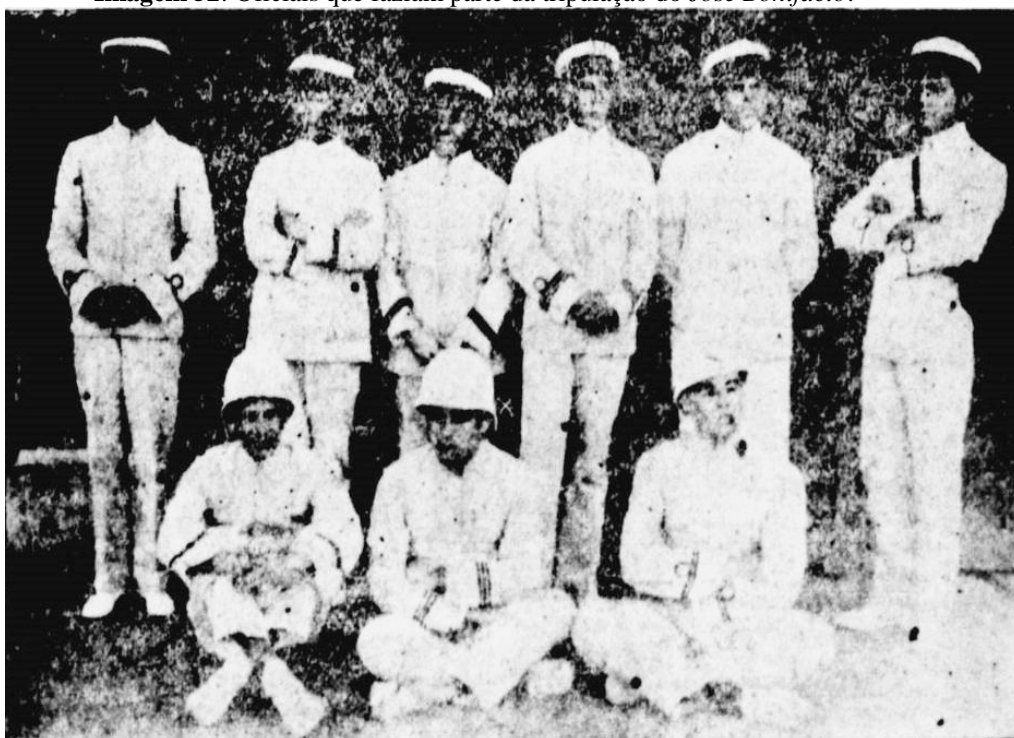


**Imagem 51:** Frederico Villar e o Cruzador *José Bonifácio*.



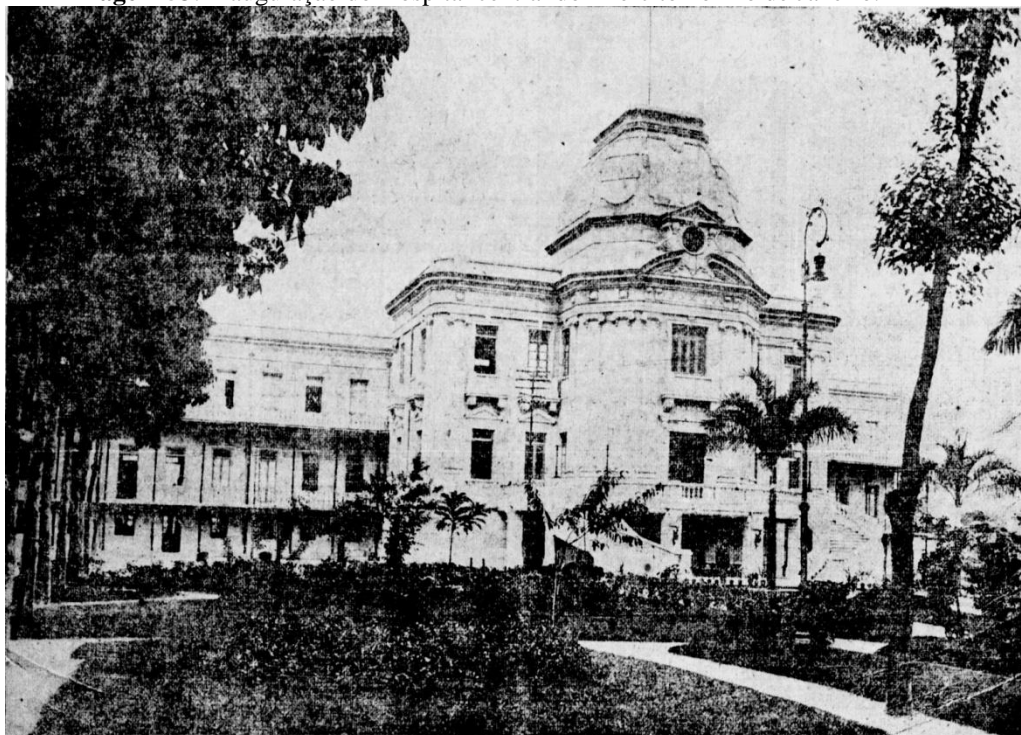
Fonte: Foto publicada na revista *A Semana*, 08 de novembro de 1919, página 17.

**Imagem 52:** Oficiais que faziam parte da tripulação do *José Bonifácio*.



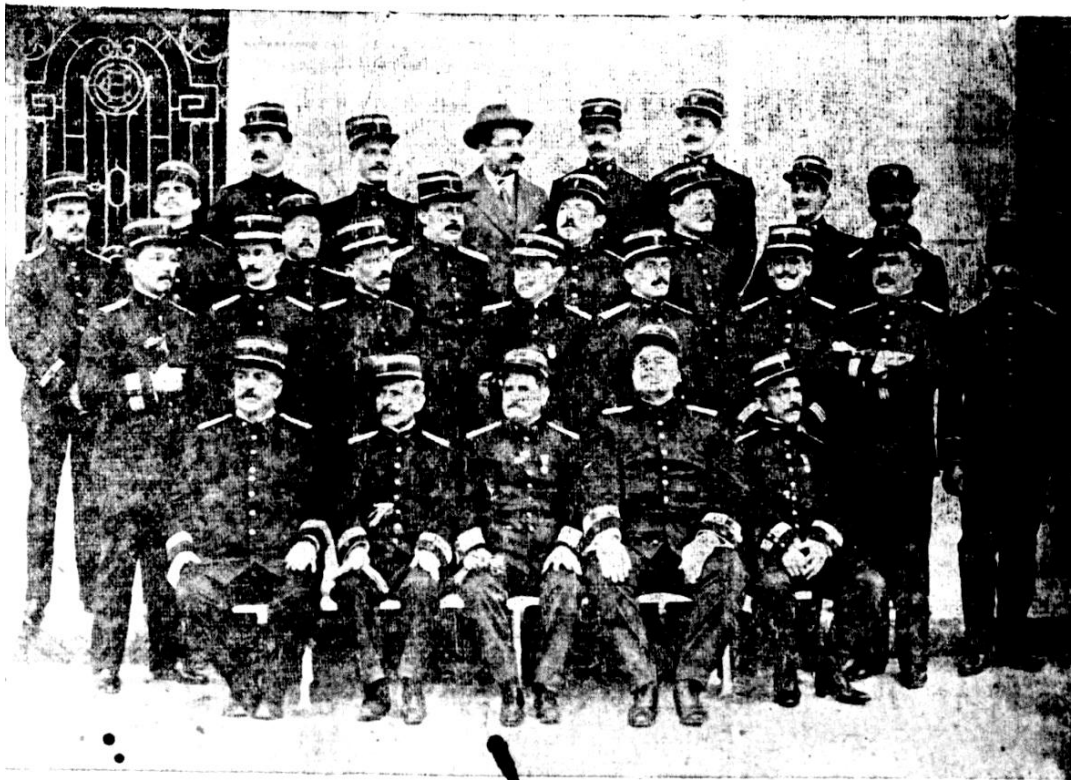
Fonte: *Jornal Estado do Pará*. 04 de novembro de 1919, página.1.

**Imagem 53:** Inauguração do Hospital central do Exército no Rio de Janeiro.



Fonte: *Jornal Estado do Pará* 07 de agosto de 1913, página. 1.

**Imagem 54:** Equipe médica do Hospital.



Fonte: *Jornal Estado do Pará* 07 de agosto de 1913, página. 1.

Na imagem 52 temos uma parte dos oficiais presentes no Navio José Bonifácio. No texto da matéria eles são apresentados dando destaque ao Dr. Othon Moura, que se apresenta no centro, entre as pessoas que estão sentadas. Ao longo do texto o jornal realiza elogios à tripulação e suas contribuições e destaca a figura do doutor por ser o médico responsável pelas questões de profilaxia<sup>165</sup>. A imagem tem a função de ilustrar a matéria e dar rosto à tripulação que estava a bordo do navio realizando a missão.

Na imagem 54 podemos notar a mesma função da imagem anterior, nesse caso trazendo os médicos, farmacêuticos e dentistas do Hospital Central do Exército. A matéria mostra a inauguração do Hospital trazendo detalhes da equipe e do prédio como mostrado na imagem 53. Vemos que nessa foto o prédio encontra-se bem no centro da imagem dando destaque para a sua estrutura, semelhante às imagens dos prédios presentes nos álbuns de intendência.

É importante ressaltar o contexto em que a missão do Cruzador *José Bonifácio* foi realizada, principalmente o que estava acontecendo com a Marinha brasileira no período. No início da República a Marinha enfrentava uma redução em seu orçamento e teve que criar estratégias para recuperar o prestígio. Um dos principais pontos debatidos era a questão da nacionalização da pesca com o controle e defesa da região costeira do País.<sup>166</sup>

Podemos perceber essa estratégia publicada no jornal *Estado do Pará* do Tenente Loretti. Segundo este “desde tempos coloniais” a pesca tem merecido estudos por parte dos legisladores e estadistas, porém isso nunca passou do “terreno teórico”. O Tenente continua e fala que esse cenário muda quando o Almirante Gomes passou a assumir a pasta da marinha, dando a devida atenção às questões da pesca<sup>167</sup>. Ainda na entrevista o Tenente afirmava:

“Deste modo que sobre o convés do navio de nossa marinha, se aliam para o mesmo fim humanitário e patriótico a espada que defende a honra da pátria e o microscópio que descobre as bactérias”<sup>168</sup>.

<sup>165</sup> Estado do Pará, Belém, 04 de novembro de 1919, página.1.

<sup>166</sup> VIEIRA, Elis Regina Corrêa, op.cit, p.75.

<sup>167</sup> Estado do Pará, Belém, 14 de maio de 1920, página.2.

<sup>168</sup> Estado do Pará, Belém, 14 de maio de 1920, página.2.

Assim podemos perceber que a missão do José Bonifácio estava alinhada com os princípios sanitaristas e com as ideias de progresso e de civilização. E queriam trazer essas ideias para os pescadores. Segundo Bentes essa missão pode ser entendida como parte de um projeto ideológico de construção da nacionalidade, características do Brasil na primeira república<sup>169</sup>.

A ideia de progresso e modernidade circulava constantemente entre os discursos de intelectuais e autoridades políticas do período. Ideias de mudança para novos valores, regras sociais, costumes e comportamentos influenciou vários grupos da sociedade como os militares da marinha brasileira.

Conforme já foi destacado, a Marinha brasileira passava por dificuldades e precisava resolver o atraso da sua esquadra. Segundo Pablo Nunes a modernização dessa força militar era produto de uma consciência histórica, e as mudanças realizadas foram tanto no aspecto físico, quanto no modo de ver o papel da marinha no desenvolvimento da nação. Portanto, modernizar navios e homens era uma forma de garantir o domínio do mar e conseqüentemente o progresso<sup>170</sup>.

Nesse contexto, uma das mudanças realizadas foi nas navegações, aumentando em tamanho e comportavam um maior poder de fogo. Assim navios encouraçados e cruzadores passaram a fazer parte da frota marítima do País, também se tornaram símbolo do progresso e modernização da marinha<sup>171</sup>. As fotografias serviam para fazer propaganda das ações da marinha. A imagem de um navio em um porto de uma cidade passava a ideia de que a marinha e o governo estavam ali para proteger e assegurar que o novo, o moderno e o progresso chegassem aos recantos do Brasil<sup>172</sup>.

Alguns periódicos que circulavam nesse período contribuíram para a divulgação das ações da Marinha brasileira, trazendo imagens dos navios e suas tripulações. Revistas como a *Fon-Fon* traziam notícias de diversos lugares do país e tinha sessões como “a nossa marinha” onde podemos encontrar fotos navios que pertenciam à frota marítima. Como podemos ver nas imagens abaixo que seguem:

---

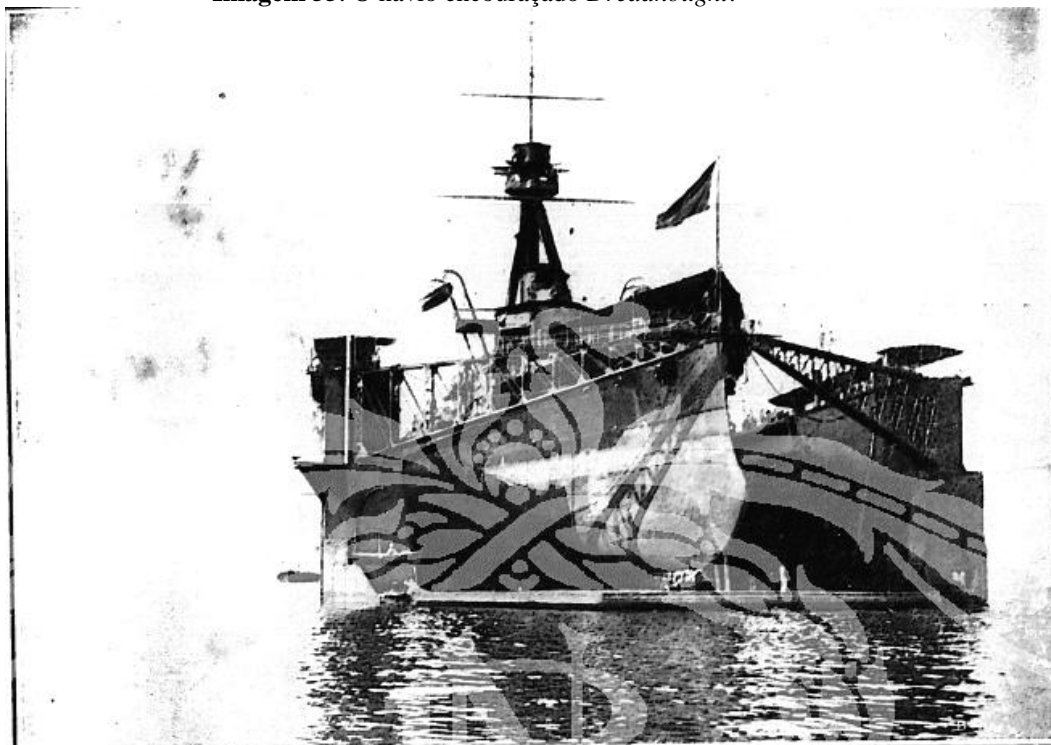
<sup>169</sup> BENTES FILHO, Giovanni Roberto P. op.cit.p. 105.

<sup>170</sup> PEREIRA, Pablo Nunes, op.c it. p.14.

<sup>171</sup> PEREIRA, Pablo Nunes, p. 15-18

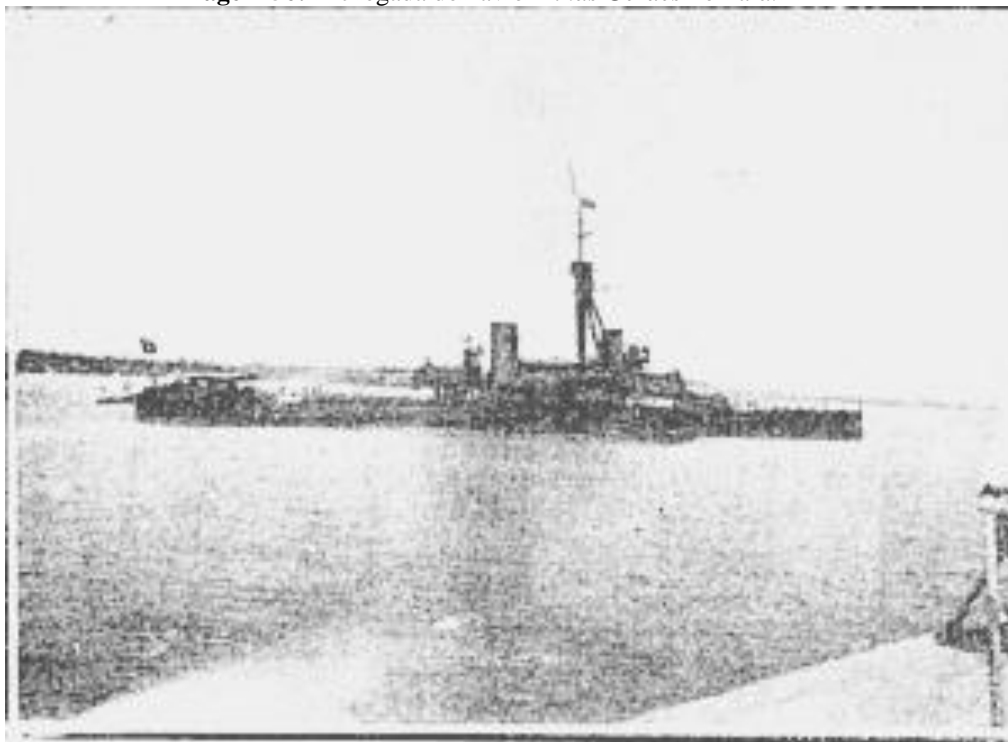
<sup>172</sup> BENTES FILHO, Giovanni Roberto P, op.cit.p. 102.

**Imagem 55:** O navio encouraçado *Dreadnought*.



Fonte: Revista *Fon-fon*, publicada em 21 de outubro de 1911, página. 17.

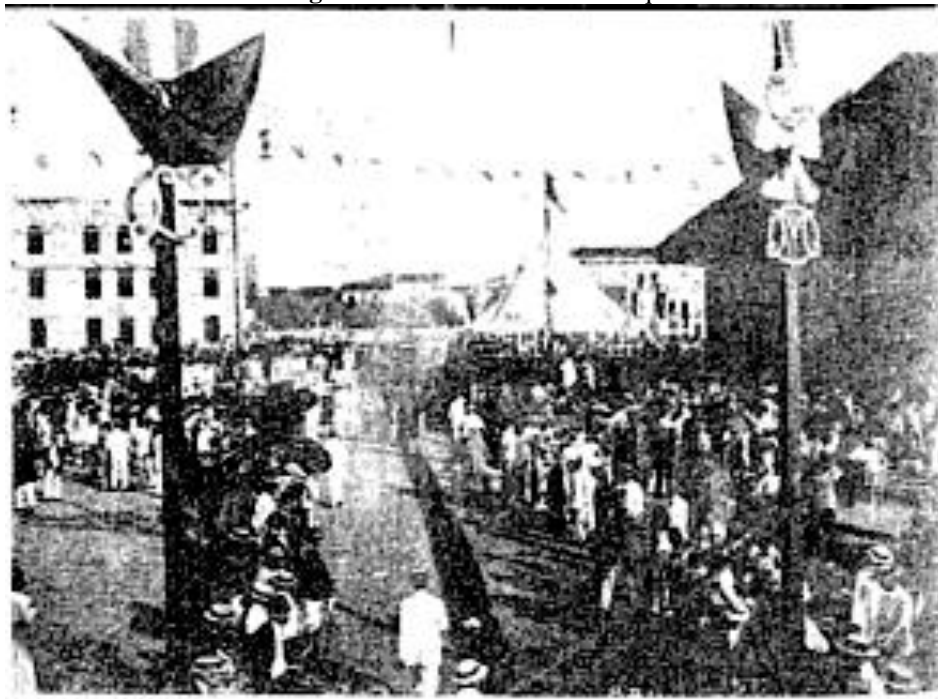
**Imagem 56:** A chegada do navio *Minas Geraes* no Pará.



Fonte: Revista *Fon-fon*, publicada em 23 de agosto de 1913, p. 26.



**Imagem 57:** Detalhes do desembarque.



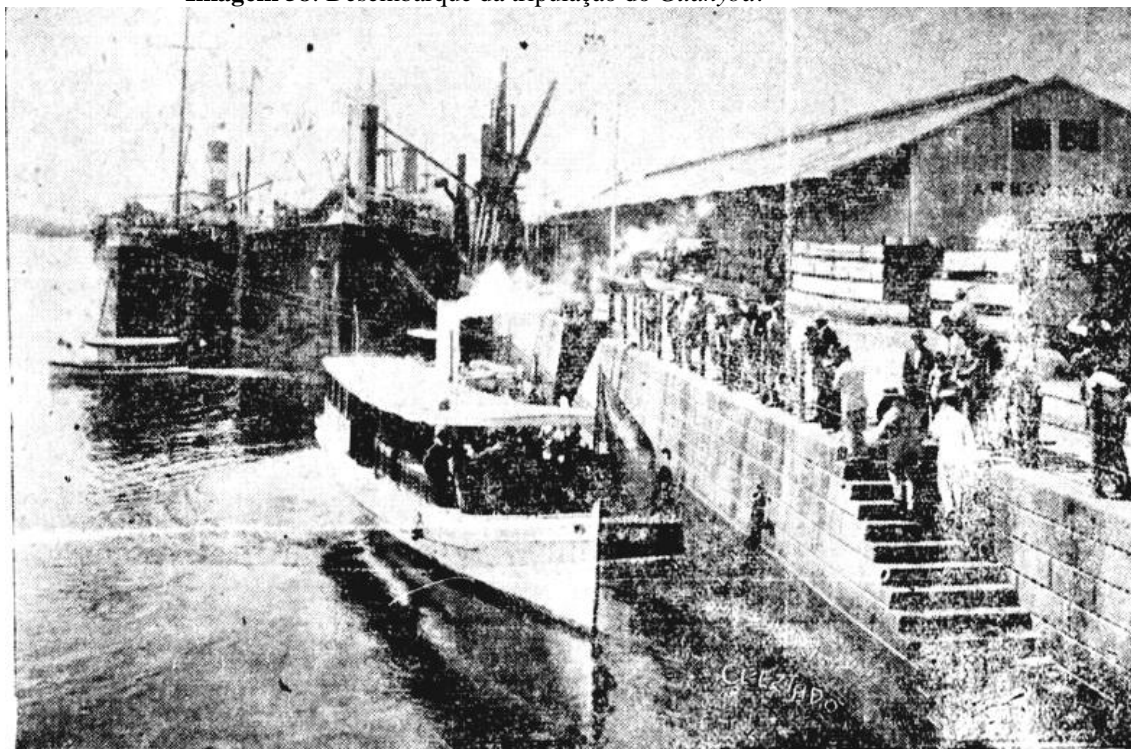
Fonte: Revista *Fon-fon*, publicada em 23 de agosto de 1913, página. 26.

Na foto 55 vemos o Encouraçado Dreadnought, publicada na sessão “A Nossa Marinha” da revista. Podemos notar que o navio está em destaque, pois está centralizado na imagem, e visto de baixo para cima mostrando para o leitor o quanto o encouraçado era grande. Na foto 56 mostra a chegada da embarcação *Minas Gerais* ao Pará. Semelhante à imagem anterior, o navio está em destaque ao centro da imagem, também vemos que a fotografia foi tirada de certa distância onde temos uma noção do comprimento da embarcação. Nessa mesma edição temos a imagem 57 que mostra como foi à recepção do navio ao chegar ao porto. Segundo a matéria havia sido montado um pavilhão decorado para ser realizado o discurso de boas-vindas<sup>173</sup>, ações como essa eram comuns quando navios chegavam à cidade.

Ao longo do levantamento dos jornais que circulavam pela cidade de Belém, matérias que mostravam a chegada de navios eram bastante recorrentes. Impresses matutinos como o *Estado do Pará* destinavam um espaço em algumas reportagens da primeira página, para trazer imagens dos navios que chegavam ao porto da cidade. Como podemos ver nos exemplos a seguir.

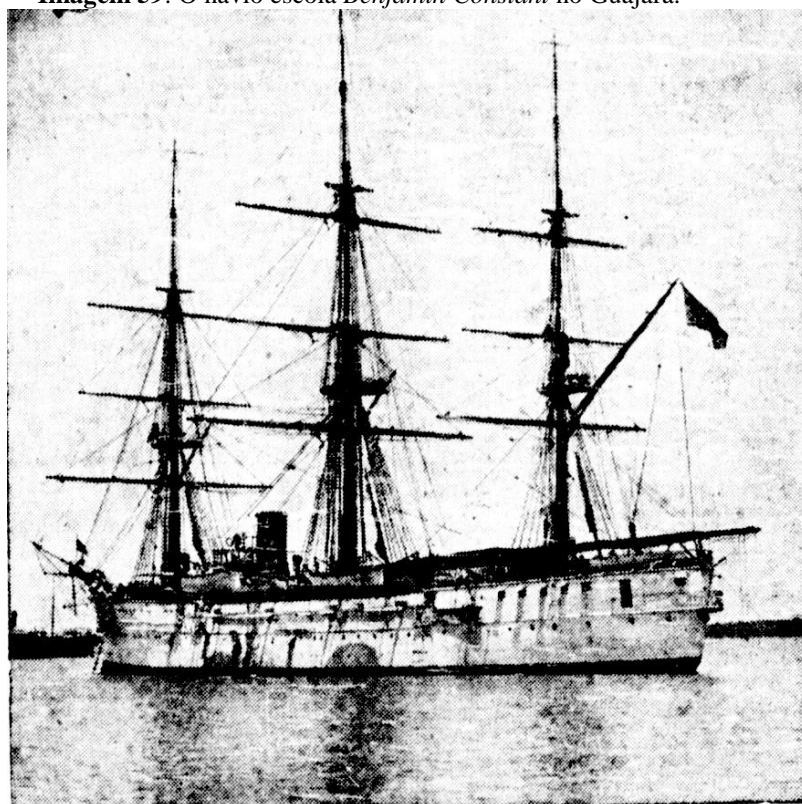
<sup>173</sup> Revista *Fon-fon*, 23 de agosto de 1913, p. 26.

**Imagem 58:** Desembarque da tripulação do *Guahyba*.



Fonte: *Jornal Estado do Pará* 29 de abril de 1916, página. 1.

**Imagem 59:** O navio escola *Benjamin Constant* no Guajará.



Fonte: *Jornal Estado do Pará* 09 de novembro de 1916, página. 1.



**Imagem 60:** A Turma de Guardas marinhas que viaja no *Benjamin Constant*.



Fonte: *Jornal Estado do Pará* 09 de novembro de 1916, página. 1.

Na imagem 58 vemos a chegada do navio *Guahyba* e pessoas recebendo a tripulação no cais da cidade, semelhante à imagem da revista *Fon Fon* vista anteriormente. A fotografia foi publicada em uma sessão do jornal chamada “Serviços aduaneiros” que trazia notícias sobre a ampliação dos postos de fiscalização dos rios do Estado. Segundo a matéria do jornal era importante trazer fotografias para testemunhar “o esforço, o zelo e dedicação” de quem fiscalizava os rios<sup>174</sup>.

Analisando essas notícias percebemos como os jornais foram importantes para divulgar as ações dos militares da Marinha, e também exibir os navios modernos que faziam parte da frota. Como vemos na imagem 59 que mostra a chegada do Cruzador *Benjamin Constant* na baía do Guanabara. Fotografia tirada de certa distância para conseguir capturar todo o navio, características semelhantes das imagens 55 e 56 analisadas anteriormente. O jornal também trazia a foto da tripulação, dando rosto às pessoas por trás da condução do cruzador e das missões realizadas, como vemos na imagem 60.

Além das realizadas pela Marinha, outras ações ganhavam destaque nos jornais. Por exemplo, matérias que narravam e descreviam cerimônias de juramentos a bandeira. Como podemos ver em uma matéria publicada no jornal *Estado do Pará*. A matéria

<sup>174</sup> *Estado do Pará*, Belém, 29 de abril de 1916, página.1.

estampava a primeira página do periódico e vinha com o título “O juramento da bandeira. uma tocante cerimônia cívica militar”. Trazia detalhes como o nome dos oficiais e autoridades políticas que estavam presentes. Também narrava como era feito o juramento, com os militares alinhados com os braços estendidos em frente à bandeira. Trazia na íntegra o discurso feito pelo Dr. Luiz Barreiros, um dos oficiais:

Meus jovens compatriotas. Temos diante de nós a imagem da pátria, e cheia de esperança a pátria nos contempla orgulhecida e confiante. A cerimônia que acabaes de realizar do juramento a bandeira é bem a lindima expressão do culto, profundo e irreduzível, de vossa alma a religião do amor à pátria.<sup>175</sup>

Ao analisar as reportagens que destacaram as ações civis militares, podemos perceber a exaltação aos símbolos republicanos e a presença de discursos patrióticos. Segundo Marialva Barbosa, no início do Brasil republicano era emergente a disseminação de uma nova a visão de mundo e conduta da sociedade. Os jornais tiveram um importante papel nisso, trazendo símbolos, alegorias, rituais e discursos sobre a república<sup>176</sup>.

Outro elemento presente nas reportagens sobre as celebrações de símbolos republicanos foram as fotografias. Conforme William Gaia Farias a articulação entre texto e imagens que exaltavam as características do novo regime, serviam para legitimar o poder republicano. O uso da imagem também era importante, pois poderia atingir um grupo maior de pessoas, a “camada iletrada” da sociedade<sup>177</sup>.

No jornal analisado acima podemos observar algumas imagens que trazem detalhes da cerimônia do juramento da bandeira. Como podemos ver nas fotografias que seguem estampadas no jornal paraense *Estado do Pará*.

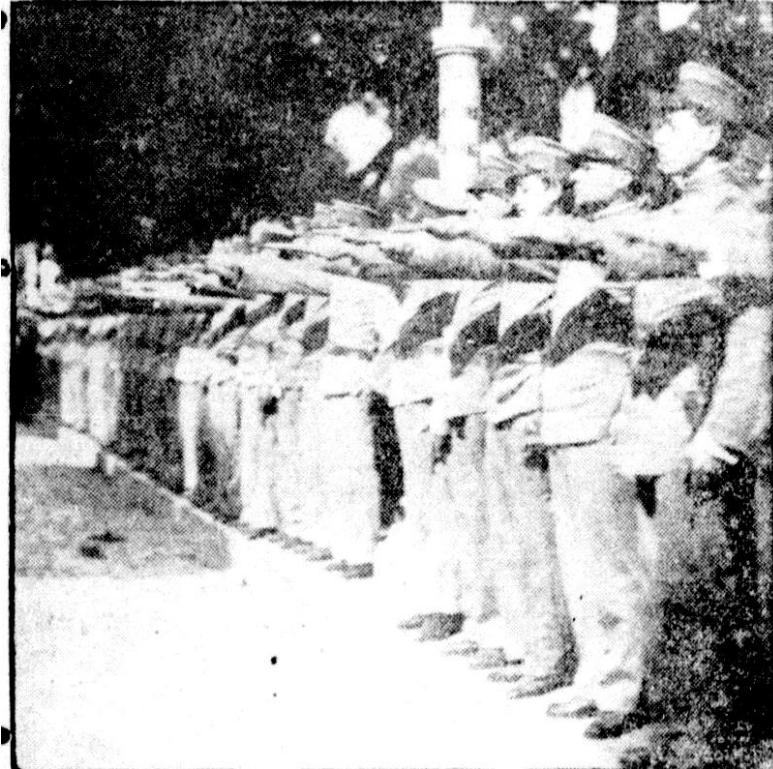
---

175 Estado do Pará, Belém, 10 de outubro de 1917, página.1.

176 BARBOSA, Marialva. Os donos do Rio: imprensa, poder e público. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000, p.4.

177 FARIAS, William Gaia; A construção da República no Pará (1886-1897), Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005, p. 60.

**Imagem 61:** Oficiais prestando juramento à bandeira.



Fonte: Jornal Estado do Pará 13 de outubro de 1917, página.1.

**Imagem 62:** Oficial retirando a bandeira após a cerimônia.



Fonte: Jornal Estado do Pará 13 de outubro de 1917, página. 1.

Na imagem 61 vemos o momento em que os oficiais prestam juramento à bandeira. E na imagem 62 segundo a legenda o oficial beijando a bandeira e a retirando depois da cerimônia. Além dessas imagens o jornal também trazia fotos dos participantes do evento, como a do Dr. Lauro Sodré e sua esposa. Assim, além dos textos o leitor deparava-se com uma cobertura por meio de imagens da cerimônia, mostrando a importância em divulgar e mostrar esse tipo de evento.

Entre os eventos que podemos perceber uma participação de militares, havia as festas cívicas realizadas em datas comemorativas republicanas. Pois no período analisado foram realizadas mudanças na organização das datas. No dia 14 de janeiro de 1890 pelo decreto 155B, foi elaborado o calendário republicano que trazia os dias das festas nacionais. Este era composto por datas e comemorações como a da descoberta do Brasil no dia 3 de maio e a Proclamação da República no dia 15 de novembro. As datas eram ordenadas cronologicamente mostrando as origens da república, estimulando a lembrança do passado do país, visando criar uma unidade simbólica<sup>178</sup>.

Segundo Daniella Almeida, depois da inauguração da república e sua aclamação no Pará, os planejamentos e as comemorações cívicas, ganharam destaque nos relatórios de governo e reportagens, ressaltando nos discursos a participação de toda a sociedade nessas festas<sup>179</sup>.

Mesmo que muitos jornais de oposição ao governo do período questionassem essa participação popular. Daniella Almeida fala como essas comemorações contribuem para o surgimento de uma “tradição inventada”, que seriam um conjunto de práticas de natureza ritual e simbólica que tinham como objetivo a propagação de valores e normas de comportamentos por meio da repetição<sup>180</sup>.

Podemos perceber essas práticas e importância em citar a participação popular em matérias apresentadas no jornal *Estado do Pará* em 1917, por exemplo, como a publicada na edição que fala sobre as comemorações do dia 7 de setembro.

A Matéria da edição vinha na primeira página do periódico e fazia referência a algumas manifestações que ocorreram ao longo da comemoração, como um desfile militar das tropas, exposição de desenhos e concertos no teatro da paz. No texto também falavam sobre a participação popular:

---

<sup>178</sup> LEAL, Elisabete da Costa. O calendário republicano e a festa cívica do descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista. *História* (São Paulo), v. 25, p. 64-93, 2006, p. 66.

<sup>179</sup> MOURA, Daniella de Almeida. A República paraense em festa (1890-1911). 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, p. 35.

<sup>180</sup> MOURA, Daniella de Almeida, p. 36.

Tanto a parada militar, que constituiu o verdadeiro acontecimento, como as manifestações nas escolas, até a alegria do povo aplaudindo os defensores das nossas instituições e soberania, tudo teve ontem o realce entre o governo e o povo, unidos para todas as eventualidades, em zelo recíproco de interesses respeitáveis<sup>181</sup>.

Notamos assim a necessidade em mostrar a presença da população nessas festas cívicas, enfatizando que os paraenses estavam junto ao governo nas comemorações republicanas. É importante lembrar que jornais opositores traziam críticas as manifestações festivas e questionavam a forma como era descrita a participação popular. Daniella Almeida ao analisar a realização desses eventos aponta que em algumas festas cívicas, jornais de oposição reportavam que a participação popular era motivada pela notícia de que a intendência de Belém distribuiria carne e farinha aos pobres<sup>182</sup>.

Outro ponto importante da matéria é considerar o desfile militar o “verdadeiro acontecimento” dessas comemorações<sup>183</sup>. Conforme o levantamento dos periódicos que falam sobre os festejos cívicos. Nota-se que as paradas militares ganhavam destaque no texto e nas fotografias publicadas. Como podemos ver nos exemplos a seguir:

---

181 Estado do Pará, Belém, 08 de setembro de 1917, página. 1.

182 MOURA, Daniella de Almeida. Op. Cit. p. 66

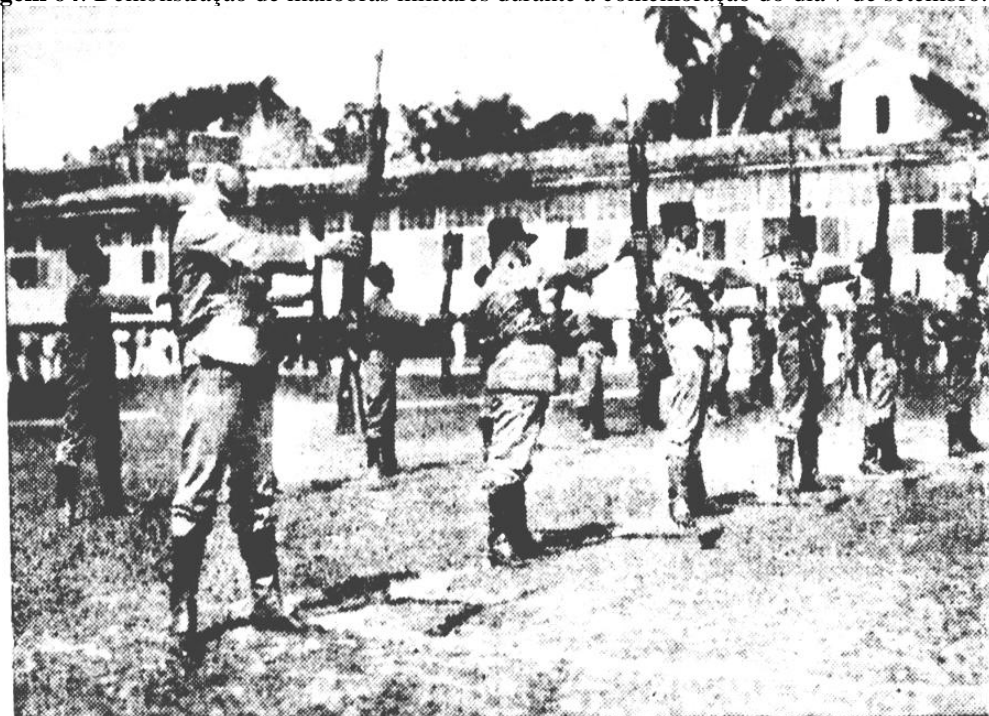
183 Estado do Pará, Belém, 08 de setembro de 1917, página. 1.

**Imagem 63:** Aspectos das comemorações do Dia da Bandeira.



Fonte: Publicado no jornal *Estado do Pará* 20 de novembro de 1917, página. 1.

**Imagem 64:** Demonstração de manobras militares durante a comemoração do dia 7 de setembro.



Fonte: Publicado no jornal *Estado do Pará* 08 de setembro de 1916, p. 1.

**Imagem 65:** Desfile militar Praça da República.



Fonte: Publicado no jornal Estado do Pará 25 de maio de 1916, página. 1.

**Imagem 66:** Aspectos da multidão que acompanharam o desfile.



Fonte: Publicado no jornal Estado do Pará 25 de maio de 1916, página. 1.

Nas imagens anteriores vemos detalhes das apresentações de oficiais militares em duas datas comemorativas. Na imagem 63 vemos oficiais prestando o juramento da bandeira. Segundo a matéria publicada junto com a foto, esse era o momento mais importante e aguardado do evento. Na imagem 64 vemos oficiais realizando uma apresentação para o dia da Independência.



Destacam-se as duas imagens por exemplificarem as características das festas cívicas que eram publicadas. Trazendo os militares alinhados marchando ou de braços erguidos prestando juramento à bandeira, um ritual que aparecia com frequência nesses eventos.

Nas imagens 65 e 66 vemos detalhes da comemoração da data da Batalha de Tuiuti (24 de maio de 1866), considerada uma das mais importantes da Guerra do Paraguai (1864-1870). Publicadas na edição do dia 25 de maio de 1916 do Estado do Pará. A matéria sobre os 50 anos do grande feito do exército brasileiro em terras paraguaias, estampava a primeira página do periódico, trazendo detalhes da organização e narrando as manifestações que ocorreram.

A edição também trazia várias fotografias de aspectos da comemoração como na imagem 65 do desfile militar que ocorreu na Praça da República, uma foto tirada de certa altura para capturar o desfile e as pessoas em volta que o assistiam. Na imagem 66 temos um detalhe da população que acompanhava o evento. A foto também tirada de um ângulo alto é quase toda preenchida de pessoas, dando a ideia de um público muito grande.

Podemos perceber que as fotografias das festas cívicas publicadas nos jornais eram uma das formas de dar visibilidade a símbolos e rituais e promoviam uma “educação visual republicana”<sup>184</sup>. As imagens escolhidas para compor as matérias e a forma como elas eram produzidas refletiam as características do momento político que o país vivia.

---

<sup>184</sup> LEAL, Elisabete da Costa. Op. Cit. p.65.

### **Considerações finais**

A dissertação analisou um período em que percebemos que a cidade de Belém passava por mudanças na sua política e economia. O recorte temporal realizado, no caso 1910 a 1920, permitiu perceber os impactos dessas mudanças na capital tendo como fonte principal as fotografias publicadas em periódicos como jornais e revistas.

Ao longo do levantamento dessas fotografias nos periódicos, me deparei com algumas limitações já mencionadas. Como a dificuldade de encontrar informações a respeito dos fotógrafos e a baixa qualidade em que essas imagens foram encontradas.

Porém mesmo com esses problemas e limitações encontrei uma produção de imagens que trazia muitas possibilidades de análise, e que não poderiam ser deixadas de lado. Conforme o levantamento das fotos era realizado percebi que alguns temas apareciam de maneira frequente nos jornais e revistas e com base nisso dividi esses temas nos capítulos dessa dissertação.

Assim por meio das imagens analisadas encontrei a representação de uma Belém diferente da que era apresentada nos álbuns de governo. Uma cidade que passava por vários problemas estruturais a exemplo da falta de limpeza em áreas outrora consideradas importantes, problemas relacionados a doenças que atingiam a população pobre, dentre outros. Viu-se como isso foi também utilizado como crítica as políticas vigentes nas primeiras décadas do século XX, trazendo como contraponto à memória da Belém do auge da economia da borracha.

As imagens também ajudaram a entender temas que estavam presentes a nível nacional, como por exemplo, a modernização da Marinha e a difusão das ideias de movimentos sanitaristas. Dialogando com as produções historiográficas relacionadas a esses temas.

Analisando as fotografias dos periódicos e o contexto em que elas foram produzidas podemos entender algumas escolhas feitas pelo fotógrafo, como a composição e ângulo. Desse modo os elementos presentes nas imagens ajudam a entender o tema abordado, mostrando como as fotografias dos periódicos podem constituir um importante instrumento de investigação histórica.

Revelando assim a cidade de Belém do contexto do declínio da borracha no século XX, e alguns dos seus sujeitos captados pelas lentes dos fotógrafos.

**Fontes:****Mensagens dos governadores do Pará**

PARÁ (Estado). COELHO, João Antônio Luiz (Governador). Mensagem dirigida em 7 de Setembro de 1909 ao Congresso Legislativo do Pará, pelo Dr. João Antônio Luiz Coelho. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1909.

PARÁ (Estado). COELHO, João Antônio Luiz (Governador). Mensagem dirigida em 7 de Setembro de 1910 ao Congresso Legislativo do Pará, pelo Dr. João Antônio Luiz Coelho. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1910.

PARÁ (Estado). COELHO, João Antônio Luiz (Governador). Mensagem dirigida em 7 de Setembro de 1911 ao Congresso Legislativo do Pará, pelo Dr. João Antônio Luiz Coelho. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1911.

PARÁ (Estado). COELHO, João Antônio Luiz (Governador). Mensagem dirigida em 7 de Setembro de 1912 ao Congresso Legislativo do Pará, pelo Dr. João Antônio Luiz Coelho. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1912.

PARÁ. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Exmo. Sr. Dr. Enéas Martins, governador do Estado, em 7 de setembro de 1913. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará. 1913.

PARÁ. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Exmo. Sr. Dr. Enéas Martins, governador do Estado, em 1 de agosto de 1915. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará. 1915.

PARÁ. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo Exmo. Sr. Dr. Enéas Martins, governador do Estado, em 1 de agosto de 1916. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará. 1916.

PARÁ (Estado). SODRÉ, Lauro. Mensagem lida em 1ª de fevereiro de 1917 perante o Congresso Legislativo Estado do Pará pelo senhor Dr Lauro Sodré. Por ocasião de sua posse no cargo de Governador do Pará. Belém. Typ. da Imprensa Oficial do Estado 1917.

PARÁ (Estado). SODRÉ, Lauro. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará pelo senhor Governador Lauro Sodré. Em sessão solene de abertura da 2ª reunião da 10ª legislatura a 7 de setembro de 1919. Pará. Typ. da Imprensa Oficial do Estado, 1919

PARÁ (Estado). SODRÉ, Lauro. Mensagem apresentada ao Congresso do Legislativo do Estado do Pará pelo senhor Governador Lauro Sodré. Em sessão solene de abertura da 3ª reunião da 10ª legislatura a 7 de setembro de 1920. Pará. Typ. da Imprensa Oficial do Estado, 1920.

PARÁ (Estado). CASTRO, Antonio Emiliano de Sousa (Governador). Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solemne da 1ª reunião de sua 11ª legislatura, a 7 de Setembro de 1921, pelo governador do estado Dr. Antonino E. de Sousa Castro. Pará: Oficinas Graphicas do Instituto Lauro Sodré, 1921.

PARÁ (Estado). CASTRO, Antonio Emiliano de Sousa (Governador). Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado em sessão solemne da 2ª reunião de sua 11ª legislatura a 7 de Setembro de 1923, pelo governador do estado Dr. Antonino E. de Sousa Castro. Pará: Oficinas Graphicas do Instituto Lauro Sodré, 1923.

PARÁ (Estado). CASTRO, Antonio Emiliano de Sousa (Governador). Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado em sessão solemne da 2ª reunião de sua 12ª legislatura a 7 de Setembro de 1924, pelo governador do estado Dr. Antonino E. de Sousa Castro. Pará: Oficinas Graphicas do Instituto Lauro Sodré, 1924.

**Jornais:**

O Estado do Pará (1911 a 1921)

A Província do Pará (1920 a 1922)

Folha do norte (1912 a 1920)

Revista A semana ilustrada (1919 a 1926)

Revista Fon-Fon, dia 13 de Março de 1909.

**Álbuns:**

BELÉM. Intendência Municipal (1898-1911: A. J. de Lemos). *Álbum de Belém*. 15 de novembro de 1902. Paris: P. Renouard, 1902.

BELEM. Intendência Municipal. *O Município de Belém – 1908. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1908 pelo Exmo. Sr. Intendente António José de Lemos*. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1909.

OURIQUE, Jacques. O Estado do Pará na exposição nacional do Rio de Janeiro em 1908. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinguer, 1908.

PARÁ, Governador (1901-1909: A. Montenegro) *Álbum do Estado do Pará*. Paris: Chaponet, 1908.

Manual de Photographia, Rio de Janeiro: Editora Laemmert & Cia, 1896, p.VII. Disponível no site: <http://www.studium.iar.unicamp.br/15/07.html>

### Referências bibliográficas:

ABREU JR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: Rastros da Gripe Espanhola no cotidiano da cidade de Belém*. Belém: Paka-Tatu, 2018.

ARRAES, Rosa Maria Lourenço. *Paisagens de Belém: história, natureza e pintura na obra de Antônio Parreiras, 1895-1909*. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006. Programa de Pós-Graduação em História.

ALVES, Moema. . Representações de poder e propaganda política nas exposições de arte do Pará do início do século XX. Cantareira (UFF) , v. 01, 2012.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BENTES FILHO, Giovanni Roberto P. Do Norte ao Sul: missão do Cruzador “José Bonifácio” e a incorporação do pescador a um projeto de nação (1900-1930). (Dissertação) CCHLA/PPGH/UFRN. Natal-RN, 2018.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004.

BRAGA, Theodoro. *Guia do Estado do Pará*. Belém: Typ. Do Instituto Lauro Sodré, 1916.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro Editora Fiocruz, 1995.

CASTRO, A.R.M.; SANJAD, N.R.; ROMEIRO, D.S. Da pátria da seringueira à borracha de plantação: Jacques Huber e seus estudos sobre cultura das Heveas no Oriente. *Boletim do museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas*, V.4, p. 503-545, 2009.

CASTRO, Anna Raquel de Matos. *Do ponto de vista do cientista: Jacques Huber e a borracha na Amazônia (1907-1914)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

CASTRO, Anna Raquel de Matos. *Do ponto de vista do cientista: Jacques Huber e a borracha na Amazônia (1907-1914)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

CANCELA, Cristina Donza. Casamentos e relações familiares na economia da borracha. (Belém, 1870 a 1920). 343 f. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades. In: A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Helouise. Da fotografia de imprensa ao fotojornalismo. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.6, n.I-2, p. 75-86, jan-dez 1993.

CRUZ, Ernesto. História do Pará. Belém, Governo do Estado do Pará, 1973.

\_\_\_\_\_. Temas de História do Pará. Belém: SPVEA, 1960.

CHOAY, Françoise. “A natureza urbanizada: a invenção dos ‘espaços verdes’”. *Projeto História*, nº 18 (1999), pp. 103-106.

DE CASTRO, Raimundo Nonato. Uma revista ilustrada: A Semana e o olhar sobre a Amazônia (1917-1923). *Brocar. Cuadernos de Investigación Histórica*, n. 42, p. 209-236, 2018.

DUARTE, Regina Horta. “À sombra dos fícus: cidade e natureza em Belo Horizonte”. In: *Ambiente & Sociedade*. Campinas v. X, nº 2 (2007).

FARIAS, William Gaia. *A construção da República no Pará (1886-1897)*, Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

FENELON, Déa, Ribeiro. São Paulo: Patrimônio Histórico-Cultural e Referências Culturais. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 18, 1999 p. 289-294.

FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005>>.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Páginas antigas: uma introdução a leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. *Margens*, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 245-266, maio 2016.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. (2001), *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*. Campinas. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas.

FONTES, Edilza J. O. “Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 - 1935)”. *Revista Estudos Políticos*, v. 7, p., 2013, pp. 131-151.

HOBSBAWM, E.A Era dos Impérios (1875-1914). 8ª Edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003.



JURANDIR, Dalcídio. Belém do Grão Pará. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte).

KOSSOY, Boris. Origens e expansão da fotografia no Brasil - século XIX. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980 \_\_\_\_\_. Fotografia e História. São Paulo: Ática, 1990.

Lacerda, Franciane Gama. Cidade Viva: Belém do Pará na virada do século XIX para o XX. In: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (Orgs). Belém do Pará: História, Cultura e Cidade, para além dos 400 anos. Belém: Editora Açaí, 2016.

LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Açaí, 2010.

LEAL, Elisabete da Costa. O calendário republicano e a festa cívica do descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista. História (São Paulo), v. 25, p. 64-93, 2006.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (coord). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153.

MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. A cozinha mestiça: uma história da alimentação em Belém (fins do século XIX a meados do século XX). 2016. 323 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

MARTINS, Maria José Moraes. *Gripe espanhola em Belém, 1918: Cidade, cotidiano e medicina*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

MOURA, Daniella de Almeida. A República paraense em festa (1890-1911). 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém..

PENTEADO, A. R. Belém do Pará: Estudo de Geografia Urbana. Volume 1. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. Universidade Federal do Pará - UFPA, 1968.

PEREIRA, Pablo Nunes. A Marinha de Guerra na Amazônia: segurança e modernização (1890-1918). 2017. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2017. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. *Paisagens urbanas: fotografias e modernidades na cidade de Belém*. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

RONCAYOLO, Marcel. “Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais”. *Projeto História*, nº 18 (1999).

ROCQUE, Carlos. *A história de A Província do Pará*. Belém: Mitograph, 1976.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*.

Belém: Paka-Tatu, 2000.

\_\_\_\_\_. *Memórias do “Velho Intendente”* Antonio Lemos. Belém: Paka-Tatu, 2002;

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz 1980.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; SIQUEIRA, Thaís Christina Coelho . *Fotojornalismo na imprensa de Belém: 1900-1950*. BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH (ONLINE), v. 11, p. 30-51, 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.ed, São Paulo: Mauad, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. 1. ed. Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade*. In: SEVCENKO. Nicolau. *História da Vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, vol.3.

VIEIRA, Elis Regina Corrêa. *Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917- 1924)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1993.

ZANNON, Maria Cecília. "Fon-Fon—Um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque." *Patrimônio e Memória* (2005).